U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

2.º CICLO DE ESTUDOS

Culturas, rituais e interações no Vale do Amanhecer no Crato CE-BR. Estudo de caso alargado de uma cena cultural contemporânea

Yatan Alves da Silva

M

2022

Yatan Alves da Silva

Culturas, rituais e interações no Vale do Amanhecer no Crato CE-BR. Estudo de caso alargado de uma cena cultural contemporânea

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022

Yatan Alves da Silva

Culturas, rituais e interações no Vale do Amanhecer no Crato CE-BR. Estudo de caso alargado de uma cena cultural contemporânea

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares

Membros do Júri

Professor Doutor

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida:

Dedico esta pesquisa às mulheres de maior importância em minha vida, mulheres que em suas singularidades e grandezas são as mães em minha trajetória à Paula Samara e à Neiva Chaves Zelaya.

Sumário

Declaração de Honra 3
Agradecimentos 4
Resumo 5
Abstract 6
Índice de Figuras 7
Índice de Tabelas 8
INTRODUÇÃO 9
CAPÍTULO 1. ENTRANDO NO VALE DO AMANHECER 11
1.1. A Clarividente Neiva, fundadora do Vale do Amanhecer 11
1.2. A(s) Comunidade(s) Vale do Amanhecer 16
1.2.1. A Comunidade Vale do Amanhecer no Crato - CE - BR 18
CAPÍTULO 2. MATERIALIDADES ESPIRITUAIS: UM PARADOXO MUITO PROPEDÊUTICO 24
2.1. Uma aproximação às cenas culturais 28
2.2. Identidade, interacções e rituais 31
2.3. Universo interacional e ritualístico do Vale do Amanhecer 33
CAPÍTULO 3. APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS 40
3.1. Recursos utilizados 44
CAPÍTULO 4. AS CENAS DO VALE DO AMANHECER 45
CAPÍTULO 5. REPERTÓRIOS, IMAGINÁRIOS E ESTÉTICAS DO VALE DO AMANHECER 58
5.1. A materialidade dos Jaguares 65
CAPÍTULO 6. SOCIABILIDADES INFINITAS NUMA CENA 83
CONCLUSÕES FINAIS E LEGADO 99
Referências Bibliográficas 102
ANEXOS 108
Anexo 1 Guião de Entrevista em Profundidade 109
Anexo 2 Termo de Consentimento Informado 114
Anexo 3 Guião de Observação Participante 116
Anexo 4 Diários de Campo e Registos de Observação Participante e Observação Direta 117
Anexo 5 Falanges Missionárias 145
Anexo 6 Mapeamento do Vestuário do Vale do Amanhecer Masculino 148
Anexo 7 - Mapeamento do Vestuário do Vale do Amanhecer Feminino 159

Anexo 7 Mapeamento dos Seres Espirituais Equivalentes ao Vestuário do Vale do Amanhecer 159

Anexo 8 Categorias e Subcategorias para Análise Categorial Vertical 170

Anexo 9 Sujeitos da Pesquisa 173

Declaração de Honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2022/09/30

Yatan Alves da Silva

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Professora Doutora Paula Guerra, minha querida e atenta orientadora. Amiga de tantas horas e de enorme coração que ao longo de todos estes meses de empenho partilhou saberes, vivências e afetos múltiplos, agradeço por ter apresentado os grupos de investigação KISMIF e Todas as Artes, tão caros a esta investigação!

Agradeço à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por intermédio de seus colaboradores, por ter possibilitado meu alcance às ferramentas necessárias para construção desta pesquisa.

Agradeço à Paula Samara, minha amada mãe, que sempre foi a principal força que me impulsionou para os estudos e para o mundo. Sou grato por todo companheirismo, amor e cuidados. Sei que não há neste mundo outra mãe que se iguale à senhora!

Agradeço à Neuza Alves, minha amada avó, grandiosa missionária que sempre me ensinou que o melhor é aprender a conquistar e não viver das grandezas descobertas por terceiros. Agradeço por ter me apresentado o Amanhecer de Neiva e Seta Branca.

Agradeço à Seta Branca pela sua obra monumental, construída por intermédio da Clarividente Neiva, através de sua força, coragem, determinação e acima de tudo seu amor devotado.

Agradeço à Neiva Chaves Zelaya por todos os ensinamentos e amor partilhado.

Agradeço à Jheine Alves, querido amigo estelar, que acompanhou de perto e muito contribuiu com as miudezas desta pesquisa.

Agradeço à Juliana Queires, amiga de muitas horas, muitas partilhas e afetos. Nem mesmo toda distância nos pôde separar.

Agradeço a todos e todas que aceitaram participar e contribuíram para construção desta grande colcha de retalhos. Sim! Esta pesquisa é uma grande colcha de retalhos composta pelas histórias, imagens e sentimentos de cada um que foi entrevistado e nestas páginas deixou um pouco da impregnação de suas identidades. Esta pesquisa é sobre cores e afetos.

Resumo

Esta pesquisa incide sobre uma pequena comunidade rural e mística chamada Vale do Amanhecer situada na cidade do Crato, no Brasil. A nossa perspetiva sociológica tomará forma a partir dos rituais e interacções que decorrem no interior da comunidade, vivificadas na figura de seus actores sociais que, munidos da materialidade cultural inerente àquele espaço geográfico, constroem narrativas sobretudo visuais. Assim, este contexto cultural, social e espacial específico propiciou a problematização sociológica dos espaços, tempos e materialidades das interacções simbólicas no Vale do Amanhecer – na linha do pós-estruturalismo – com vista à explicação e à compreensão da reconfiguração de uma cena cultural local, translocal, virtual e afetiva (Bennett & Peterson, 2004; Guerra, 2021a, 2021b, 2021c). Herdeiros do interacionismo simbólico (Goffman, 1999, 2011) e dos *cultural studies* (Hebdige, 2018), os pós-estruturalistas defendem a existência de uma virada cultural no final dos anos 1990 (Guerra & Quintela, 2018). Nesta senda, podemos perspetivar a reconstituição da cena cultural do Vale do Amanhecer como sendo composta por um grupo populacional, cuja composição é relativamente estável - de acordo com uma vasta gama de variáveis sociológicas - e cujo envolvimento na espiritualidade adquire a forma de uma exploração em curso de um ou mais idiomas simbólicos, ancorados numa herança histórica. Trata-se de um espaço cultural em que um conjunto de práticas culturais, artísticas e rituais coexistem e interagem direta e indiretamente dentro de uma variedade de processos de diferenciação e de acordo com diferenciadas trajetórias de mudança e fecundação cruzada (Straw, 1991; 2006; Guerra, 2020d). Do ponto de vista da aproximação empírica, delineamos uma abordagem qualitativa fundada num estudo de caso alargado onde acionamos - durante aproximadamente um ano - técnicas de recolha de dados decorrentes da observação etnográfica participante e da realização de entrevistas aprofundadas a actores chave das interacções e rituais no tempo e no espaço do Vale. No final, propomos a (re)construção da materialidade desta cena através da realização de um arquivo acerca das roupagens/vestuários/artefactos utilizados nos diferentes rituais de interacção desta cena.

Palavras-chave: Cenas culturais, interacção, rituais, identidades, memórias.

Abstract

This research focuses on a small rural and mystical community called Vale do Amanhecer located in the city of Crato, Brazil. Our sociological perspective will take shape from the rituals and interactions that take place within the community, enlivened in the figure of its social actors who, armed with the cultural materiality inherent to that geographical space, build narratives, above all visual. Thus, this specific cultural, social and spatial context provided the sociological problematization of spaces, times and materialities of symbolic interactions in Vale do Amanhecer – in the line of post-structuralism – with a view to explaining and understanding the reconfiguration of a local cultural scene, translocal, virtual and affective (Bennett & Peterson, 2004; Guerra, 2021a, 2021b, 2021c). Heirs of symbolic interactionism (Goffman, 1999, 2011) and cultural studies (Hebdige, 2018), poststructuralists defend the existence of a cultural turn in the late 1990s (Guerra & Quintela, 2018). In this way, we can envision the reconstitution of the cultural scene of Vale do Amanhecer as being composed of a population group, whose composition is relatively stable - according to a wide range of sociological variables - and whose involvement in spirituality takes the form of an exploration in course of one or more symbolic languages, anchored in a historical heritage. It is a cultural space in which a set of cultural, artistic and ritual practices coexist and interact directly and indirectly within a variety of differentiation processes and according to different trajectories of change and cross-fertilization (Straw, 1991; 2006; War, 2020d). From the point of view of an empirical approach, we outlined a qualitative approach based on a broad case study where we used - for approximately one year - techniques for collecting data resulting from participant ethnographic observation and conducting in-depth interviews with key actors in the interactions and rituals in the time and space in the Valley. In the end, we propose the (re)construction of the materiality of this scene through the creation of an archive about the clothes/clothing/artifacts used in the different rituals of interaction of this scene.

Keywords: Cultural scenes, interaction, rituals, identities, memories.

Índice de Figuras

Figura 1 Neiva chaves Zelaya 11
Figuras 2 Estátua do Pai Seta Branca, presente no Templo Mãe em Planaltina - DF, ao lado imagem do Pai Seta Branca 13
Figura 3 Neiva e seu companheiro Mário Sassi 16
Figuras 4 Vale do Amanhecer - Templo Mãe Planaltina - DF 17
Figura 5 Mapa do Vale do Amanhecer de Planaltina - DF em 23.03.2022 18
Figura 6 Comunidade Vale do Amanhecer do Crato em 09.12.2018 19
Figura 7 Mapa do Vale do Amanhecer do Crato em 23.03.2022 19
Figura 8 Pirâmide do Vale do Amanhecer do Crato em 13.02.2022 22
Figuras 9 Edificações e monumentos do Vale do Amanhecer do Crato em 17.02.2022 24
Figuras 10 Neiva e suas indumentárias de uso exclusivo. 26
Figura 11 Cartaz dos Magos e Nityamas para o 1.º de Maio, divulgado em 01.04.2022 37
Figura 12 Mapa Cruz do Caminho 86
Figura 13 Mapa Aledá no Ritual do Casamento 88
Figura 14 Mapa do Turigano 90
Figura 15 Página Inicial do Arquivo 101

Índice de Tabelas

Tabela 1 Funções Específicas 33
Tabela 2 Rituais externos 34
Tabela 3 Rituais internos 34
Tabela 4 Rituais internos (cont.) 35

INTRODUÇÃO

Esta investigação constrói-se em torno de um estudo de caso alargado (Burawoy, 1998) centrado na comunidade Vale do Amanhecer, que se localiza na região do Cariri, especificamente na cidade do Crato - Ceará (Brasil). Na verdade, a adoção do estudo de caso alargado vai ao encontro da ideia defendida por Michel Burawoy, isto é, da implementação de uma ciência reflexiva: "Historicamente, a pesquisa interna foi realizada em estudos etnográficos nas disciplinas de antropologia e sociologia" (Hellawell, 2006 in Fleming, 2018: 19), é importante salientar que enquadro-me na condição de *insider researcher*, por ser um membro da comunidade e por realizar observação participante, no sentido antropológico, e trabalho etnográfico.

O nosso principal objetivo assentou na compreensão dessa comunidade, isto é, das suas práticas, rituais, memórias e dinâmicas vivenciais, tendo como ponto de partida o reconhecimento da importância da cultura material. Esta noção de cultura material nos remete à década de 1990 - aquando da viragem cultural, principalmente no que diz respeito ao olhar sociológico face às interacções grupais – ou seja, a uma espécie de neotribalismo contemporâneo. Neste sentido, a pergunta de partida que dá norte a esta investigação apresenta-se da seguinte forma: **Será que o Vale do Amanhecer do Crato (re)configura - na contemporaneidade - uma cena cultural local - translocal – virtual – afetiva - por via das materialidades expressas nas suas interacções simbólicas e rituais?** Dito isto e apoiando-nos nos contributos de Guerra (2020c, 2020d, 2021b) delimitamos os seguintes objetivos de pesquisa:

(1) Explicar e compreender a emergência da Comunidade/Cena Vale do Amanhecer do Crato por via da cultura material e sua expressividade quotidiana.

(2) Mapear, explicar e compreender os elementos e manifestações da cultura material associados à apresentação de si nas interacções e rituais no Vale do Amanhecer do Crato.

(3) Identificar e refletir as dinâmicas de pertença identitária ínsitas às sociabilidades (gostos, pertenças, afetividades, simbologias, usos) no tempo e no espaço associadas à cultura material na contemporaneidade do Vale.

(4) Desenhar e propor um arquivo da cultura material do Vale do Amanhecer do Crato fundado em objetos/artefactos identificados como significativos por parte dos actores sociais em presença.

Finalmente, é de importância referirmos a estruturação em cinco capítulos desta Dissertação. Assim, no primeiro capítulo é apresentada a contextualização sobre o Vale do Amanhecer, sua fundadora Neiva e a construção da comunidade Vale do Amanhecer na cidade do Crato, apresentando deste modo o espaço onde ambienta-se nossa pesquisa. No segundo capítulo apresentamos um apanhado de "leituras" sobre cultura material, identidade, interacções e rituais, bem como o mapeamento dos elementos e manifestações da cultura material associados à apresentação de si nas interacções e rituais no Vale do Amanhecer do Crato. No nosso terceiro capítulo é apresentada a base e a problemática teórica que darão sustentação à nossa abordagem, bem como as opções técnicas e metodológicas que escolhemos.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação da análise realizada aos materiais empíricos recolhidos, ao longo do processo de investigação, mais concretamente os discursos de 18 entrevistados incidindo a nossa abordagem sobre suas trajetórias e contextos pessoais face aos seus ingressos no Vale do Amanhecer. Nosso quinto capítulo estrutura-se com um enfoque central nas questões que dizem respeito à cultura material da comunidade, suas relações com o vestuário, rituais e interacções ambientadas no seio da comunidade. Sucintamente, neste capítulo iremos apresentar uma análise de conteúdo vertical e horizontal. Em relação ao nosso sexto e último capítulo é aqui que buscamos identificar e refletir sobre as dinâmicas de pertença identitária ínsitas às sociabilidades (gostos, pertenças, afetividades, simbologias, usos) no tempo e no espaço associadas à cultura material na contemporaneidade do Vale – reconstruindo uma cena. E por fim, traçamos as conclusões e perspetivas futuras desta investigação com a elaboração de um arquivo construído com a participação dos actores sociais da comunidade/cena Vale do Amanhecer entrevistados nesta investigação.

CAPÍTULO 1. ENTRANDO NO VALE DO AMANHECER

Para darmos o primeiro passo nesta investigação é importante respondermos a uma pergunta: **o que é o Vale do Amanhecer?** Pois, não podemos chegar à comunidade do Vale do Amanhecer do Crato sem antes apresentarmos toda a herança inerente a esta comunidade, bem como a história referente à sua criação. A primeira comunidade conhecida por Vale do Amanhecer foi fundada nos anos de 1969, por Neiva Chaves Zelaya, presente na Figura 1.

1.1. A Clarividente Neiva, fundadora do Vale do Amanhecer

Figura 1 Neiva chaves Zelaya



Fonte: https://www.ak9.com.br/_AlbumTia/album-2.php

Neiva Chaves Zelaya, nascida Neiva Seixas Chaves, nasceu na cidade de Própria na Paraíba. No ano de 1949, com 24 anos e quatro filhos, Neiva ficou viúva e teve que buscar seu sustento para que assim não fosse necessário retornar para a casa dos seus pais (Lucena, 1992). Neiva deu início ao seu percurso profissional na cidade de Ceres, onde montou o *Foto*

Neiva, espaço construído para tirar retratos e vender material fotográfico, após um período mudou seu percurso profissional por orientação médica (Reis, 2008; Zelaya, 2009; Queiroz, 2015). Embora Neiva estivesse inserida em um contexto social, político e económico conservador, ela comprou um camião e tornou-se a primeira mulher a obter a carta de condução profissional no Brasil, e em seu camião transportou cargas por grande parte do território nacional. Segundo Reis (2008: 145) foi no ano de 1954 que Neiva se fixou em Goiânia-GO junto de seus filhos, e passou a conduzir colectivos urbanos, nomeadamente autocarros. Após 3 anos, em 1957, recebeu convite de Bernardo Sayão, seu padrinho de casamento, para auxiliar na construção da nova capital brasileira – Brasília –, deste modo, Neiva mudou-se, juntamente com os filhos, para o Núcleo Bandeirante[1], ponto central das obras da nova cidade, e trabalhou como motorista de camião, (Reis, 2008: 150) na Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), empresa oficial encarregada da construção de Brasília.

Já nos anos de 1957 Neiva passa a sentir e presenciar situações estranhas, ao menos para uma mulher de família estritamente religiosa nos cânones tradicionais, pois Neiva passa a vivenciar e experienciar fenómenos sobrenaturais (Lucena, 1992; Zelaya, 2009), ouvindo vozes, vendo vultos, vendo tudo aquilo que, posteriormente, ela própria identificaria como espíritos, ou seja, aparições extra-sensoriais de seres que estariam do 'outro lado do véu', ou nas palavras de Reis "entes que se anunciavam extra-humanos e a interacção com mundos estranhos à dimensão terreal" (2008: 151). Durante este processo Neiva buscou auxílio em todos os âmbitos que lhe foram possíveis, dessa forma buscou padres católicos, que infelizmente, asseveraram que Neiva estaria num quadro de possessão e devido estes acontecimentos veio a ser afastada do convívio da Igreja Católica Apostólica Romana.

Não obstante procurou auxílio entre pastores, freiras e ao perceber que não estava recebendo respostas dos sacerdotes tradicionais que ela tinha conhecimento, mas que na verdade estava enlouquecendo acabou buscando na medicina através da psiquiatria uma resposta. Resposta esta que também não era esperada, pois o próprio psiquiatra acaba por atestar que Neiva experienciava fenómenos sobrenaturais (Reis, 2008: 152), tão logo uma

[1] O Núcleo Bandeirante, conhecido atualmente como Cidade Livre, foi a região administrativa que recebeu diversos trabalhadores que se empenharam na construção da atual capital brasileira: Brasília; Neiva, assim como muitos outros e outras, era uma candanga e fixou morada no Núcleo Bandeirante para que fosse possível trabalhar na construção da nova capital do país.

resposta insatisfatória, pois ela queria tão somente seguir a sua vida a trabalhar e cuidar dos seus filhos. Seguindo este roteiro e desenganada pelos meios mais convencionais, Neiva viu-se em uma busca por respostas entre os meios ditos espiritualistas à sua época. Deste modo buscou esclarecimentos entre os espíritas, que no Brasil chamam-se kardecistas, e entre os povos de matrizes africanas, nomeadamente povos de Umbanda (Lucena, 1992).

Nesse período, Neiva percebeu que talvez seria interessante parar e escutar aquilo que os espíritos tentavam comunicar-lhe (Lucena, 1992: 10). Foi assim que Neiva passou a escutar uma senhora lhe que aparecia em uma cadeira de rodas, uma figura muito singela que chamava-se Adelina (Zelaya, 1985: 27), essa senhora por sua vez, posteriormente, se apresentaria como Yara. Este espírito tinha o objetivo de esclarecer e abrandar o coração de Neiva para a grande missão que ela teria como Clarividente (Zelaya, 1985), por mais que ainda fosse desconhecido esse ser chamado Yara na verdade era, e ainda é, o espírito que caminha lado a lado do espírito, de nome, Seta Branca - líder espiritual do Vale do Amanhecer e mentor de Neiva - carinhosamente chamado por nós, que fazemos parte do Vale do Amanhecer, de Pai Seta Branca[2] presente na Figuras 2.

Figuras 2 Estátua do Pai Seta Branca, presente no Templo Mãe em Planaltina - DF, ao lado imagem do Pai Seta Branca



Fonte: o autor

Há relatos de que Neiva ao perceber a grande missão que teria, de reunir na Terra os antigos Jaguares[3], compreendeu a grandiosidade do espírito de Seta Branca que apareceu-lhe em

[2] Entidade sobre-humana reconhecida por nós, adeptos, como o "dirigente espiritual do Vale do Amanhecer". Mentor mais representativo e a quem se destinam o maior número de referências ritualísticas e as deferências devocionais mais contumazes no seio doutrinário do Amanhecer. Ver mais em Reis, 2008: 124-128.

[3] No imaginário do Vale do Amanhecer, em tempos remotos, existiu uma tribo que de tempos em tempos se reunia na Terra sob o comando de Seta Branca. Primeiramente se chamaram Equituman, em seguida Tumuchys

sua forma espiritual, com seus cinco metros de altura enquanto Neiva possuía aproximadamente um metro e 50 centímetros, trajando seu vestido azul, portando seu grande cocar cheio de penas e carregando a sua seta alva. Neste dia Seta Branca ao comunicar com sua protegida, Neiva, marcou-lhe no peito a insígnia de uma seta, que fisicamente marcou o seio de Neiva como quem foi ferrada a ferro e fogo. Somente a partir daí, cada dia mais, a cumplicidade foi ganhando espaço na relação entre Neiva e Seta branca e juntos passaram a caminhar (Zelaya, 1985).

Já nos anos de 1959, Neiva, residindo na Serra do Ouro (Sassi, 1979; Zelaya, 2009), recebeu orientação de Pai Seta Branca para fundar a União Espiritualista Seta Branca[4] (UESB), neste período, numa fase inicial do desenvolvimento espiritual e mediúnico de Neiva, ela recebeu auxílio de uma mulher espírita conhecida pela alcunha de ”Mãe Neném” (Reis, 2008: 155; Queiroz, 2015: 48). Neste período, os visitantes/pacientes eram atendidos, em um templo experimental, por aqueles que ali residiam, o templo era simples em suas estruturas de madeira e palha (Sassi, 1979). É válido salientar que Neiva “mantinha ali também um albergue, a que chamavam de hospital, e um orfanato em que viviam aproximadamente 80 crianças” (Zelaya, 2009: 140) e para o sustento de todos era necessário realizar atividades como plantar, fazer farinha para vender, pegar fretes e tudo mais o que fosse possível para manter tudo em condições (Zelaya, 2009). Podemos asseverar que “a representação de Pai Seta Branca [...] trata-se de uma hierofania demarcada pelo amor, pela paz e pela sabedoria acumulada através das experiências de uma longa jornada existencial” (Reis, 2008: 128). Lucena, que foi um membro ativo e importante para o Vale do Amanhecer, responsável pela edição da autobiografia de Neiva apresenta o escrito aquando da formação oficial do grupo UESB.

> No 12 de abril de 1959 em Brasília Núcleo Bandeirante Capital da República do Brasil. Seta Branca nosso mentor e guia espiritual; nos convida a formar um grupo de trabalhos, de caridade cristã. Este grupo segundo orientação; terá uma grande responsabilidade, diante de Deus. E está designado para produzir fenômenos, que servirão para abrir os olhos dos que não querem ver, e ouvir a palavra do Pai. Tomando nossas mãos com amor e carinho de pai amoroso; Seta Branca

e por fim Jaguares, no último século estes seres se tornaram os seguidores da Clarividente Neiva, novamente sob o comando de Seta Branca. Em referência a esta história todos os adeptos do Vale do Amanhecer são conhecidos como Jaguares ou a Tribo do Jaguar.

[4] A União Espiritualista Seta Branca (UESB) foi a primeira organização fundada por Neiva, onde aglutinou sua família e seus primeiros seguidores, para dar início a trabalhos caritativos de caráter espiritual e social. A organização surgiu em função das orientações do espírito de Seta Branca, mentor de Neiva Chaves Zelaya (Reis, 2008).

> depois de dar todas as explicações das responsabilidades que iríamos assumir diante da espiritualidade Maior. Convida-nos a meditar sobre os compromissos (assim) que se prestaria naquele momento. Declarando-nos que ficaria registrado nos livros divinos. Todos sem excitação colocando a mão direita sobre a de nosso mentor, que se comunicava no aparelho mediúnico de nossa dileta irmã Neiva Chaves Zelaya. Fizemos o juramento. Dizendo-nos o nosso amado Chefe palavras de alta espiritualidade. Naquele momento estava constituído o grupo da União Espiritualista Seta Branca. Nome este ditado pela Iara. (Lucena, 1992: 31-32)

Após alguns anos de trabalho mediúnico, caritativo e, de algum modo, social prestado àqueles que chegavam até a UESB, fossem as crianças órfãs, os idosos, doentes ou desabrigados, houve a cisão e dissolução do grupo espiritualista. Isto decorreu-se por força de dissonâncias face às orientações espirituais, resultando na formação de dois grupos: os seguidores de Neném, que permaneceram na Serra do Ouro (Lima, 2019: 99), e os seguidores de Neiva que seguiram para cidade de Taguatinga[5] (IPHAN, 2010: 7) no ano de 1964. Neste mesmo ano foi fundado por Neiva Chaves Zelaya a organização Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC), nome jurídico do Vale do Amanhecer. Cavalcante recorda que:

> tempos depois, passou a residir na comunidade uma pessoa de suma importância à vida pessoal e à carreira religiosa de Neiva. Trata-se de seu terceiro e último companheiro, Mário Sassi, com quem Neiva passou a elaborar grande parte dos princípios de sua doutrina religiosa. (Cavalcante, 2011: 58)

Existe um registo audiovisual onde o próprio Mário Sassi, visível na Figura 3, revela que antes existia a UESB, mas somente posteriormente Neiva, sua companheira, e ele fundaram juntos o Vale do Amanhecer. Zelaya ao falar do padrasto em relação à sua mãe o identifica como "o 'intelectual' Mário Sassi, tradutor das coisas por ela 'trazidas do Céu'" (2009: 133). Neiva ao falar de Mário Sassi usa as seguintes palavras:

> Somos almas afins, nós amamos muito e hoje, 1985, temos 20 anos juntos e abraçamos nossa vida conjugal com muito amor. Juntos, temos o nosso amor incondicional, dentro da doutrina, a minha realização, por ter ao meu lado o Mestre Jaguar Tumuchy Mário Sassi. (Zelaya, 1985: 152)

Após aproximadamente cinco anos de atividade, mais uma vez, o grupo comandado por Neiva e Seta Branca - mentor espiritual - tiveram de mudar, embora desta vez por questões referentes ao terreno que havia sido cedido e nesta altura havia sido pedido de volta pelo proprietário (Lima, 2019).

[5] Taguatinga é uma região administrativa do Distrito Federal brasileiro, cidade escolhida pelo Pai Seta Branca, no ano de 1964, para que Neiva, seus familiares e parte de seus seguidores migrassem para fixar nova morada. Esta mudança foi ocasionada com a dissolução da antiga União Espiritualista Seta Branca, gerando assim uma dicotomia, expressa em dois grupos (Reis, 2008).

Figura 3 Neiva e seu companheiro Mário Sassi



Fonte: o autor.

1.2. A(s) Comunidade(s) Vale do Amanhecer

Segundo a linguagem do IPHAN[6] (2010: 9), seguindo a sua métrica cartesiana e pouco emotiva, Neiva teve uma visão com *Seta Branca* que lhe ofereceu orientações de caráter espiritual para construir nos arredores da cidade de Planaltina uma comunidade mística, que até os dias atuais é conhecida como Vale do Amanhecer expresso na Figuras 4 e Figura 5, porém como já fora referido por nós a trajetória da Clarividente Neiva junto ao Pai Seta Branca é mais estreita e afetiva do que imagina-se a partir do documento do IPHAN. No ano de 1969 Neiva passava por um período no qual a vida financeira dela e de seus filhos encontrava-se mais estabilizada, porém pelas questões que diziam respeito ao terreno onde se encontravam, mencionado anteriormente, e seguindo orientação do Pai Seta Branca mais uma vez Neiva e seu grupo mudam e fixam-se em novo terreno.

Assim, “o lugar seria chamado de Templo do Amanhecer, mas Tia Neiva pede a Pai Seta Branca que mude para ‘Vale do Amanhecer’ devido à geografia do local" (Zelaya, 2009: 143). Sassi (1979), companheiro de Neiva, acompanhou todos os processos de evolução do

[6] Faz-se interessante salientar que em 04 de Agosto de 2000, com a concretização do decreto de nº 3551, foi instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou-se o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial no Brasil, IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que tem realizado políticas públicas voltadas ao reconhecimento dos chamados bens culturais de natureza imaterial. Nesta seara, pode-se apontar que o IPHAN do Distrito Federal registou no ano de 2010 o Vale do Amanhecer como patrimônio imaterial do Brasil no Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC (IPHAN, 2010).

Vale do Amanhecer, sendo testemunha ocular do surgimento da primeira escola do Amanhecer, assim como o surgimento de empreendimentos, que pudessem auxiliar os membros do Vale do Amanhecer economicamente, como o primeiro salão de costura, o espaço destinado às comemorações e festividades que eram promovidas para arrecadar fundos em pró das construções doutrinárias, como Estrela Candente, Turigano e Estrela Sublimação. Nos anos de 1974, aconteceu a inauguração do Templo de pedras e a chegada da escultura de Pai Seta Branca no Templo, onde encontra-se até hoje, no mesmo ano aconteceu a inauguração da Estrela Candente. Nos anos de 1978 o Lago de Yemanjá foi inaugurado, no ano seguinte, 1979, decorreu a inauguração da Pirâmide e da Cabala de Delfos, nos anos de 1980 inaugurou-se o Turigano e por último, nos anos de 1985, deu-se a inauguração da Estrela Sublimação, edificação que finalizou o conjunto arquitetônico do Vale do Amanhecer. Desde a sua fundação até o falecimento de sua fundadora, em 15 de Novembro 1985, esta comunidade foi palco de muitas transformações, principalmente no sentido de expansão no espaço geográfico (Queiroz, 2015), que compuseram o seu próprio universo místico ao estilo *New Age* popular, dos anos de 1985 até os dias atuais, contando pouco mais de meio século, é possível perceber a continuidade da comunidade por parte de seus adeptos dando prosseguimento e manutenção às ritualísticas deixadas por sua fundadora.

Figuras 4 Vale do Amanhecer - Templo Mãe Planaltina - DF



Fonte: o autor

Figura 5 Mapa do Vale do Amanhecer de Planaltina - DF em 23.03.2022



Fonte:https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1xt54uLIzz4XPaB5IhMkjVDJ5NfI&hl=pt-BR&ll=-15.675882542199098%2C-47.652118684282 69&z=16

1.2.1. A Comunidade Vale do Amanhecer no Crato - CE - BR

Na região do Cariri, na cidade do Crato, fundou-se nos anos 1986 o primeiro Templo do Amanhecer da região. Este pequeno templo seria o prenúncio do que hoje conhecemos como a comunidade Vale do Amanhecer, inaugurada no início dos anos 2000. Lima (2019) nos apresenta o testemunho do primeiro dirigente do Templo do Amanhecer na região do Cariri.

> Tínhamos uma ideia da futura missão, mas não sabíamos onde e nem como seria [...] Um dia, após ter tido uma visão em que Pai Seta Branca lhe mostrara o local onde deveria ser o Templo-Pai, o Chico trabalhando na mesa evangélica no Templo-Mãe, me disse: Batista se você me der um mapa eu te mostro. Eu vi o mapa do Nordeste com um monte de luzes, e tinha um lugar que a luz era maior. Pai João nos disse que a gente vinha fazer o Templo-Pai. Isso também foi comunicação da tia Neiva com os outros Adjuntos. A princípio, eu falava para Sônia: quando eu me aposentar e as crianças já tiverem grandes, vou colocar um Templo em Ponta Porã–MS. Na época, eu trabalhava no Serviço Nacional de Informações (SNI), ligado à Segurança da Presidência da República, e estava de plantão, sabendo que a Tia estava internada, quando ouvi no rádio que nossa querida tia Neiva falecera e que o corpo seria velado no Templo-Mãe. Ela faleceu no dia 15 de novembro de 1985. Eu e Chico tínhamos conversado que, quando ela desencarnasse, a gente ia ter que tomar uma decisão na nossa vida. Tivemos um ano de preparação. Nós tínhamos um pensamento em comum, não foi uma entidade espiritual que nos mandou, foi um pensamento coletivo. Após um ano, Pai João de Enoque incorporou e disse: vocês vão para o Nordeste. (2019: 159-160)

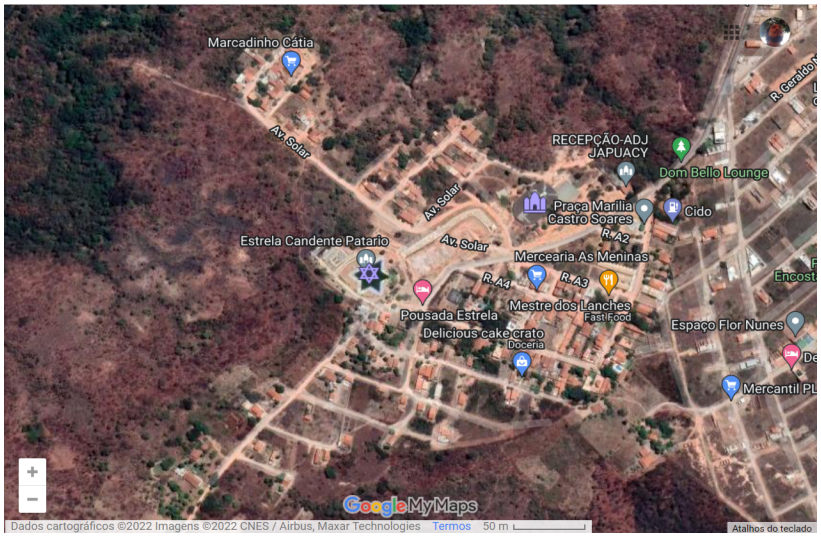
Dito isto, é possível asseverar que a segunda comunidade inspirada na obra de Neiva, possuindo o mesmo nome - Vale do Amanhecer - surge na cidade do Crato - Ceará, nas Figura 6 e Figura 7, e se desdobra em um intenso processo de interacções no qual é possível identificar a partilha de diversos bens simbólicos e materiais, integrados em um espaço criado para este fim, e que se mantém, principalmente, pela solidariedade social em torno de seu próprio universo ritualístico-doutrinário complexo. Composto de elementos que vão ao encontro da espiritualidade de matrizes distintas-rizomáticas, mas integrados em um conjunto coeso e unificado em torno da manutenção da assistência comunitária a todos os agentes sociais que ali se encontram.

Figura 6 Comunidade Vale do Amanhecer do Crato em 09.12.2018



Fonte: o autor

Figura 7 Mapa do Vale do Amanhecer do Crato em 23.03.2022



Fonte:https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=19B3aI6hj9grpUo9GN1YdN-GPsjI&ll=-7.260239625736791%2C-39.40998084679423&z=17

A composição destes elementos que vão ao encontro da espiritualidade e são pertencentes à matrizes distintas, atrelados a um mesmo universo simbólico, construído, se faz propícia devido um intenso processo de hibridação (Canclini, 2015) que alimenta e sustenta esta comunidade que se constrói em acordo com as características de um movimento *New Age* Popular. Em rasas linhas, pode-se apontar que neste âmbito o universo da comunidade se faz possível por intermédio da heterogeneidade de práticas e de crenças, privilegiando a pluralidade congregada em seus espaços de sociabilidade.

Pode-se aqui evocar Canclini quando apresenta a diferença entre a nova modernidade perceptível no hemisfério norte e àquela constituída nos países latino-americanos onde se pode identificar o resultado da "sedimentação, justaposição e entrecruzamento das tradições indígenas (sobretudo nas áreas mesoamericana e andina), do hispanismo colonial católico e das ações educativas e comunicacionais modernas" (Canclini, 2015: 73). Neste sentido, pode-se apontar que existiram tentativas de reservar um perfil moderno em relação à cultura de elite, mantendo as raízes indígenas e coloniais nos setores populares, porém "uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais" (2015: 73). Canclini percebe como, na América Latina, em países "onde a história étnica e grande parte das tradições foram arrasadas" (2015: 80), e neste sentido utiliza-se da Argentina como exemplo, os artistas que baseiam suas obras nos

modelos europeus não imitam simplesmente as estéticas europeias e nem desnacionalizam a própria cultura.

Canclini ressalta ainda como o modernismo cultural "em vez de ser desnacionalizador, deu o impulso e o repertório de símbolos para a construção da identidade nacional" (2015: 81), utiliza-se então do exemplo da "brasilianidade" como a preocupação mais intensa das vanguardas dos anos 1920, ou dos movimentos culturais pós-revolução mexicana que realizaram um trabalho "modernizador e de desenvolvimento nacional autônomo" (Canclini, 2015: 81). Na perspetiva de Ferretti (2014), a preferência, dada por Canclini, ao termo "hibridação" em sua obra se dá principalmente pelo autor considerar que o termo 'sincretismo' filia-se preferencialmente a fusões de caráter religioso ou movimentos simbólicos tradicionais, neste sentido Ferretti (2014) percebe que a obra de Canclini é aceite pelos pesquisadores das artes visuais, de cultura popular e de cultura de massas por destacar a interacção crescente entre o culto, o popular e o massivo.

No âmbito desta "brasilianidade", desta hibridação, a partir da perspetiva de Amaral, ao traçar seu pensamento sob a filosofia *New Age*, pode-se compreender a comunidade Vale do Amanhecer enquanto

> possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer destes elementos, metáforas que expressem performaticamente uma determinada visão em destaque em um determinado momento, e segundo determinado momento. (Amaral, 1999: 47)

Deste modo, esta *new age* popular que abarca a comunidade é uma espécie de recomposição de discursos e práticas religiosas *new agers* reinterpretados, ressignificados e adaptados em conformidade com a tradição popular brasileira numa bricolage simbólica incorporada e ritualizadas bem na linha da Escola de Birmingham (Hebdige, 2018). Na seara do Vale do Amanhecer, assente na cultura material, muito nos interessa a figura de suas indumentárias – vestes, artefactos e ornamentos -, pois conforme Oliveira enuncia: "as indumentárias utilizadas por seus adeptos configuram e caracterizam a história, a estética e a identidade do grupo, a partir de suas práticas ritualísticas que forjam narrativas visuais, mediadoras e agregadoras da comunidade" (2007: 12). Queiroz (2015: 89), por seu turno, acrescenta contributos no que se refere ao percurso histórico e à cosmovisão presentes no Vale do Amanhecer que demonstram quão híbrida e simbólica se configura sua própria

realidade, sendo o aspecto simbólico fruto das mais distintas civilizações que marcaram a trajetória espiritual de Neiva e dos componentes da comunidade em seus transcendentais, isso a partir de um prisma/perspetiva espiritual, que permite a representação das existências passadas destes actores sociais no plano físico através das indumentárias e de toda cultura material inerente à comunidade.

Neiva ao construir sua comunidade mística constrói também narrativas, narrativas estas que possuem o poder de ultrapassar o espaço geográfico de Planaltina e encontrar abrigo na comunidade criada na cidade do Crato. No Vale do Amanhecer cratense vê-se os homens e mulheres, inclusivamente eu, adeptos da nossa comunidade mística, munidos de toda materialidade que a ela é consagrada. Estes actores sociais quando inseridos no contexto ritualístico fazem uso de vestimentas e artefactos específicos. Zelaya, filha de Neiva, nos transmite que "os símbolos contidos nas Indumentárias das Falanges Missionárias representam a Origem Espiritual das mesmas." (2009: 81). No entendimento de Silva (2000), cada componente das Falanges Missionárias[7] , apresentadas visualmente no Anexo 5 - Tabela 1, possui uma afinidade espiritual no que toca ao transcendente e nós acreditamos que esta afinidade ancora-se intensamente na questão da identificação. Zelaya aponta que "cada Falange tem uma história e um Canto específico que refletem suas Origens Transcendentais" (2009: 81), neste mesmo sentido Queiroz afirma que "as indumentárias das ninfas[8] de falange é um vestuário usado em função de outras épocas ou povos e, por isso, buscam representar, nas visões de Tia Neiva, os povos dos planos espirituais." (2015: 61). Essas épocas que fala Queiroz (2015) são tempos longínquos, assim como os povos dizem respeito aos gregos, romanos, egípcios, astecas, maias, ciganos russos, entre outros, toda esta diversidade cultural está disposta no cotidiano da comunidade, representada em suas vestes próprias, em suas edificações: o lago artificial chamado Estrela Candente, os Quadrantes que ladeiam a Seta de Yemanjá em volta do futuro lago artificial, que está ainda em construção, o Turigano, Templo e na Pirâmide presente na Figura 8.

[7] Falange no vocabulário do Vale do Amanhecer significa um grupo de homens ou mulheres que possuem vestimentas, funções e responsabilidades específicas perante à comunidade. Ao todo existem 21 Falanges (Silva, 2000), sendo 19 falanges femininas e apenas 2 masculinas.

[8] Ninfa é o termo utilizado para designar as mulheres da comunidade. Segundo Queiroz "as ninfas que na mitologia grega, deriva de nimphe, significa botão de rosa para pai Seta Branca. O mentor espiritual da doutrina VDA escolheu este tratamento ao comparar às ninfas às rosas de seu jardim (KAZAGRANDE, 2011), que, por disporem de um transcendente espiritual comum (provenientes de encarnações passadas), formam um grupo com indumentária específica, trazida por tia Neiva dos planos espirituais." (2015: 59)

Figura 8 Pirâmide do Vale do Amanhecer do Crato em 13.02.2022



Fonte: o autor

Tal como já foi referido, historicamente falando, a primeira comunidade do Vale do Amanhecer surgiu nos idos anos de 1969, ou seja, podemos facilmente associar o surgimento deste espaço de hibridizações inserido naquilo a que Anthony Giddens (2008) apresenta como Novos Movimentos Religiosos (NMRs). Giddens ao tratar dos tipos de organização religiosa nos aponta que:

> As respostas religiosas à mudança estão a dar-se sob formas novas e desconhecidas: os novos movimentos religiosos, os cultos, as seitas e as actividades do "New Age". Apesar destes grupos não "parecerem" aparentemente formas de religião, muitos críticos da hipótese da secularização acreditam que representam transformações da crença religiosa em face de uma mudança social profunda. (Giddens, 2008: 556)

As transformações da crença religiosa em face de uma mudança social profunda ao qual o autor se refere reflete-se no surgimento de grupos de caráter religioso e espiritual, cultos e seitas nos países ocidentais. É possível verificar o que estamos a falar nas décadas de 1960-1970, período no qual, também, está inserido o surgimento da primeira comunidade do Vale do Amanhecer, estando totalmente conectada com os aspectos do movimento *New Age* surgido da contracultura deste período. Giddens coloca que aqueles que sentem a destituição do caráter espiritual das religiões tradicionais “podem encontrar conforto e um maior sentido de comunidade nos NMRs, mais pequenos e menos impessoais” (Giddens, 2008: 557) e apesar de ser importante realizarmos este aporte sócio-historiográfico, no qual

consideramos que o Vale do Amanhecer insere-se, é justamente no sentido de comunidade que haveremos de nos debruçar no desenrolar desta pesquisa.

CAPÍTULO 2. MATERIALIDADES ESPIRITUAIS: UM PARADOXO MUITO PROPEDÊUTICO

A cultura material em sua integralidade está vinculada a elementos materiais, ou seja, vincula-se ao que é palpável, concreto, literalmente material, rico em aspectos simbólicos. Faz-se importante levar em consideração que essa materialidade carrega a herança cultural de um determinado povo ou grupo, ao mesmo tempo que constituem a identidade daquele determinado grupo. Edificações, monumentos, artefactos e vestimentas fazem parte da cultura material, e podem ser compreendidos em duas vertentes: os bens móveis, que são suscetíveis de locomoção e constituem acervos e coleções, e os bens imóveis, aqueles que se encontram fixados, construídos em um espaço específico como os Templos, que vemos nas Figuras 9.

Figuras 9 Edificações e monumentos do Vale do Amanhecer do Crato em 17.02.2022



Fonte: o autor

Com o simbólico remetemo-nos aqui, mais uma vez, à existência das indumentárias e espaços do Vale do Amanhecer, pois devido a relação existente entre estes e a narrativa construída por Neiva Chaves Zelaya, idealizadora da primeira comunidade mística, que encontrou na memória colectiva a possibilidade de ter acesso às memórias individuais dos

componentes da comunidade, podemos inclusivamente inferir que as indumentárias e os espaços podem suscitar o sentimento de pertença e origem (Pollak, 1989) naqueles que estão investidos neste contexto.

Pollak (1989) ao traçar que a memória pode ser solidificada nas edificações, aponta para um facto que é comum a todos: a possibilidade de se observar monumentos e referências de épocas distantes e a partir disto construir-se uma integração a nível de sentimentos de filiação e de origem. De um modo que, segundo Pollak, "não podemos nós todos dizer que descendemos dos gregos e dos romanos, dos egípcios, em suma, de todas as culturas que, mesmo tendo desaparecido, estão de alguma forma à disposição de todos nós?" (Pollak, 1989: 9).

> Numa perspectiva fílmica, é possível considerar que as cerimônias do Vale do Amanhecer assemelham-se profundamente, em seus ritmos e movimentos, ao universo teatral ou cinematográfico, na medida em que os adeptos, como atores prestes a atuar, maquiam-se, vestem-se, aprendem de cor seus papéis, concentrando-se e preparando-se solenemente aos rituais. Neste contexto de encenação teatral -através dos rituais- e da construção da identidade de cada um é percebida pelo caráter espetacular das indumentárias associadas às práticas rituais. (Batista in Queiroz, 2015: 95)

Levando em conta o raciocínio metafórico de Batista face aos adeptos da comunidade assemelharem-se a actores prestes a atuar, confirma-se aqui a fulcralidade das indumentárias, das edificações e dos espaços de sociabilidades. Levando-se em consideração que seja na encenação teatral, seja na rotina ritualística da comunidade, as vestimentas e os espaços são de maior importância, revelados através das edificações existentes na comunidade que remontam cenários da Roma Antiga, do antigo Egito ou dos povos ciganos e, principalmente, das indumentárias por intermédio de seus símbolos, adornos, artefactos e representações. Neiva era a grande concretizadora das indumentárias, possuindo, inclusivamente, uma vasta quantidade de indumentárias próprias, expressas nas Figuras 10, que eram desenhadas e feitas por ela própria, com auxílio de sua filha Carmem Lúcia, sempre com influência espiritual.

Figuras 10 Neiva e suas indumentárias de uso exclusivo.



Fonte: o autor

Segundo Queiroz existem “dezenove falanges” (2015: 59) femininas e outras duas falanges masculinas, respectivamente existem vinte e uma indumentárias distintas. Utilizar uma dessas indumentárias no contexto ritualístico significa simbolizar uma civilização, um povo e remontar um tempo longínquo. Isso só se torna possível através do significado que a narrativa construída por Tia Neiva confere a cada vestimenta e isto materializa-se nas cores, formatos, adornos e artefactos que cada indumentária carrega consigo. As simbologias, sentidos e significados possuem proporções interessantes, principalmente a nível sociológico no contexto da comunidade, pois os artefactos não são meros artefactos, são indicativos de crenças e valores assentes na cultura material. No contexto da comunidade Vale do Amanhecer, nomeadamente na figura de suas indumentárias – vestes, artefactos e ornamentos -, edificações e espaços de sociabilidades é que poderemos explorar os aspectos do património que vão de encontro à cultura material, que é também veículo de espiritualidade, da revelação de pertenças espirituais, pois como já foi referido anteriormente, o pensamento de Oliveira (2007), que incide sobre as indumentárias, as

apresenta como elemento fulcral para constituição não somente da estética, mas da identidade do grupo, aliás dos grupos, pertencentes à comunidade. É possível perceber ainda no trabalho de Oliveira (2007) a tamanha importância e a função correspondente às indumentárias no interior da comunidade Vale do Amanhecer, principalmente no que se refere ao sentido de pertencimento social e do status que as vestes correspondem. Assim, neste texto, essa autora aborda o papel cultural que cumprem os vestuários, já que as vestes correspondem às representações que caracterizam um determinado grupo dentro da comunidade. Pode-se dizer que as indumentárias são capazes de traduzir, na medida em que cobrem os corpos dos sujeitos sociais, os comportamentos e os acontecimentos sociais, históricos e culturais, servindo, tanto como expressão e impressão individuais, quanto colectivas.

O que remete ao pensamento de Guerra (2020) que ao relembrar da preservação de bens religiosos aponta as transformações decorrentes ao longo do tempo e destaque que há de se conferir aos significados da cultura material, no tocante às relações entre os objetos e as simbologias e significações que lhes são atribuídas. Aqui deve-se atribuir particular importância às indumentárias como veículos de performatividade, demonstrando que estas manifestações culturais operam como símbolos cruciais para a revivificação constante da comunidade. Ora, a ostentação simbólica de tudo o que releva da estética e da aparência vertidas na visualidade apresenta uma centralidade inegável, traduzindo a moda e o estilo numa materialidade corporal simbólica e imagética de máximo relevo para a preservação do património e da memória. A construção desta materialidade corporal apresenta-se imbricada com a crescente complexidade dos processos culturais, tanto no contexto de fronteiras fluidas e pertenças flutuantes/instáveis que caracterizam os grupos, como no quadro de identidades plurais, complexas, reticulares, mutáveis e reflexivas que caracterizam a modernidade tardia (Guerra, 2017).

Guerra (2020) ao citar Natalie Heinich (2017) recorda que o valor do património se entrelaça em dois vetores distintos que são amplificadores de valor patrimonial, nomeadamente a universidade que se constrói a partir da comunidade de pertença do património, pois constitui um bem comum e a perenidade do seu valor, oriundo do passado que se apresenta enquanto suporte de memória e pode ser transmitido às gerações futuras. As indumentárias da comunidade interligam-se à questão do património e memória, no

sentido que a partir desses bens religiosos, contextualizados em seu universo próprio, pode-se perceber o património se materializar e a memória a se perpetuar ao passo que a identidade que neste espaço é criada perpetua-se igualmente no tempo e no espaço.

2.1. Uma aproximação às cenas culturais

Para pensar sobre a construção do Vale do Amanhecer, na cidade do Crato, nos é interessante fazê-lo a partir da perspectiva desenvolvida nos trabalhos do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham. É interessante nos debruçarmos sobre o conceito de tribos urbanas, que podem ser compreendidas também como subculturas (Hebdige, 2018) ou "fenômenos de neotribalismo" (Castro, 2016: 82). Essas tribos geralmente são compostas por grupos pequenos que encontram na possibilidade de construir e estabelecer redes com interesses comunitários como seu objetivo central. Estes pequenos grupos são compostos por actores sociais que partilham pensamentos, hábitos e maneiras de se vestir, tais características atravessam integralmente o Vale do Amanhecer. Guerra (2015) ao apresentar o texto de Andy Bennett (2013)[9] nos apresenta a proposição colocada por ele de uma quarta cena musical para além daquelas já conhecidas, nomeadamente local, translocal e virtual, apresentando assim uma cena afetiva.

A nós cabe a tarefa de buscar trazer para esta pesquisa o conceito de cena que é amplamente trabalhado por Bennett (2004) e podemos dizer que a entendemos enquanto dinâmicas sociais marcadas, simultaneamente, por circunstâncias locais e por demandas e desejos translocais. Como Guerra coloca, uma cena afetiva centraliza-se "no ensejo de uma abordagem diacrónica dos gostos, pertenças e identidades musicais muito para além de uma hegemonia etária, apanágio das teses subculturalistas iniciais" (2015: 185), nesta perspectiva a cena afetiva pode enquadrar-se nas memórias da virada cultural nos anos de 1990 no que se refere às tribos por afetividade. Guerra (2010; 2016) nos faz recordar que os conceitos de tribo e de neo-tribalismo foram trabalhados a princípio por Michel Maffesoli em uma empreitada que incidia sobre o surgimento de comunidades emocionais nas

[9] *Music, Style, and Aging: Growing Old Disgracefully?*

sociedades contemporâneas. Maffesoli[10] (2000a) ao trabalhar sobre as tribos urbanas o faz partindo de uma perspectiva crítica ao que Weber (1982) chama de "desencantamento" e coloca que aqueles que fazem parte de uma tribo o faz com prazer e por prazer e desse modo a participação em uma tribo, se daria por um ideal comunitário. "O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social" (Maffesoli, 2000a: 11), como é possível identificar na fala de Castro:

> O tribalismo contemporâneo, ou neotribalismo, surge, justamente, desse processo de organicização da experiência social. Constituído como pessoa, e não mais, exclusivamente, como indivíduo ou sujeito, o ser legitima suas máscaras. Ele deixa de viver em função das grandes narrativas que o antecedem para viver segundo sua experiência imediata de conexão ao outro. Passa a ser impelido por uma pulsão gregária, evento que o leva a se tornar protagonista de uma ambivalência afetiva e a participar desses pequenos conjuntos viscosos que são as tribos. Efetivamente, o neotribalismo é uma vontade de estar-junto (*être-ensemble*), ação na qual é fundamental o ato de perceber-se junto, notar-se em conexão, estar ligado a um grupo ou a uma ideia – posto que seja na projeção do próprio em relação ao outro que toda máscara, e toda identidade, ganha significado. (Castro, 2016: 87).

O neotribalismo diz respeito a um novo paradigma cultural, ou seja, centrando-nos na associação com a pós-modernidade, os homens estariam a adotar pontos de vista e visões mais emotivos em relação ao mundo e às vivências quotidianas. O neotribalismo, neste sentido, os indivíduos dariam lugar ao prazer, à emoção, resgatando uma noção de sensibilidade diferentes da de outras gerações. De acordo com Maffesoli (2000b), o neotribalismo veio substituir o paradigma do individualismo na compreensão das sociedades contemporâneas, uma vez que o foco passa a estar em noções como a de solidariedade e de colectivo. Ainda para Maffesoli (2000b), a metáfora da tribo é usada para dar conta de um processo de desindividualização e de valorização de cada indivíduo, no sentido em que ele passa a ser visto como tendo a capacidade de representar um papel de relevo dentro de cada tribo. Com efeito, o autor (Maffesoli, 2000a) enuncia que nas sociedades contemporâneas existem diversos tribalismo, nomeadamente tribalismo religiosos, esportivos, hedonistas, musicais, entre outros. Em breviário, o neotribalismo refere-se à descrição de uma comunidade emocional, que se opõe às organizações racionais, típicas das sociedades modernas.

[10] O tempo das tribos. Declínio do individualismo nas sociedades de massa. (Versão traduzida para o português do original *Le temps des tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes.* Paris: La Table Ronde, 1988).

Remontando às tribos por afetividade pode-se perceber aqui, de certo modo, a perspectiva weberiana a respeito das comunidades emocionais e como produz uma espécie de cultura do sentimento, Maffesoli (2000a), por seu turno, percebe o ato cultural como parte constituinte de um processo social empático e em termos de uma cultura do sentimento é fulcral a experiência colectiva. De um modo geral pode-se dizer que existem subculturas, neotribos e cenas e no tocante às cenas o apego ao lugar é algo de maior importância, assim como acontece no Vale do Amanhecer, onde o grupo de adeptos existe, também nesse caso, em função de uma espacialidade fundante e estruturante, apesar que sob o ponto de vista de Maffesoli (2000a) poderíamos dizer que o Vale do Amanhecer faz parte do neotribalismo, por ser uma comunidade empática, que se centra num processo de identificação, onde há partilha de expectativas, inclinações estéticas e ideológicas. Não obstante, retornando ao conceito de cena, antes de conferir maior atenção à cena afetiva, faz-se importante revisitar Guerra ao asseverar que este surge "dentro das respostas contemporâneas à fluidez de grupos, à pulverização de pós-subculturas e à multiplicidade de tribos" (Guerra, 2016: 201). Nos contributos de Bennett e Peterson (2004) encontraremos a primeira acepção sequenciada em três partes - local, translocal, virtual - proposta da seguinte maneira:

> (...) a cena local corresponde de forma mais próxima à noção original de cena como segmento de um foco geográfico específico; (…) a cena translocal refere-se a contextos de comunicação mais distanciados do local e que referem formas distintivas de música e de estilos de vida; (…) a cena virtual é uma cena emergente na qual as pessoas criam uma cena descartada de espaços físicos, utilizando fanzines e médias alternativos e apoiando-se na Internet (Bennett & Peterson, 2004: 6-7).

Percebemos que o conceito de cena se afirma no seio das interacções existentes entre os actores sociais e os espaços sociais no qual estes conseguem atravessar. Guerra e Quintela nos apresenta que as cenas culturais podem ser "musicais, teatrais, literárias, cinematográficas, etc." (2016: 203). Straw por seu turno diz:

> Aqui está uma possível definição atual de cena: uma cena é um fenômeno cultural que surge quando qualquer atividade com um propósito adquire um suplemento de sociabilidade e quando aquele suplemento de sociabilidade se torna parte da efervescência observável da cidade. Isso não é uma definição completa, mas eu penso que toda definição de cena deve contar com algo como um suplemento de sociabilidade. Se há apenas trabalho cultural e nenhuma sociabilidade, temos pouco mais do que uma rede de trabalho ou um centro produtivo. Se há muita sociabilidade mas nenhuma expressão cultural de fundo, temos apenas lazer e consumo. Nas cidades contemporâneas, uma cena é o suplemento de sociabilidade, convívio e efervescência que une as pessoas em torno da produção de cultura. (Straw, 2017: 79).

2.2. Identidade, interacções e rituais

Os contributos de Hall (1997[11]), Hebdige (2018) e Goffman (2011) revelam-se importantes no que se refere à questão da identidade. Afinal, no que diz respeito às identidades e como é que os indivíduos se definem, é certo que entre as várias coisas que lhes podem definir está a forma como se apresentam, que é muito caro à nossa pesquisa. Segundo Erving Goffman as identidades definem-se na interacção e nos rituais, pois "a natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la, a pessoa se torna uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente" (2011: 49). É no âmbito das interacções que se constituem os sentidos e Goffman prossegue ao afirmar que:

> A natureza humana de um conjunto particular de pessoas pode ser especialmente projetada para o tipo especial de empreendimentos em que elas participam, mas ainda assim todas essas pessoas precisam ter dentro delas algo do equilíbrio de características necessárias para um participante utilizável em qualquer sistema organizado ritualmente de atividade social. (Goffman, 2011: 50)

Hall (1997), por seu turno, desenvolve um pensamento que está na mesma linha do que Goffman (2011) nos apresenta, pois, ao se debruçar sobre a centralidade da cultura Hall evidenciará a tamanha importância que a cultura possui para a interpretação do mundo à nossa volta, ou seja, a realidade e o papel fulcral que esta, a cultura, desempenha face a construção de todos os aspectos que dizem respeito à vida social e à construção da identidade. Que segundo Hall "emerge, não tanto de um centro interior, de um 'eu verdadeiro e único', mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados" (1997: 26). Ora, se a nossa identidade surge de um diálogo pressupõe-se, e reafirmamos, aqui a existência de ao menos dois interlocutores.

> O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que

[11] Texto publicado no capítulo 5 do livro *Media and Cultural Regulation*, organizado por Kenneth Thompson, editado na Inglaterra nos anos 1997 e publicado em Educação & Realidade ainda nos anos 1997.

> adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (Hall, 1997: 26).

Giddens (2008) ao tratar de Goffman sobre os aspectos dos encontros, relembra que aquilo ao qual o autor chama de interacções desfocalizadas

> tem lugar sempre que, num dado contexto, os indivíduos mostram ter consciência mútua da presença dos outros. Isto acontece habitualmente quando um grande número de pessoas se reúne, seja numa avenida movimentada, num teatro sobrelotado ou numa festa. (Giddens, 2008: 95)

Destarte acontece com os actores sociais integrantes da comunidade do Vale do Amanhecer que se valem, em seu universo criado, do simbólico em seu redor. A vivência no Vale do Amanhecer vai atravessando a construção da identidade daqueles que dela fazem parte, a materialidade disposta neste universo criado e co-criado por seus integrantes é a representação do simbólico expressa e impressa nos territórios, espaços, edificações e artefactos da comunidade. Neste contexto específico, as vestimentas próprias da comunidade, as indumentárias, constituem um fato que unifica e agrega junto de si as nuances da identidade, das interacções e dos rituais, pois as indumentárias traduzem, cada uma ao seu modo, uma representação e identificação que vivifica histórias atemporais e sentimentos de pertença ao mesmo tempo que compõem um estilo. Porém, no tocante às indumentárias Guerra expõe que “o ato de vestir ou usar alguma peça de vestuário não é, por si só, sinónimo de estilo” (2019: 78) e então escreve que é a “atividade de estilização” (2016: 198) que faz um estilo, ou seja, “a organização ativa de objetos com as atividades e as perspectivas que produzem um grupo organizado de identidade de uma forma coerente e distintiva de “estar-no-mundo”” (Guerra, 2016: 198). Ainda neste sentido Guerra e Figueredo (2019) trazem contributos que remontam Cohen (1972) ao apontarem que “o estilo subdivide-se em quatro componentes: vestuário, música, rituais comportamentais e linguagem, sendo que não se trata de uma qualidade inerente às subculturas, mas antes uma dimensão que se vai construindo” (2019: 77).

2.3. Universo interacional e ritualístico do Vale do Amanhecer

As interacções no Vale do Amanhecer se dão, principalmente, através da materialidade veiculada pelas indumentárias e, também, pelas funções específicas atribuídas a alguns membros da comunidade. Estas funções específicas estão listadas na Tabela 2 e são fulcrais para realização e desenvolvimento dos rituais, bem como organização e manutenção das Falanges, manutenção das áreas comuns da comunidade como Templo, Turigano e o Solar dos Médiuns, constituído pelas áreas da Estrela Candente, Quadrante e Pirâmide.

Tabela 1 Funções Específicas

Regente de Falange	Comandante	Comandante Janatã	Comandante de Abatá de Missionárias	Tio(a) do Pequeno Pajé	Recepcionista
Representante da Condessa Natary	Profetisa	Instrutor (Desenvolvimento, Devas, Iniciação, Elevação de Espadas, Centúria)	Representante do 1º Cavaleiro da Lança Vermelha	Filho(a) de Devas	Ajanã do Oráculo/ Batizado/ Casamento

Fonte: o autor

Apesar das Falanges Missionárias serem distribuídas em 21, sendo 19 Falanges femininas, dentre as funções abaixo listadas não apresentamos as funções específicas das próprias Falanges, mas funções que podem ser exercidas por qualquer Mestre e/ou Ninfa preparados para tal encargo. No que se refere a estas funções observamos cargos exclusivamente femininos como as Representantes da Condessa Natary, as Profetisas dos Casamentos e Comandante de Abatá de Missionárias, cargos exclusivamente masculinos como os Comandantes, Comandantes Janatãs, Ajanãs do Oráculo, Representantes do 1º Cavaleiro da Lança Vermelha e Instrutores, valendo salientar que no princípio havia Instrutoras e cargos que são femininos e masculinos como os Regentes de Falange, Tios do Pequeno Pajé, Filhos de Devas e Recepcionistas.

O Vale do Amanhecer, enquanto comunidade, possui um número estável de adeptos-moradores, embora exista, também, um quantitativo considerável de adeptos que

participam ativamente das atividades ritualísticas, mas residem nas zonas urbanas das cidades do Crato e Juazeiro do Norte. Estes que compõem os rituais fazem parte ao que chamamos corpo mediúnico, em contrapartida ao corpo mediúnico existe o quantitativo de pessoas que são visitantes, comumente designados de pacientes, que visitam a comunidade e suas instalações no afã de receberem esclarecimentos de caráter espiritual e/ou tratamento espiritual. É interessante referir que segundo Durkheim:

> Os fenômenos religiosos se dividem naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. Os primeiros são estados de opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre estas duas classes de ação determinadas existe toda a diferença que separa o pensamento do movimento (Durkheim, 1968:68)

A partir de nossa observação e pesquisa foi possível identificar a existência de 49 rituais, que estão dispostos nas Tabelas 3 e 4, onde identificamos os rituais de caráter interno, ou seja, que decorrem no interior do Templo e do Turigano, construção anexa ao Templo, e os rituais de caráter externo que decorrem fora dos limites do Templo e do Turigano.

Tabela 2 Rituais externos

Imantração	Estrela Candente	Quadrante	Pirâmide	Alabá
Abatá	Pequeno Pajé	Consagração de Falanges Missionárias	Consagração dia 1.º de Maio - Dia do Doutrinador	Abatá de Falange Missionárias

Fonte: o autor

Tabela 3 Rituais internos

Mesa Evangélica	Tronos	Cura Iniciática	Junção	Indução
Farol	Linha de passes	Sudálio	Randy	Cruz do Caminho
Defumação	Leito Magnético	Imunização	Angical	Sessão Branca (Xingu)
Batizado	Casamento	Desenvolvimento	Iniciação Dharman-Oxinto	Ritual de Elevação de Espada

Tabela 4 Rituais internos (cont.)

Consagração de Centúria	Classificação, Reclassificação, Entrega de Ministros, Cavaleiros e Guias Missionárias	Reunião de Falange Missionária	Corte das Falanges dos Devas "de Maria Lopes"	Reunião de Comandantes Janatãs
Reunião de Comando	Reunião de Ajanãs	Reunião de Regentes	Palestra de Desenvolvimento	Entrega de Energias
Aramê	Troca de Rosas	Contagem	Oráculo	Trono Milenar
Trabalho Especial	Prisão	Bênção do Pai Seta Branca	Bênção do Ministro	

Fonte: o autor.

No que diz respeito aos rituais foi possível identificar rituais de caráter:

a) **diário:** Mesa Evangélica, Farol, Tronos, Cura Iniciática, Linha de passes, Sudálio, Defumação, Estrela Candente, Quadrante, Pirâmide, Abatá, Abatá de Falange Missionárias, Entrega de Energias;
b) **semanal:** Junção, Randy, Cruz do Caminho, Leito Magnético, Oráculo, Imunização, Indução, Desenvolvimento, Pequeno Pajé, Palestra de Desenvolvimento, Contagem, Corte das Falanges dos Devas de "Maria Lopes";
c) **mensal:** Imantração, Alabá, Angical, Sessão Branca (Xingu), Bênção do Ministro, Prisão, Aramê, Reunião de Falange Missionária, Reunião de Comandantes Janatãs, Reunião de Comando, Reunião de Ajanãs, Reunião de Regentes;
d) **bimestral:** Iniciação Dharman-Oxinto;
e) **quadrimestral:** Ritual de Elevação de Espada, Consagração de Centúria, Classificação, Reclassificação, Entrega de Ministros, Cavaleiros e Guias Missionárias;
f) **anual:** Consagração dia 1º de Maio - Dia do Doutrinador, Batizado, Consagração de Falanges Missionárias, Troca de Rosas, Bênção do Pai Seta Branca;
g) **esporádico:** Casamentos, Torno Milenar, Trabalho Especial.

Evidenciando assim a pluralidade dos ritos/eventos que ocorrem no seio do Vale do Amanhecer. Os rituais diários são quotidianos e considerados ordinários por sua periodicidade constante, porém os rituais anuais podem ser interpretados como verdadeiros

eventos que demandam organização e logística, por parte dos componentes, como pode ser averiguado abaixo na Figura 11:

Figura 11 Cartaz dos Magos e Nityamas para o 1.º de Maio, divulgado em 01.04.2022



Fonte: o autor.

O cartaz da Figura 11 diz respeito ao evento do 1.º de Maio, que é considerado um dos momentos mais importantes do ano dentro da comunidade. Os dois eventos/rituais mais esperados ao longo de cada ano são a Consagração do 1.º de Maio (IPHAN, 2010; Queiroz, 2015) e a Benção do Pai Seta Branca que acontece todos os anos no dia 31 de Dezembro, sendo o marco para a passagem de ano. Ao recordar de Planaltina - Templo Mãe - Queiroz nos diz que:

> A Consagração de 1.º de Maio ocorre nas ruas da comunidade onde o Vale está localizado. Os diversos grupos começam a chegar por volta das 03h30 da manhã. O evento, que envolve em média 5.000 (cinco mil) médiuns. Há a formação de vários cortejos de participantes que saem cantando em direção ao maior recinto espiritual do VDA, que é a Estrela Candente. No portal deste recinto todas as falanges se encontram, formando um único grande cortejo, que adentra o espaço formado por um lago artificial, circundado por locais de trabalho espirituais e construído em pedra e alvenaria. (Queiroz, 2015: 73)

Para a preparação do 1º de Maio, há toda uma organização por parte das Falanges Missionárias para nós este evento “é considerado uma consagração, um ritual, um momento de festa, de compartilhamento e interação social” (QUEIROZ, 2015: 73). No caso expresso no

cartaz, temos a representação das Falanges de Magos e Nityamas, que costumam realizar os rituais e eventos - de caráter doutrinário ou não - sempre juntos. Como já foi referido na Figura 11 a divulgação do cartaz deu-se no dia 01 do mês de Abril de 2022, ou seja, um mês antes do evento em questão, porém a expectativa é de recebermos aproximadamente 100 pessoas, em sua maioria crianças e jovens, e a equipa de jovens e adultos, na qual faço parte, já reuniu no dia 20 de Março - data das Reuniões de Falanges Missionárias, sempre no 3º Domingo de cada mês - para deliberarmos sobre as necessidades face organização, sistematização e concretização do nosso evento.

No caso específico dos Magos e Nityamas, caso este que participo e observo de perto, já foram distribuídas as funções, já foi escolhido o lugar de acolhimento, já foi determinado o cardápio e qual item cada jovem e adulto pode levar, de modo voluntário. Apesar da Consagração do 1º de Maio ser um grande ritual é concomitantemente um grande evento, digo isto apoiado em minha experiência, pois realizamos tais dinâmicas desde o ano de 2012 e este é nosso décimo ano a realizar este grande e importante evento para toda comunidade. Todos os anos uma equipa é formada de Magos e Nityamas para organizar o acolhimento das crianças e jovens, que pertencem às Falanges de Magos e Nityamas.

Como é apresentado na Figura 11 o local escolhido foi o Pequeno Pajé, devido ao seu tamanho e por se tratar de um ambiente coberto e assim, caso venha a chover teremos a oportunidade de nos resguardarmos. O horário de chegada das crianças está marcada para a partir das 03h00, onde devemos distribuir o lanche até às 03h30, horário marcado para saída do cortejo de Nityamas e Magos[12], nesta ordem, em direção à Estrela Candente, onde iremos assistir ao nascer do Sol, juntamente das outras Falanges Missionárias, de todo o povo da Comunidade e visitantes de outros Templos e assim seguiremos com nossas dinâmicas ritualísticas durante toda a manhã do 1.º de Maio.

Logo após o nascer do Sol, onde todos os presentes hão de realizar as preces em conjunto, uma equipa de Magos e Nityamas que não irão participar das dinâmicas ao longo

[12] As Falanges de Nityamas e Magos costumam realizar suas atividades ritualísticas, doutrinárias ou não em conjunto, pois de acordo com as histórias narradas por Tia Neiva esses dois grupos sempre estiveram unidos em todos os tempos históricos em que estiveram na Terra, portanto, realizar suas atividades e dinâmicas conjuntamente é uma forma de remontar a própria história que dá sentido à existência de cada grupo, bem como suas vestimentas e funções.

da manhã, terão a responsabilidade de conduzir todas as crianças e jovens de volta para o Pequeno Pajé para que assim possam tomar o pequeno almoço e em seguida retornarem para suas casas. Os rituais que decorrem durante a manhã não são direcionados para as crianças, por este motivo elas se ausentam logo após o Sol nascer, provavelmente por volta das 07h00.

Os rituais do Vale do Amanhecer dependem diretamente da participação dos:

> Mestres ou Ninfas que, por disporem de um transcendente espiritual comum, formam um grupo, com indumentária que os identifique, trazida por Tia Neiva dos Planos Espirituais e assume a tarefa de atuar de forma singular na condução de rituais específicos. São essas as falanges missionárias Nityamas, Samaritanas, Gregas, Mayas, Magos, Príncipes Mayas, Yuricys Sol, Yuricys Lua. Dharman Oximo. Muruaicys, Jaçanãs, Arianas da Estrela Testemunha, Madalenas, Franciscanas, Narayamas, Rochanas Cayçaras, Tupinambás, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Agulhas Ismênias, Niatras. (Reis, 2008: 192)

CAPÍTULO 3. APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS

No que diz respeito à investigação empírica, de modo a permitir a consolidação de todas as técnicas e procedimentos de recolha de dados necessários para melhor realização desta pesquisa**,** optamos por realizar um estudo de caso alargado (Burawoy, 1998). A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, o seu caráter qualitativo encontra base face à realidade simbólica e social que se buscou abarcar no presente estudo. Deste modo, foram aplicados os guiões de entrevistas em profundidade, no Anexo 1, e de observação direta, assim como observação participante, no Anexo 3, tendo em linha de conta que sou um membro ativo da comunidade e, deste modo, um *insider researcher* (Fleming, 2018). A possibilidade de investigar a comunidade a partir de uma perspectiva interna permite o desenvolvimento de questões pertinentes devido ao conhecimento que o investigador já possui (Fleming, 2018) face à comunidade e suas dinâmicas, embora traga consigo, também, desafios como o risco de "viés" (Fleming, 2018) dada a proximidade com o contexto da pesquisa. A metodologia foi adotada seguindo os contributos de Quivy e Campehoudt (2005) face às investigações em ciências sociais, para que seja possível a realização do mapeamento do material, das vestimentas, adereços e rituais do Vale do Amanhecer de modo mais adequado.

Sobre o método**,** apoiamo-nos em técnicas etnográficas, principalmente, no tocante aos registos fotográficos, que nos conduz aos contributos de Achutti (1997, 2007) e Pink (2007), que foram de máxima importância para realização dos mapeamentos e registos. Creswell (2007) aponta que a etnografia é de grande importância para abordagens qualitativas, por basear-se na vivência do outro para retratar um fenômeno, tendo sido fulcral para elaboração desta pesquisa, já que tal método possibilita estudar, com maior profundidade e afinco, as multiplicidades culturais e majoritariamente utilizado no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Por outro lado, quanto aos procedimentos, a pesquisa documental foi fulcral para acessarmos o acervo doutrinário do Vale do Amanhecer, construído por Neiva. Este acervo é constituído de materiais como as cartas de Tia Neiva, mensagens gravadas, livros e manuscritos de pessoas ligadas à Clarividente do Vale do Amanhecer. Grande parte destes materiais foram produzidos sob os olhos e aprovação de Neiva, sendo um material rico e simbólico no que diz respeito a todos os aspectos do Vale do

Amanhecer, perpassando das instruções de conduta, ao imaginário histórico, até alcançar as vestimentas, construções e símbolos da comunidade.

O material trabalhado na pesquisa documental[13] permitiu um diálogo importante com os dados bibliográficos e etnográficos mobilizados. De modo preciso, os tipos de documento utilizados foram: livros de autoria de pessoas que tiveram vivências junto à Neiva e/ou membros do Vale do Amanhecer; esta escolha foi feita para evitar a utilização de materiais que trouxessem informações distorcidas ou não verificáveis, e por isso optámos por não utilizar as Apostilas das Falanges Missionárias, que são manuscritos de pessoas ligadas à Neiva, pois foi verificado que as histórias encontravam-se fragmentadas e que o relato dos entrevistados poderiam suprir determinadas informações. Ao nível da pesquisa de campo, o mapeamento do Vale do Amanhecer do Crato foi construído ao passo que foram aplicadas as entrevistas semiestruturadas a 18 membros ativos da Comunidade/Cena de distintas faixas etárias e gêneros. Nesta etapa, a realização da observação participante foi fulcral para uma melhor construção da pesquisa. No que diz respeito ao número de entrevistados, a divisão deu-se do seguinte modo: seis jovens até os 24 anos, sendo três homens e três mulheres, seis adultos a partir dos 30 anos, um homem e cinco mulheres e seis idosos a partir dos 60 anos, dois homens e quatro mulheres, ou seja, quanto aos gêneros serão entrevistados seis homens e doze mulheres. Justificando-se pelo número expressivo de mulheres, a multiplicidade de vestimentas femininas que existem no universo da comunidade e suas diversas e importantes funções para o bom funcionamento dos rituais quotidianos do Vale do Amanhecer. Para além disso os actores sociais escolhidos atravessam três quesitos:

a) **participar ou ter participado** das Falanges Missionárias;

b) **vivenciar as dinâmicas** do Vale do Amanhecer há no mínimo cinco anos;

c) **compor o quadro de funções específicas da comunidade**, nomeadamente a ocupação de funções como Regente de Falange, Comandante, Comandante Janatã, Ajanã do

[13] As fontes que buscamos: O que é o Vale do Amanhecer (Sassi, 1979); Tia Neiva: autobiografia missionária (Lucena, 1992); Arquivo Tumarã (Silva, 2000); Tia Neiva: A trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008) (Reis, 2008); Os símbolos na Doutrina do Vale do Amanhecer (Zelaya, 2009); Indumentárias de Falanges Femininas no Vale do Amanhecer: Uma Etnografia no Templo de Eusébio CE, Brasil (Queiroz, 2015) e Os Sentidos da Experiência Religiosa nas Narrativas de Missionárias Nityamas, Gregas e Mayas: Um Mergulho no Universo do Vale do Amanhecer (Lima, 2019).

Oráculo, Tios do Pequeno Pajé, Representante da Condessa Natary, Profetiza, Filho de Devas, Instrutor, Recepcionista e Representante do 1º Cavaleiro da Lança Vermelha. Face aos mapeamentos necessários no âmbito do Vale do Amanhecer foram realizados esquemas acerca das disposições das divisões, funções e espacialidade, presentes.

As entrevistas foram planejadas “adequadamente para garantir que qualquer viés seja minimizado” (Fleming, 2018, tradução nossa) e decorreram entre os meses de Janeiro, Fevereiro e Março, perpassando um período aproximado de 70 dias para sua total conclusão. Para que fosse possível a realização das entrevistas foi necessário o meu deslocamento da cidade Juazeiro do Norte, onde estou a residir no período que diz respeito à parte empírica da pesquisa, para a cidade do Crato onde situa-se o Vale do Amanhecer. Antes de cada entrevista ser iniciada foi apresentado o Termo de Consentimento Informado (Fleming, 2018), presente no Anexo 2, aos entrevistados que aceitaram, sem exceção, apresentar suas reais identidades nesta pesquisa, porém fazendo uso de suas alcunhas conhecidas na comunidade. Todas as entrevistas foram realizadas na área concernente ao Vale do Amanhecer, das 18 entrevistas foram realizadas 15 nas residências dos entrevistados, uma foi realizada no interior do Templo durante o intervalo de um ritual, outra foi realizada no interior da Estrela Candente durante o intervalo do ritual de Estrela Candente e uma foi realizada em um ateliê de costura, local de trabalho de uma das entrevistadas. As entrevistas todas foram registadas em áudio e transcritas de modo integral para melhor realização da análise de conteúdos. Foram colhidas 2.061 minutos de áudio em entrevista, aproximadamente 35 horas. Durante o período de realização das entrevistas em uma única entrevista, àquela realizada no interior do Templo, eu estava trajando minha indumentária de Mago, pois tanto eu quanto a entrevistada estávamos a participar de um ritual naquele dia. Para análise categorial vertical de todo material coletado foram criadas as Categorias e Subcategorias presentes no Anexo 8.

Relativamente às técnicas de pesquisa, toda a coleta de dados foi feita através de observação direta, observação participante e entrevistas, para registar as observações e as entrevistas foram utilizados gravação em áudio, fotos e o diário de campo. Sobre a observação participante, esta foi fulcral, pois me possibilitou de participar e observar os rituais da comunidade como um *insider researcher*. As observações participantes presentes no Anexo 4 foram realizadas entre os meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril e Maio, ou

seja, foram cinco meses em que se realizaram as observações participantes dos rituais que me foram possíveis participar na condição de *insider researcher.* Nomeadamente os rituais de Quadrante, Cruz do Caminho, Reunião de Falange Missionária, Abatá, Imantração, Corte das Falanges de Devas e Entrega de Energias - Chama da Vida, estes foram os rituais no qual recebi autorização para realizar as observações participantes.

Para uma maior compreensão do leitor, é importante explicar quais as funções realizadas em cada um dos rituais: no ritual Quadrante, em que exerci a função de componente, participei na condição de Mago estando desacompanhado de uma missionária, contribui cantando os mantras e fazendo parte do "quorum" do ritual. No ritual Cruz do Caminho exerci a função de componente da côrte que conduziu o ritual, participei na condição de Mago estando acompanhado das Samaritanas, Nityama e os outros Magos, contribui cantando os mantras do ritual. No ritual Abatá exerci a função de Comandante, participei na condição de Mago estando acompanhado de uma missionária Nityama, contribui comandando o ritual e realizando minha emissão. Na Reunião de Falange Missionária exerci a função de componente, participei na condição de Mago por se tratar da Reunião da Falange dos Magos, fui responsável por escrever a ata da Reunião.

Na Imantração exerci a função de componente da côrte, participei na condição de Mago estando das outras Falanges Missionárias, contribui cantando os mantras e fazendo parte do "quorum" do ritual. No Côrte das Falanges de Devas exerci a função de componente da côrte, participei na condição de Mago estando acompanhado das outras Falanges Missionárias de Devas, Nityamas, Gregas, Mayas, Magos e Príncipes, contribui cantando os mantras e fazendo parte do "quorum" do ritual. Na Entrega de Energias exerci a função de componente da côrte, participei na condição de Mago estando acompanhado das outras Falanges Missionárias, contribui cantando os mantras, minha função específica diante deste ritual era acender a Chama da Vida, momento crucial para o desenvolvimento do ritual de Entrega de Energias que é a finalização do ritual de Estrela Candente e Quadrante.

Apesar da diversidade de rituais realizados e observados, eu participei de todos eles, sem exceção, trajando a minha indumentária de Mago, ou seja, eu estava a realizar os rituais representando a minha Falange Missionária, e todas as funções exercidas diziam respeito à minha condição de Mago dentro de cada ritual. A priori a função do Mago nos rituais é participar das côrtes e contribuir cantando os mantras de cada ritual, porém nem todo ritual

possui um cortejo. Relativamente à observação direta, esta foi importante na medida em que permitiu-me observar determinadas dimensões ritualísticas da comunidade na condição, apenas, de pesquisador e não como membro do Vale do Amanhecer. A observação direta entrou em cena nos momentos em que não era possível minha participação nos rituais, como, por exemplo, no casamento, em que realizei observação direta, por se tratar de uma ritualística dividida em duas partes, levando em linha de conta que caso eu estivesse a realizar o ritual na função propriamente dita de Mago, eu estaria restrito à sessão do cortejo da noiva, estando deste modo impossibilitado de registar no diário de campo o que havia acontecido no interior da Cruz do Caminho, ambiente que abrigou a segunda parte do casamento.

3.1. Recursos utilizados

Os recursos mobilizados para esta pesquisa foram: registo de áudio para realização das entrevistas com os entrevistados, apresentados no Anexo 9 - Tabela 5, registo fotográfico e diário de campo. Sobre a análise de dados, foram realizadas as transcrições e a consequente análise de conteúdo categorial das entrevistas realizadas, tanto das entrevistas exploratórias quanto das entrevistas em profundidade. Assim como análise de conteúdo imagético das observações participantes no Anexo 4, principalmente das vestimentas presentes no Anexo 6 - Tabela 6 e Tabela 7, artefactos, objetos e fotos do povo da comunidade. Acrescentamos que para melhor realização da pesquisa foram adotadas todas as orientações éticas presentes no Código Deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia, assim como as diretivas éticas formalizadas pelas Comissões de Ética da Faculdade de Letras e da Universidade do Porto.

CAPÍTULO 4. AS CENAS DO VALE DO AMANHECER

As cenas do Vale do Amanhecer são marcadas pela afetividade e a chegada a este universo é um momento afetivo e memorável para os entrevistados desta pesquisa. Percebe-se que todos os jovens e dois adultos entrevistados, Walmir e Alacock, chegaram ao Amanhecer ainda na fase de suas infâncias, os adultos tiveram a oportunidade de conhecer a primeira formação, costumeiramente referenciada como 'templo de palha', fase que antecedeu à construção da Comunidade do Vale do Amanhecer do Crato. O relacionamento com suas famílias e principalmente com suas mães propiciaram um contacto estreito com o Vale do Amanhecer.

> Foi na minha infância, por volta dos cinco anos de idade, por influência da minha mãe, né?! Eu fui acompanhar, né?! Fui acompanhá-la para conhecer pelo fato da família já fazer parte, né?! A grande parte da família já fazia parte da comunidade e eu comecei a acompanhar a minha mãe. Nesse período os familiares me apoiaram a iniciar as primeiras práticas, né?! Infantil mesmo, né?! Os trabalhos infantis e minha mãe adentrou e assim eu fiquei até agora, com meus vinte anos de idade.
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1
>
> Consideramos o momento de entrada na doutrina quando realizamos o teste mediúnico, que no meu caso aconteceu em 27 de dezembro de 2015. Porém, por ter pais que integram o Vale desde o início dos anos 2000, meu primeiro contato com o templo e seus trabalhos foi aos 3 , 4 anos de idade [...] então, antes de fazer o teste eu já participava dos rituais como pajezinho e depois como Devas.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2

No que se refere às razões que motivaram os entrevistados, os principais motivos elencados pelos entrevistados estão entremeados em laços afetivos familiares e entre amigos, enquanto outros buscavam no Vale do Amanhecer o conforto para suas dores, de caráter físicos, psicológicos e espirituais, e respostas para questionamentos de caráter metafísico.

> Primeiro me identifiquei com a Doutrina, na época estava atravessando alguns problemas emocionais, passei a sentir um acolhimento no atendimento dos trabalhos espirituais, também uma assistência por parte daquelas entidades espirituais que fazem parte do arcabouço doutrinário.
>
> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10

Nos termos ritualísticos da comunidade o ingresso tradicional ao Vale do Amanhecer se dá através do teste mediúnico que propiciará ao aspirante receber o preparo para prosseguir até o rito de passagem que é a Iniciação Dharman-Oxinto, porém aqueles que chegaram na infância e juventude gozaram da oportunidade de participar das Falanges Missionárias de Devas e ingressaram nas dinâmicas ritualísticas concernentes a estas faixas etárias muito precocemente, a título de exemplo podemos ressaltar o trabalho desenvolvido no Pequeno Pajé. Neste sentido, um marco importante na trajetória dos componentes do Vale do Amanhecer é o momento do ingresso, digamos que oficial, de cada um deles. Entre os entrevistados jovens todos realizaram seu teste mediúnico entre os 15 e 16 anos mediante autorização dos pais, os adultos Walmir, Gersilar, Tia Cris e Alacock também o fizeram entre estas idades.

Percebemos que no discurso de cada entrevistado existem pontos de afetividade expressos, porém quando interpelados acerca da decisão de pertencer ao Vale do Amanhecer somente um terço dos entrevistados percebem que realizaram uma escolha movida por afetividades havendo uma prevalência entre os adultos a este respeito. De todo modo, apesar de não existir um reconhecimento face a uma decisão movida por afetividades é possível identificar que algumas das decisões foram tomadas por influência de outrem, de modo majoritário percebemos a família como importante núcleo de influência, sendo a figura materna àquela que mais se sobressai no quesito influência, enquanto em segundo lugar encontram-se os amigos, a rede de apoio mais próxima dos entrevistados.

> Bom, o fato dos meus pais já estarem, principalmente minha mãe, o fato de que já haviam ingressado no Vale do Amanhecer, sem sombra de dúvidas isso foi um certo incentivo, acaba influenciando, mas não de uma forma direta. Ninguém nunca me influenciou de uma forma direta. Foi uma escolha minha.
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8

Percebe-se que os idosos são um grupo mais específico, principalmente por terem chegado ao Vale do Amanhecer já em suas fases adultas, existindo uma exceção que é a entrevistada Mundinha que foi influenciada, por sua mãe que atualmente possui 103 anos, a não pertencer ao Vale do Amanhecer. Todo o grupo de entrevistados percebe que existiu a liberdade de escolha para ingressar e permanecer no Vale do Amanhecer, enquanto comunidade e espaço consagrado à espiritualidade, neste sentido é pertinente observar que

esta liberdade percebida pelos entrevistados é condicionada, ao passo que todas as redes sociais mais próximas destes fazem parte do Vale, ou seja, a família, os amigos e se vivem nas proximidades ou até mesmo dentro do Vale, não é fácil a opção pela saída, enquanto há amplo espaço para o ingresso, inclusivamente existindo um forte movimento de incentivo, embora não seja perceptível aos olhos dos entrevistados. Isto faz-nos recordar um pouco com o movimento de saída de um movimento social ou de um partido político, pois a saída acarreta impactos simbólicos e relacionais.

> Não, era o contrário. Mamãe achava horrível eu ter ingressado no Vale, ainda hoje ela é contra o Vale, papai ingressou foi doutrinador por muitos anos, mas mamãe não. Hoje ela tem 103 anos e ainda é contrária ao Vale.
>
> Mundinha, 82 anos, ensino superior completo em História com pós-graduação, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 17

O tempo na comunidade do Amanhecer revela muito sobre os entrevistados, havemos de ter em linha de conta que participar das dinâmicas ritualísticas da comunidade não resume-se na vida que existe no Amanhecer. Todos os entrevistados residem nas imediações da comunidade, alguns vivem na comunidade desde sua fundação no início dos anos 2000, porém Fransquinha é a entrevistada que interage com o Vale do Amanhecer há mais tempo, totalizando 35 anos; em contrapartida identificamos Pedro Lucas, o mais jovem dos entrevistados que convive na comunidade há cinco anos. Se buscarmos identificar por faixa etária entre os jovens, a média de tempo na comunidade é de 10 anos; entre os adultos a média é 27 anos, enquanto entre os idosos a média de tempo vivido no Vale do Amanhecer é também de 27 anos.

> No Vale do amanhecer 20 anos e morando na comunidade eu estou morando há 8 anos.
>
> Denise, 46 anos, ensino superior completo em Letras com especialização em língua inglesa, professora do ensino secundário, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 11

A comunidade do Vale do Amanhecer, enquanto egrégora mística, possui um vasto repertório imagético, portanto é de grande importância buscar compreender quais aspetos da comunidade foram atrativos para os entrevistados de modo individualizado e aqueles que perpassam o colectivo. É possível perceber que o primeiro impacto que os entrevistados tiveram ao entrar em contacto com o Vale do Amanhecer, fosse na figura de seu primeiro templo ou na comunidade propriamente dita, é um impacto de caráter visual. Neste

seguimento os vestuários próprios do Amanhecer estão no centro da questão. Os entrevistados jovens e dois adultos, Walmir e Alacock, possuem um relacionamento peculiar com o vestuário, levando em linha de conta que todos tiveram contacto muito cedo com as indumentárias de Falange e, deste modo, foram influenciados pelo meio interacional ao qual faziam parte, a pertencerem às Falanges de Devas, nomeadamente as Falanges de Nityama, Grega, Maya, Mago e Príncipe Maya. Entre os jovens duas entrevistadas, Bibiana e Carina, não pertencem mais ao grupo de Devas, a primeira por ter deixado a Falange das Gregas para ingressar na Falange de Dharman-Oxintos e a segunda por ter vivenciado sua infância, na comunidade, na condição de visitante estando impossibilitada de pertencer às Falanges de Devas.

> Sim. Eu assim quando entrei, tipo, aos 9 anos, né? Uma criança. Quando vi essas vestes, vi um mundo muito fantasioso, né? Você relaciona com princesas, né? Com rainhas, né? Bem como conto de fadas. E quando eu escolhi, né? A minha roupa, minha indumentária foi muito por esse lado. Eu me via como uma princesa, né? Criança, né? 9 anos. Então aquilo me chamou atenção e eu decidi, né? "Olha, eu quero participar, eu quero vestir aquela indumentária de Nityama".
>
> Aninha, 19 anos, ensino secundário completo, estudante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 4

No que se refere aos adultos Walmir e Alacock, eles ainda pertencem às Falanges de Devas que ingressaram na infância, exercendo atualmente a função de Regentes destas Falanges, se formos nos deter aos idosos perceberemos que estes chegaram na época do 'templo de palha' e vislumbraram uma situação na qual os uniformes, identificados no Anexo 6 - Tabela 6 e Tabela 7 eram comuns, porém as indumentárias, também presentes no Anexo 6 - Tabela 6 e Tabela 7 em sua completude ainda eram desconhecidas. Sassi (1979) afirma que no Vale do Amanhecer, criado por Neiva, os rituais que acontecem diariamente nos diferentes setores têm sinônimo de trabalho. De igual modo, procedeu-se na comunidade do Vale do Amanhecer do Crato -CE e é muito comum ouvir os diferentes actores sociais que compõem esta comunidade assim se referirem aos rituais no qual participam cotidianamente.

> Não, do início não, era só mesmo o ambiente, eu gostava e ia passar nos trabalhos e seguia na sequência dos trabalhos e aos poucos fui prestando atenção às outras roupas, as falas, os cantos das falanges missionárias que eu gostava de ouvir, e um trabalho que eu gostava muito era o trabalho de Cura Evangélica, esse foi o trabalho que eu mais gostei. Eu gostava de passar e quando ingressei gostava de trabalhar.
>
> Alacock, 40 anos, ensino secundário completo, bordadeira, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 12

Os entrevistados que possuem mais de 20 anos de vivência no Vale do Amanhecer acompanharam o processo de implantação dos diversos rituais, hoje em funcionamento, e por uma cultura laboral compreendem os rituais como trabalhos, existindo empenho e responsabilidade para com a realização de cada um deles. Os jovens por sua vez, devido ao tempo ao longo de suas infâncias na comunidade, compreendem o universo de rituais e edificações do Amanhecer como algo comum, isso por força da naturalização que aconteceu ao longo dos anos. É perceptível que os jovens, quando nasceram, as edificações da comunidade como o Templo e o Pequeno Pajé já existiam e deste modo puderam acompanhar a construção de complexos como Estrela Candente, Turigano, Unificação e Pirâmide, enquanto os idosos foram actores sociais ativos para a construção destas edificações.

> As edificações não me chamaram atenção porque foi logo no início do Vale e nós mesmos construímos o que hoje existe, né? Mas eu adorei participar da construção de tudo que tinha no templo antigo e principalmente aqui na comunidade, foi muito bom contribuir com as construções, pintar as paredes, tudo isso.
>
> Carlos, 66 anos, ensino superior completo em Economia, bancário reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 15

A adesão a grupos implica a adesão a normas e valores que criam modos de pensar, agir e sentir específicos: o *habitus* (Bourdieu, 1979). Este *habitus* é específico de cada organização ou grupo e é através de um processo de socialização ou de pedagogia que, por exemplo, os mais jovens entram em contacto com ele e torna tão difícil futuras alterações ou resistências. Nesta senda identificamos o Vale do Amanhecer e suas cenas culturais que, enquanto grupo comunitário, possui um quadro específico de normas e valores que constituem e permeia entre seus adeptos um modo de pensar e agir específicos, intensamente associados aos experimentos e experiências espirituais no seio dos rituais. O *habitus* do Vale do Amanhecer está circunscrito a um campo específico.

> Nas sociedades altamente diferenciadas, cada campo atribui ao capital económico, ao capital cultural e a algumas formas de capital simbólico específico do campo não só um grau relativo de importância, mas também um papel mais ou menos aceitável ou não-desqualificante na competição interna desse campo. (Guerra, 2010: 493)

Guerra transmite-nos ainda que:

> Bourdieu generaliza a noção de capital a outros domínios afirmando que toda a propriedade social, sob a forma de domínio de uma prática pode ser transformada em capital, mas é necessário que os outros agentes reconheçam o "valor" desta propriedade. A noção de capital

> simbólico designa a faculdade de fazer reconhecer pelos outros agentes o valor dessa propriedade e é um capital que faz com que os agentes concordem num reconhecimento, respeito ou legitimidade dos detentores das diferentes formas de capitais. (Guerra, 2010: 604)

Mediante a trajetória social de Neiva, compreendemos que ela não possui capital económico, ocupando um espaço de não-privilégio, porém Neiva inegavelmente tem capital cultural e um capital simbólico, que lhe faz ocupar uma posição de privilégio em uma trajetória face o grupo pertencente ao Vale do Amanhecer por ser, claramente, uma figura central da comunidade e de grande atração para os entrevistados, afinal foi a fundadora, principal artífice de toda a cultura material e espiritual do Vale do Amanhecer. Entre os entrevistados, Neiva, costumeiramente chamada pela alcunha de 'Tia Neiva', possui um status que, por vezes, se apresenta enquanto musa/estrela do Vale do Amanhecer e sempre reverenciada como a mentora física e, atualmente, espiritual da comunidade. Neiva possui a alcunha de 'tia', porém é sempre reverenciada como mãe, não somente da comunidade, mas dos próprios entrevistados. Percebe-se que há o sentimento de identificação na relação mãe-filhos e/ou mentora-mentorados e na mesma intensidade o sentimento de pertencimento, pois construiu-se em torno do Vale do Amanhecer o ideário de tribo que urge na vida comunitária dos Jaguares. Aliás a história da tribo Jaguar é rememorada e vivenciada diariamente nos rituais da comunidade.

> Assim também foi uma outra situação que me chamou muita atenção por conta que é uma mulher muito forte, né? Batalhadora, assim que tem uma história muito bonita de mostrar como foi o começo, né? Sem contar o estilo daquela mulher, quanta beleza! Eu sou um cabeleireiro e até hoje sou fascinado no penteado que a tia Neiva usava, sempre belíssima, maquiada, muito bem vestida e os olhos, né? Que olhar profundo, eu amo o olhar da tia Neiva!
>
> Danilo, 24 anos, ensino secundário completo, cabeleireiro, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 5
>
> Bastante, porque vejo Tia Neiva como uma grande mulher, forte, corajosa e muito à frente do seu tempo. Uma líder carismática, pois embora eu não a tenha conhecido pessoalmente, a sua história é descrita nos livros do Amanhecer e também contada através das pessoas que conviveram com ela [...] em relação ao visual de Tia Neiva eu não posso deixar de falar do olhar dela, da maquiagem e do penteado que formavam aquela forma de ser marcante.
>
> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10
>
> Eu assim que bati os olhos em Tia Neiva me encantei, nossa aquela mulher era muito bela, uma postura firme sabe, toda maquiada, penteado imponente, sobrancelhas desenhadas à mão, mãe, camioneira e líder espiritual. Nossa, achei aquilo fantástico!
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

Neiva é reconhecida pelos entrevistados por sua trajetória de vida enquanto uma mulher que muito jovem tornou-se profissionalmente independente, devido sua viuvez precoce, tornando-se a primeira camionista profissional do Brasil (Reis, 2008), uma mulher que foi uma líder carismática que enfrentou várias adversidades no Brasil dos anos 1960/1970/1980 que atravessava uma severa ditadura consequência de um golpe civil-militar. Portanto, há o reconhecimento por parte dos entrevistados pelas facetas de Neiva e sobretudo face sua estética marcante, expressa em seu penteado costumeiro, seu modo de se maquilhar e vestir, levando em consideração que Neiva fazia suas próprias roupas e indumentárias utilizadas na comunidade. A estética de Neiva é algo muito percebido pelos entrevistados, sendo inclusive um ponto de inspiração para alguns e de identificação para outros, compreendemos que esta estética compõe um estilo próprio (Guerra, 2016; 2019) da Tia Neiva e é mais uma dimensão do seu capital simbólico, neste caso um capital simbólico objetivado nas roupas e indumentárias do Vale do Amanhecer.

É interessante observar que a questão de género não foi, de nenhum modo, um ponto de impulso ou influência para os entrevistados quererem ingressar no Vale do Amanhecer. Sendo fulcral referir que percebe-se, por parte de algumas integrantes mulheres, que é importante reconhecer o papel da mulher, na figura de Neiva, inserida em um contexto brasileiro repleto de adversidades face a mulheres assumindo posições de liderança. Neiva ao menos duas vezes em sua vida conseguiu sobressair às expectativas em relação à figura de uma jovem viúva, mãe de família, por se destacar ao receber a primeira carta de condução profissional feminina para conduzir camiões e mais adiante tornar-se líder espiritual de um grupo que contavam dezenas de milhares de pessoas.

> Logo quando entrei para o Vale do Amanhecer, confesso que não tinha essa visão, só vim ter consciência da importância desse lugar quando passei a integrar movimentos sociais na Universidade e puder conhecer dados que me mostram o quanto a porcentagem da liderança religiosa por mulheres é pequena.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2
>
> Não, mas me sinto confortável por saber que foi uma mulher, que desafiando o seu tempo, trouxe todo esse acervo doutrinário.
>
> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10

A presença feminina é marcante nos rituais e celebrações da comunidade, bem como a presença de jovens e crianças, em um meio que poderíamos imaginar desinteressante para estas faixas etárias. A existência de outros jovens é mais um vetor de atração que intensifica as possíveis relações, seja no seio ritualístico ou fora dos rituais, foi possível identificar que alguns jovens se impactaram com a presença de jovens e crianças na comunidade.

> Me chamou muita atenção, porque eu não achava que ia ter muitas pessoas, assim, jovens. Eu pensava que era só mais pessoas mais velhas. E eu ainda pensava que era de trinta anos assim, mas não ia imaginar que ia ter criança vestida com as indumentárias, que ia ter adolescente e tudo mais. Eu não imaginava, fiquei surpreso e gostei muito de ver a diversidade aqui dentro.
>
> Danilo, 24 anos, ensino secundário completo, cabeleireiro, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 5

Apesar da comunidade emergir de um propósito espiritual, há uma forte movimentação interacional entre os pertencentes ao Vale do Amanhecer, acreditamos que o ideário de tribo impulsiona os sentimentos de pertencimento e identificação ínsitos nos rituais e impregnados nas indumentárias da comunidade. Todos os entrevistados jovens chegaram à comunidade na infância ou no início da juventude, assim como os adultos Walmir, Alacock e Tia Cris que foi a primeira adolescente do Vale do Amanhecer do Crato.

> Eu fui a primeira adolescente da doutrina.
>
> Tia Cris, 51 anos, ensino superior completo em Letras, professora do ensino primário, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 7
>
> Que eu me recorde quando eu cheguei só tinha uma menina adolescente, a Cristina, que hoje cuida do Pequeno Pajé junto do marido.
>
> Fransquinha, 71 anos, ensino superior completo em Pedagogia, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 16

Entre os idosos nenhum deles teve a oportunidade de conhecer o Vale do Amanhecer no período de sua juventude, inclusive alguns deles como é o caso do Carlos, Vicente Prudente e Neuza Alves contribuíram no processo de construção e edificação da própria comunidade do Amanhecer, onde hoje residem. Fransquinha, como referido acima, ao chegar no Vale do Amanhecer conheceu a Tia Cris, ainda jovem, que atualmente é responsável pelo Pequeno Pajé, edificação que agrega rituais voltados para as crianças e os jovens, assim como o desenvolvimento de atividades psicossociais que incentivam as interacções entre eles. No que se refere às vivências juvenis no interior da comunidade foi possível identificar que a estadia na comunidade do Vale do Amanhecer permitiu para alguns dos entrevistados e

permite para os jovens, na visão daqueles que já chegaram na fase adulta de suas vidas, vivenciar a juventude de um modo diferente daqueles que a fizeram fora da comunidade. Acreditamos que a possibilidade de vivenciar a juventude de um modo diferente assenta-se nas vinculações instituídas e mantidas por força do "código de conduta e normas" que circundam a comunidade e pudemos identificar ao longo da pesquisa como um *habitus* (Bourdieu, 1979), específico do Vale do Amanhecer, incorporado que permeia os processos de socialização no campo da comunidade. Há regras básicas aplicadas aos adeptos do Vale do Amanhecer, regras como a proibição do uso de bebidas alcóolicas e de entorpecentes psicoativos que geram um determinado modo de agir, pensar e sentir com consequências sociais.

> Sim. No Vale tive experiências que me permitiram desenvolver senso de colectividade, cuidado com o outro e consigo mesmo, respeito, organização e conduta, que me permitiram ter uma juventude mais consciente e participativa.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2
>
> Sim. Eu não vivenciei, mas quando cheguei tinham jovens sim. Hoje, claro, são adultos, são casados, têm filhos, e a partir disso eu passei a vivenciar com uma outra forma de ver a vida, uma outra forma de viver, de me organizar, de procurar manter uma ética e uma conduta. E hoje eu vejo isso no meu filho e dou graças a Deus ele estar aqui hoje, né? Eu tenho um filho adolescente e eu dou graças a Deus por ele não estar nesse mundão aí fora, fazendo uso de bebida ou de drogas, né? Ele está aqui engajado na comunidade, falando a mesma língua da comunidade, vivenciando as dificuldades também. Antes meu filho vivia dentro do quarto jogando vídeo-games, os amigos dele eram virtuais, hoje na comunidade ele interage muito mais diretamente. Tem os amigos Magos dele, hoje ele até namora uma Nityama da idade dele.
>
> Fátima Costa, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9
>
> Com certeza, entendo tudo isso. Porque veja só, quantos não gostariam de olhar para trás e ter tido uma oportunidade que essa garotada está tendo hoje. Então, meu filho nasceu aqui e é muito feliz, pelo menos me diz que é muito feliz aqui, muito feliz, apesar de ser uma criança de 10 anos, ele pensa ainda e se dedica muito às coisas de criança. Tem os amiguinhos dele da Falange dos Magos, brinca com eles, brinca com as Nityamas também, quando tem vontade participa dos rituais de Entrega de Energias, lá do Pequeno Pajé. Então, assim, eu vejo que é diferente um jovem, uma criança viver aqui dentro e viver lá fora onde pode ter acesso a drogas, bebidas alcóolicas e coisas desse género.
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

O modo de compreender a vivência na comunidade nos permite compreender que, a partir do entendimento de Bourdieu (1979), as acções suscitadas em meio comunitário pelos entrevistados podem ser compreendidas, justamente, na intersecção entre a realidade

externa que os circundam e suas próprias existências enquanto indivíduo. Ou seja, a comunidade, que é exterior, está presente nos entrevistados na medida em que estes interiorizam todo um conjunto de valores e práticas a partir de suas posições na estrutura social: o *habitus* do Vale do Amanhecer, ao passo que o exterior, a realidade social da comunidade, compõem-se enquanto o produto de diversos *habitus* que foram interiorizados pelos indivíduos e que estes "devolveram" ao meio social na forma de ações e pensamentos.

Os testemunhos dos mais jovens apresentam a estadia no Vale do Amanhecer como pacífica, tranquila e lhes permite estar distantes do acesso à drogas psicoativas e bebidas alcoólicas. Vivenciar a juventude neste ambiente acaba por apresentar diferentes respostas/consequências, embora mediada pelo *habitus* do Vale do Amanhecer, pois há jovens que puderam se compenetrar mais nas ritualísticas da comunidade, recebendo deste modo influências para seu amadurecimento na medida em que o entrevistado assumia compromissos perante a própria comunidade. Há jovens que se apropriaram desta experiência para vivenciar a juventude de modo mais consciente e participativo, desenvolvendo seu senso de colectividade e seus relacionamentos interpessoais. Essas percepções ficam mais apuradas ao passo que estes jovens avançam, também, para fora da comunidade estando em contacto com actores sociais que vivem fora da comunidade e consequentemente possuem um modo de compreender e vivenciar o mundo diferentes, por pertencerem a espaços e conjunturas específicas diferentes. O contacto com actores sociais de fora da comunidade é, inclusivamente, desencorajado pelos mais velhos, componente presente nos processos de socialização da comunidade, evidenciando-nos como o *habitus* do Vale se apresenta perante seus actores sociais, resultando em dificuldades face resistências às normas instituídas e incursões para fora/longe da próprias comunidade.

Os adultos e idosos, por seus turnos, acabam por assumirem uma posição mais paternalista no sentido que a comunidade é uma espécie de refúgio ou lugar de protecção para as crianças e jovens. O contacto com drogas psicoativas e bebidas alcoólicas é totalmente compreendido como experiências negativas e nocivas à vida destes que ainda não possuem maturidade suficiente para lidar com determinadas situações. Deste modo, na visão dos mais velhos, a comunidade torna-se um espaço propício para o desenvolvimento pessoal e interpessoal dos jovens que beneficiará no futuro de cada um, esta visão é possível devido o *habitus* da própria comunidade que, como é sabido, o *habitus* é "uma

subjetividade socializada" (Bourdieu, 1992: 101) que encaramos com um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação, que por seu turno é experimentado e posto em prática por nossos entrevistados, levando em consideração que as conjunturas de um campo específico o estimulam. Para os mais velhos viver o Amanhecer em sua completude possibilita uma experiência única para as crianças e jovens, essa experiência permite uma socialização que, invariavelmente, há de interferir no modo de interagir desses jovens, mesmo que de modo inconsciente os mais velhos ratificam o *habitus* do Vale.

> Sim, dentro da comunidade cria-se um certo preconceito a quem bebe e isso influencia na socialização, nas interacções da gente, né?! Então é normal impor pelo menos a mim, né?! E aos jovens que são daqui que não tenham, assim, amizade com quem bebe, que não tenham relações amorosas com quem bebe ou com pessoas que são de fora da nossa própria comunidade e isso interferiu nas minhas interacções sim, afinal eu não bebo e por muito tempo evitei amigos que bebessem, evitei ir para festas e comemorações onde tivesse bebidas alcóolicas e coisas do tipo.
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1

Algo comum que atravessa o pensamento e a perceção dos jovens entrevistados é que a partir das diretrizes proibitivas da comunidade, construiu-se um preconceito em torno do uso e de locais no qual existe o consumo, principalmente, de bebidas alcoólicas, levando em consideração que são legalizadas em todo o Brasil, e drogas psicoativas em geral. O preconceito criado impulsiona os pais e tutores a terem uma postura rígida e restritiva em relação aos filhos e seus tutelados face ao contacto, amizades e relacionamentos com actores sociais que, porventura, façam uso destes produtos e mesmo com actores sociais que não façam parte da comunidade. Em contrapartida, a heterogeneidade do Vale do Amanhecer contribui para que os jovens entrevistados mantenham o respeito entre seus pares de pensamentos, ideologias e posicionamentos divergentes, além de impulsionar relações interpessoais.

> Não, muito pelo contrário, me ajudou bastante porque eu sempre fui uma criança muito quieta, muito calada, eu chegava nos lugares e eu ficava observando, não tinha muita interacção com outras pessoas porque eu sempre, eu, muito sensível, tinha muita sensibilidade e isso me causava, porque eu ficava muito quieta. E a doutrina, ela me ajudou, a ser mais espontânea, conversar mais, então ela só me fez bem e só me faz bem.
>
> Tia Cris, 51 anos, ensino superior completo em Letras, professora do ensino primário, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 7

> Com certeza, com certeza, eles não dão muita vazão ao aspectos do álcool, das bebidas, das drogas e em compensação, por exemplo, eles iniciam a vida sexual muito cedo, a vantagem é que todo mundo se conhece, os pais se conhecem, mas de todo modo é algo a se tomar cuidado.
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

Os mais velhos da comunidade, como Ercília, percebem que há uma influência determinante nas interacções face à socialização no Vale do Amanhecer. Os jovens, mediante as orientações recebidas, tendem a não dar espaço, em suas interacções, ao uso de bebidas alcoólicas e drogas psicoativas, porém isso dá margem para que os jovens da comunidade mantenham outros tipos de interacções e isso contribui para que tenham, também, suas iniciações sexuais demasiado cedo. Nesta senda percebemos que as interacções dos entrevistados são atravessadas por afetividades que alcançam diversos âmbitos de suas vidas, nomeadamente seus relacionamentos amorosos, suas relações profissionais, seus modos de se apresentarem. Percebemos que a partir de suas experiências pessoais aproximadamente 70% dos entrevistados iniciaram e mantêm seus relacionamentos amorosos no âmbito da comunidade, isto é um dos motivos que possibilitam que seja tão difícil romper com os laços do Vale do Amanhecer e transgredir ao *habitus* (Bourdieu, 1979) do Vale.

Os jovens Lucas, Pedro Lucas, Bibiana, Danilo e Carina ainda namoram, havendo uma única exceção a Aninha não se relaciona amorosamente com ninguém que seja da comunidade, enquanto Walmir, Tia Cris, Denise, Carlos, Fransquinha, Ercília e Vicente Prudente casaram-se com parceiros que conheceram no Vale do Amanhecer, sendo válido ressaltar que Fátima Costa e Mundinha chegaram ao Vale do Amanhecer casadas e incentivaram seus companheiros a ingressarem. A abordagem bourdiana aplica-se perfeitamente às trajetórias que se gizam no Vale do Amanhecer face a socialização que nela existe, dada a incorporação de valores e normas que se tornam homogéneos, como é visível na ideia que os entrevistados fazem do mundo exterior, principalmente os adultos e idosos. Evidenciando como quanto mais forte e próxima é uma comunidade, mais difícil é qualquer resistência ou saída dela.

No que diz respeito às relações profissionais, o *habitus* do Vale é socializado e torna-se uma segunda natureza, pois percebe-se que os entrevistados buscam adequar seus

compromissos, ritualísticos e comunitários, mediante seus compromissos profissionais. De todos os entrevistados somente Walmir resolveu trabalhar no interior da comunidade.

> Sim, sem sombra de dúvidas, eu estar hoje com uma lanchonete aqui na comunidade é também para me dar a liberdade para que eu possa cumprir alguns compromissos doutrinariamente falando, entendeu? Para que eu tenha uma liberdade de cumprir algumas escalas e por isso eu abri mão de outras situações profissionalmente falando.
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8

O modo de se apresentar é algo que atravessa a todos os entrevistados. Mais uma vez o *habitus* do Vale apresenta-se vivificado no cuidado de si, através de uma vaidade positiva, que é instigada face à vivência na comunidade do Vale do Amanhecer, sendo uma influência direta do capital simbólico de Neiva e sua estética marcante. Dado o lugar-chave que Neiva ocupada na comunidade a sua forma de apresentar-se alcança diretamente as mulheres da comunidade, que sentem-se bem ao cuidar da aparência física, ao fazer uso de maquilhagem, enquanto os homens buscam manter uma postura mais ereta, asseada que esteja em consonância com aquilo que eles acreditam ser inerentes à comunidade: a beleza. Compreendemos que este aspecto é construído em torno da imagem de Neiva e sua desenvoltura face o habitus do Vale.

> Então, as vestimentas são muito coloridas, tem muito brilho e geralmente as pessoas, se sentem bem, se sentem à vontade em se maquilhar, e arrumar o cabelo, sempre estar perfumado pra estar usando essas indumentárias e eu sou assim e levo para o meu cotidiano. Eu sempre fui muito vaidoso, na verdade desde sempre, e o Vale potencializa isso. Eu sou um cabeleireiro e com certeza Tia Neiva é uma inspiração! Principalmente pra mim, no sentido de que como a gente trabalha com pessoas, com público em geral, eu acho necessário, né? Uma opinião minha. Eu acho necessário a gente tá bem apresentado em todos os sentidos. Na vestimenta, na questão do perfume, tudo na aparência.
>
> Danilo, 24 anos, ensino secundário completo, cabeleireiro, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 5
>
> Olha se eu pudesse eu só andava linda. E eu posso! É que eu não estou andando. Eu só andava tranquila. Mas na maquiagem eu não sou chegada não. Sou chegada só uma basezinha, um lapisinho. Não é nem no olho. É na sobrancelha que já estão os fios brancos, Tia Neiva fazia aquela sobrancelha arqueada, né? Pois é, eu faço a minha, não arqueada, mas passo um lapisinho. Aí eu boto quando eu vou sair, realmente eu boto só um pouquinho pra não notar também, né? E no rosto uma basezinha só e no batom posso botar, mas agora com essa moda de máscara quase dois anos nunca mais usei um batom, se perdeu tudinho, mas eu adoro andar bem arrumada. O rosto arrumado, cabelo lindo. Tia Neiva, mesmo com tanta dificuldade, estava sempre linda e exuberante. Essa vaidade eu puxo um bocado para mim, sabe?
>
> Neuza, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

CAPÍTULO 5. REPERTÓRIOS, IMAGINÁRIOS E ESTÉTICAS DO VALE DO AMANHECER

O Vale do Amanhecer é um lugar físico que assenta em histórias e trajetórias espirituais, portanto é a materialização do intocável, do invisível. Existe na comunidade um grande acervo de cores, edificações, imagens e objetos consagrados à espiritualidade, porém é um ambiente de livre trânsito para quem a frequenta, componentes da comunidade que vivem uma experiência espiritual na fisicalidade. Neste sentido buscamos compreender as dinâmicas inerentes à cultura material da comunidade na vida pessoal de nossos entrevistados.

Há no imaginário dos entrevistados uma idéia comum em torno do sentido, pois apesar de cada entrevistado conceber uma significação própria, uma releitura própria, dos espaços e formatos da comunidade, é comum a todos a apropriação daqueles espaços sagrados em suas vidas pessoais. Apesar de possuírem significados distintos, por força das individualidades e maneiras de enxergar o mundo, a cultura material do Vale do Amanhecer faz sentido para os entrevistados devido a uma socialização que cria uma memória colectiva (Pollak, 1989), valores e normas colectivas, uma homogeneização do modo de ver o mundo, mesmo com todas as particularidades individuais. Quando trata-se das famílias destes, a maioria possui uma relação íntima com esta cultura material, existindo poucas exceções de componentes do agregado familiar que não residem na comunidade ou residem, porém não participam das dinâmicas ritualísticas quotidianas. A cultura material do Vale do Amanhecer perpassa uma relação que conecta a espiritualidade, as vestimentas e os cenários de interacção onde se desenvolvem os rituais. O grande consenso, entre os entrevistados, percebido nesta relação expressa-se em seu caráter unívoco. Há uma relação tripartida que envolve a cultura material da comunidade, pois se a comunhão entre o sentido espiritual, dado através da espiritualidade, a materialização dessa espiritualidade, impregnada no vestuário, e a os cenários que agregam todo este acervo, não existir não se faz possível, ao modo que compreendemos, o propósito do Vale do Amanhecer: as cenas.

> Faz sentido todas as três, porque aqui existe tudo isso, né? Num lugar só. Na verdade é necessário que tudo isso exista na comunidade, né? Porque se você tirar uma dessas partes, uma

> não faz sentido sem a outra. Eu não faço um ritual no local errado, muito menos sem a vestimenta apropriada e o que traz sentido para tudo isso é o invisível, é a espiritualidade em si.
>
> Danilo, 24 anos, ensino secundário completo, cabeleireiro, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 5
>
> Tudo se une no mesmo sentido, é como um relógio que tem as engrenagens necessárias para funcionar, se você tirar uma dessas engrenagens o relógio não vai funcionar. O mesmo acontece no Vale, não tem ritual sem indumentária, sem o lugar de fazer o trabalho e muito menos sem a espiritualidade que conduz tudo. Uma coisa puxa a outra.
>
> Neuza, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

As dinâmicas sociais da comunidade são marcadas, simultaneamente, por circunstâncias locais e por demandas e desejos translocais que refletem-se, diversas vezes, através dos aspectos translocais e globais da cultura material do Vale do Amanhecer.

> Eu acredito que sim, viver no Vale do Amanhecer me permite estar em constante contato com outras civilizações, povos, tempos, é algo incrível e isso está impregnado em nossas construções, no nosso modo de fazer as coisas.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2
>
> É muito próprio daqui, né? Por exemplo, a imagem de Yemanjá, maravilhosa Orixá africana, a pirâmide do antigo Egito, isso é coisa muito própria daqui, entende? Não é daqui e é justamente por isso que é muito daqui. A composição, a obra completa. E falando da obra vamos ao criador, o Pai Seta Branca que ainda é um índio, é um índio, mas é um índio dentro de um contexto maior. Não deixa de ser, né? Isso sim são aspectos translocais, que vai pegar influência de outras coisas, culturas e trazer pra cá. O Vale do Amanhecer é algo muito pitoresco, muito próprio, né?
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

A composição do repertório da comunidade faz-se intensamente pela recomposição de elementos e construções que dizem respeito a outras épocas, povos e contextos. Esta recomposição possibilita o aspecto de translocalidade no seio do Vale do Amanhecer, e é justamente por esta razão que Ercília observa que os elementos característicos da comunidade não a pertence, aliás não haveria de ser esperada no contexto da comunidade, pois encontra-se em uma lugar outro que não aquele originário. O Vale constitui um espaço produzido por intensos processos de hibridação (Canclini, 2015) que propicia o surgimento, ao nosso entendimento, de uma cena que segundo Straw é “um fenômeno cultural que surge quando qualquer atividade com um propósito adquire um suplemento de sociabilidade” (2017: 79).

Vale do Amanhecer: teatro a céu aberto. O que seria a vida da comunidade, senão um teatro a céu aberto. Existem as funções dispostas, cargos, hierarquias, comandos, falas, cânticos, vestimentas e cenários, existe igualmente o público e o elenco. Nesta cena cada jaguar é um actor que consagra sua atuação diante dos rituais, principais palcos da comunidade onde a magia da espiritualidade acontece de modo performático (Guerra, 2020).

> Bom, se a gente for pensar, por exemplo, alguns rituais como Turigano, né? O Turigano retoma um episódio histórico, né? Ocorrido com o Rei Leônidas e ali tudo é teatralizado, né? A rainha exilada, Policena, a Pitoniza que vai lá intervir com o Rei, ali é uma encenação, a Estrela Sublimação é outra encenação, mas essas encenações, elas existem pra gente pensar no sentido maior. A teatralização existe para trazer sentimento e para trazer ensinamentos, então os rituais têm sempre esse sentido de repetição, para nos chamar atenção, né? Para nos ensinar algo a mais e isso aplica-se ao dia a dia, o cotidiano do povo da comunidade.
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14
>
> Para quem não é daqui de fato torna-se um teatro a céu aberto. Afinal temos nossas roupas, as indumentárias, tudo é muito parecido com o teatro e aparentemente, eu nunca tinha parado para pensar nesse sentido, mas aqui é mesmo um teatro, somos atores espirituais, cada um com o seu protagonismo e o engraçado que hora a gente é protagonista da peça e hora a gente é coadjuvante, porém sempre importantes para o desenrolar do ritual.
>
> Carlos, 66 anos, ensino superior completo em Economia, bancário reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 15

A ritualística do Vale do Amanhecer baseia-se em roteiros próprios que remontam às peças de teatro a serem encenadas. Assim como foi referido por Carlos, cada membro do ritual é um actor, na visão do entrevistado um actor espiritual, que responde a uma posição específica se valendo de todos os elementos teatrais imagináveis para realização de sua parte perante um ritual, seja ele qual for. Há um composição que toca a estética, no modo de se apresentar, um vestuário específico, inclusivamente é importante lembrar que as indumentárias são veículos de performatividade (Guerra, 2020), demonstrando que estas manifestações culturais operam como símbolos cruciais para a revivificação constante da comunidade, existem ainda falas específicas, horários específicos em uma rítmica teatral, onde qualquer jaguar pode desempenhar um papel ritualístico, dada as considerações dos papéis masculinos e femininos que podem ser ocupados por qualquer um ou uma que cumpram os requisitos necessários para aquela encenação, muitas vezes pública devido a presença dos diversos visitantes que diariamente visitam a comunidade em seus mais diversos setores ritualísticos.

> Lógico, todo ritual da comunidade possui um roteiro e posso dizer que tudo é um teatro, porque cada um sabe sua posição, sua fala, a roupa específica, é bem parecido com o teatro mesmo.
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1
>
> Sim. Se você for pegar a palavra teatralizar no sentido mais performático se aplica a tudo quanto é trabalho e todos os trabalhos têm isso, né? Existem digamos a primeira cena, a segunda cena, a terceira cena, cada um tem sua função, cada um tem o seu espaço e tem a sua atuação. Cada um vai, apesar de que tem um ritual pré-determinado, mas cada um vive do seu modo aquilo, né?
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14
>
> Sim, todo trabalho, todo ritual tem sua lei e é mesmo como se fosse um teatro, pois o trabalho só sai com o número de pessoas, ou nesse ponto de vista actores, certinho, cada um tem sua função, sua hora de falar e fazer sua emissão e todo dia mudam as pessoas que executam essas funções dentro dos rituais, ou seja, é como um teatro, não é meu filho?
>
> Neuza, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

Assim como já foi referido há uma conjunção estruturante entre o vestuário, a espiritualidade e os espaços onde acontecem os rituais da comunidade. Podemos dizer, neste seguimento, que os espaços de interacção da comunidade do Vale do Amanhecer, em comunhão com a dimensão de teatralização inerente aos rituais e as hierarquias, que são pautadas nas benesses espirituais ou recompensas ou retribuições simbólicas (Bourdieu, 1994), permitem que os actores sociais através de suas funções e cargos, no dia a dia ritualístico da comunidade possam assumir, ao estarem munidas de toda materialidade intrínseca a este universo criado, uma persona, ou seja, podem assumir a postura de um outro distinto de quem ele próprio é em seu quotidiano, seja dentro ou fora da comunidade (Goffman, 2011). A trajectória em grupos ou organizações, com a incorporação de um *habitus* e de um saber-fazer específicos, afeta aquilo que Bourdieu apelidou de "destinos prováveis", dotando os indivíduos de "títulos simbólicos" que podem ter implicações nas suas trajectórias individuais.

> Sim, com certeza. Tem gente que tem uma postura dentro da comunidade, nos rituais e fora da comunidade é totalmente diferente, entendeu? Então elas podem sim se colocar como uma outra pessoa, né? Com uma conduta e postura diferentes daquela que tem no dia a dia. Eu percebo que funções de destaque, de comando, permitem isso de forma muito clara. Existem Regentes de Falange e Comandantes que são assim.
>
> Carina, 21 anos, ensino superior incompleto em Medicina Veterinária, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato - Jovem 6

> As vezes acontece sim. Quando o pessoal da comunidade vai recebendo suas classificações, subindo na hierarquia daqui, pode mesmo acontecer de alguém assumir uma outra postura que é diferente do dia a dia. Uma grande maioria, são pessoas muito simples, de origem muito humilde e que não tiveram poder econômico, social, sabe? E aí elas têm uma pressa de classificar, e reclassificar. Cada classificação é um degrau a mais que sobe, mas aquilo mexe com o ego. E aí de repente aquela pessoa chega no patamar maior, que seria o Rama 2000, né? E então quando ele chega já acha assim "eu lá fora da comunidade, na minha vida eu continuo no meu trabalho, eu não tenho nenhum poder, mas aqui eu sou um Rama 2000" então isso começa a inflar o peito pra uns e pra outros não. Então pra uns é positivo e pra outros é negativo.
>
> Fátima Costa, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9

> Permitem sim, muitas vezes me deparo com vizinhos que na intimidade do lar são de uma maneira, porém no convívio da comunidade eles agem de um modo distinto [...] porque se aqui a pessoa nos cumprimenta quando está em casa, aqui na vizinhança, mas lá no templo, na Estrela não cumprimenta ou quer mandar na gente, dependendo da função que elas vão desempenhar, eu entendo que isso é uma tentativa de ser uma outra pessoa, é agir como se fosse uma outra pessoa.
>
> Fransquinha, 71 anos, ensino superior completo em Pedagogia, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 16

Os espaços de interacção existentes no seio dos rituais permitem, de modo consensual e unânime entre os entrevistados, a possibilidade de ser outro, esta possibilidade ora é vista como positiva e ora é vista como negativa. Fatores como o nível de escolaridade e de consciência são vetores determinantes para a possibilidade de ser um outro na comunidade, existe o entendimento por parte dos entrevistados que as limitações na vida quotidiana, seja no âmbito profissional, social ou familiar, interferem densamente nesta tomada de posição distinta que reflete em um outro ser, pois a cultura material do Vale do Amanhecer, através de suas indumentárias e hierarquias, abre espaço para este tipo de situação. Se olharmos para os rituais em uma perspectiva durkheimiana, poderemos compreender que no Vale do Amanhecer os seus rituais possuem o que há de mais elementar no processo de constituição do sagrado, ou seja, o estado de efervescência, processo que se dá colectivamente, no momento que as consciências presentes no ritual se influenciam mutuamente, atingindo um estado mental distinto daquele experienciado na vida quotidiana.

Durkheim diria que ao experimentar o estado de efervescência colectiva o indivíduo se sentiria "dominado, arrebatado por uma espécie de poder exterior, que o faz pensar e agir de modo diferente do que o faria em tempos normais" (1968: 313). A possibilidade de ser outro neste universo criado nos direciona à questões de poder, pois o próprio ritual, por sua natureza sagrada, incide em mudanças no modo de ser, no modo de se expressar e,

invariavelmente, está, também, atrelada a questões de poder. A possibilidade de ser outro dentro do Vale do Amanhecer permite que os actores sociais, se apropriando de uma outra persona (Goffman, 2011), assumam e exerçam uma posição de poder em detrimento aos outros actores sociais da comunidade, sejam aqueles que estão no meio dos rituais ou mesmo aqueles que não estão a participar de nenhuma ritualística.

> Se formos pensar em Foucault, evidentemente, há pessoas que possuem poder e o exerce sobre outras pessoas da comunidade.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2

A entrevistada remete-nos ao pensamento foucaultiano para pontuar a existência de uma rede de poder que existe na comunidade, também pela questão da hierarquia do Vale do Amanhecer, e que naturalmente actores sociais que possuem poder hão de exercê-lo sobre os outros actores sociais, como já referido, estejam eles inseridos ou não nos rituais. Os postos de comando masculinos e femininos, face aos rituais e os componentes das Falanges Missionárias, concedem poder a quem ocupa esses espaços de comando, a tomada e o exercício do pode se dá no desenrolar das interacções, sendo importante recordar que é neste movimento das interacções que as identidades se constituem (Goffman, 2011).

> Existe sim essa possibilidade, sem sombra de dúvidas, o fato de você comandar um ritual ou mesmo uma Falange lhe dá poder sim, simbólico e real.
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8

O entrevistado ocupa e exerce os cargos de Comandante Janatã, Comandante dos rituais do Templo, Instrutor e Regente da Falange de Magos e na atribuição de suas funções percebe que existe a possibilidade da concessão de poder simbólico e real, na perspectiva do entrevistado o poder simbólico é aquele que subjaz os cargos que ocupa e que se entremeiam entre os sentimentos expressos como respeito ou medo, por outro lado o poder real é aquele que lhe permite atribuir ou destituir tarefas a determinados actores sociais da comunidade, sejam os Magos sob sua responsabilidade ou os comandados dentro dos rituais.

> Sim. Com certeza, as pessoas podem se empoderar, buscando o melhor que há nelas e que o mundo pode lhes oferecer, mas não posso negar que há o poder, num sentido de teorias do poder, onde há uma hierarquização e podemos identificar figuras que querem gozar de seus cargos e funções para delegar, mandar, comandar os outros, replicando as malhas do poder que existem lá fora aqui dentro, seja no sentido mais comunitário ou ritualístico.

> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

A entrevistada percebe que há a possibilidade do empoderamento dos actores sociais da comunidade, que uma vez restritos a possibilidades melhores fora da comunidade, possuem uma oportunidade de expandir e aprimorar seus atributos na execução de suas atribuições ritualísticas, em detrimento a este caráter positivo do poder há a percepção face às referidas malhas de poder que existem fora e, invariavelmente, dentro da comunidade. O uso do poder tem uma tendência a ser negativo, podendo perpassar aspectos da vaidade e do autoritarismo, porém não se pode dirimir a possibilidade do empoderamento perspectivando o aperfeiçoamento pessoal. Para nossa pesquisa é importante investigar a respeito da visão pessoal de nossos entrevistados sobre as questões de poder no âmago da comunidade, afinal é sabido que ser outro na comunidade permite aos actores sociais do Vale do Amanhecer terem acesso a poder. Existe a percepção que as questões de poder na comunidade são cotidianas, porém é algo incoerente e negativo como poderemos observar:

> Eu enxergo como uma hipocrisia. Porque você está ali para se melhorar e acaba por piorar, porém isso só demonstra como o nosso livre arbítrio é respeitado dentro da comunidade.
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1
>
> Eu nunca pensei sobre isso, não sou muito de estar falando da vida dos outros membros daqui, afinal isso não me acrescenta em nada, porém cada um tem sua liberdade assegurada na comunidade e cada um faz o que lhe convém, eu tento ser o melhor que eu posso com todos, algumas pessoas não tentam fazer isso, então, não é algo que me diga respeito, só isso.
>
> Danilo, 24 anos, ensino secundário completo, cabeleireiro, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 5

Há algum desconforto em tratar de questões de poder no seio da comunidade, talvez por existir alguma ideia de proteção em relação à própria comunidade e seus adeptos (Bourdieu, 1979), apesar disso é reconhecido pelos jovens que mesmo existindo uma malha de poder na comunidade, o direito à liberdade é preservado, de um modo tal, que é facultativo a aquisição, manutenção e utilização do poder nos entremeios do Vale do Amanhecer. Um ponto relevante a se ressaltar é o fato que os jovens e adultos apresentaram seus pontos de vista em relação às questões de poder na comunidade, porém entre os idosos houve uma espécie de silenciamento colectivo onde Neuza Alves e Vicente Prudente não falaram sobre o assunto e os demais foram concisos em suas respostas.

> Prefiro não comentar, seja para bom ou ruim.
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós-Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14
>
> Acho algo ruim, não gosto.
>
> Carlos, 66 anos, ensino superior completo em Economia, bancário reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 15
>
> Eu nunca formei uma opinião referente a isso, prefiro não julgar a vida alheia.
>
> Fransquinha, 71 anos, ensino superior completo em Pedagogia, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 16
>
> Eu não costumo observar esse tipo de situação não, inclusive não gosto.
>
> Mundinha, 82 anos, ensino superior completo em História com pós-graduação, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 17

Parece-nos que os entrevistados idosos não se sentem confortáveis em falar sobre questões de poder na comunidade e nos rituais. Quando trata-se de apresentar suas percepções em relação ao colectivo que vive e participa da comunidade, observamos que estes entrevistados falaram abertamente em relação ao assunto quando se tratava de um modo global, porém quando aprofundamos o assunto, incidindo na percepção face aos actores sociais da comunidade em si, houve o desconforto e recebemos respostas esquivas.

5.1. A materialidade dos Jaguares

O vestuário próprio do Vale do Amanhecer é composto por uma diversidade de vestimentas, todas específicas para os rituais que se desdobram na comunidade. Há vestimentas específicas para os homens e para as mulheres, bem como existem vestimentas destinadas às crianças e jovens. As mulheres possuem uma maior variedade de opções em detrimento dos homens, acreditamos que isso se dá por força da figura de Neiva e seu capital simbólico enquanto figura feminina de liderança. Podemos, inclusive, dizer que as vestimentas são estipuladas, também, em razão da posição que os diversos actores sociais ocupam dentro da comunidade, face o *habitus* do Vale. A princípio podemos afirmar que existem dois tipos de vestimentas próprias do Vale do Amanhecer: indumentárias e uniformes. Existem 21 Falanges Missionárias na comunidade, 19 Falanges femininas e 2 Falanges masculinas, entre as indumentárias das Falanges Missionárias, também encontram-se a indumentária feminina

específica para o ritual de Prisão, as indumentárias de individualidade, indumentárias de Madrinha, a indumentária da representante da Condessa Natary e a indumentária de Profetiza, todas vestimentas femininas, existindo ainda a indumentária de Jaguar masculina. Ou seja, existe uma imensa diversidade de indumentárias femininas, em detrimento das indumentárias masculinas.

Para além das indumentárias poderemos identificar os uniformes de jaguar, branquinho e angical, todos estes uniformes existem em modelo masculino e feminino. Entre nossos entrevistados o Carlos fala sobre a distinção funcional destas vestimentas.

> Eu posso lhe dizer que as indumentárias são utilizadas nos trabalhos iniciáticos e os uniformes são mais usados nos trabalhos evangélicos.
>
> Carlos, 66 anos, ensino superior completo em Economia, bancário reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 15
>
> Bom, no dia a dia a gente usa roupa comum, né? Se você não está num trabalho, a gente usa roupa comum. Eu particularmente uso roupa comum, normal. Agora nos rituais nós temos roupas específicas que são necessárias.
>
> Fransquinha, 71 anos, ensino superior completo em Pedagogia, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 16

Fransquinha nos conta que no quotidiano da comunidade, para além dos rituais, não existem especificidades quanto ao tipo de vestimentas que podem ser utilizadas, isso aplica-se para os membros da comunidade e para os visitantes. Neste subcapítulo haveremos de nos deter à materialidade dos Jaguares, os componentes do Vale do Amanhecer, tão logo nos dedicaremos a investigar sobre o vestuário ritualístico, se assim podemos chamar, da comunidade. A comunidade do Vale do Amanhecer do Crato agrega em seu acervo 49 rituais discriminados na Tabela 3 e Tabela 4, que são realizados por seus componentes. Como já foi referido há uma grande identificação entre o sentido do labor espiritual e os rituais, sendo costumeiramente chamado de ‘trabalhos’ (Sassi, 1979). Ao serem indagados sobre quantas vestimentas próprias da comunidade possuem, foi possível observar que cada entrevistado possui uma quantidade considerável de vestimentas. Entre os entrevistados as mulheres possuem uma média de 9 vestimentas, enquanto os homens possuem uma média de 5 vestimentas, na comunidade as mulheres possuem uma maior disposição de espaços a serem ocupados mediante o capital simbólico que possuem e acumulam. Os jovens, em geral, são os que possuem menos vestimentas, percebe-se que

com o avanço da idade há uma intensificação face ao uso de uniformes e indumentárias, isso pode ser decorrência de diversos fatores: tempo/disponibilidade, responsabilidade, comprometimento, etc, porém é inegável que todos se inserem no jogo (Bourdieu, 1994) do Vale do Amanhecer. Outra situação interessante é que, se tratando dos homens, há uma crescente na fase adulta que se reduz na velhice, porém entre as mulheres esta redução na quantidade de vestimentas não é percebida entre as mulheres mais velhas.

Um ponto fulcral em relação ao vestuário do Amanhecer é o simbolismo das vestimentas nos rituais. Aqui vamos nos concentrar, especificamente, nas indumentárias de Falange Missionária presentes em quase todos os rituais existentes na comunidade e utilizadas, ou já utilizadas, por todos os entrevistados de nossa pesquisa. As indumentárias estão no centro de organização dos rituais e representam uma função específica mediante cada um, indicando a posição e função de cada actor social perante o ritual a ser realizado. Podemos, igualmente, referir que estas indumentárias de Falange Missionária simbolizam nos rituais a história transcendental e os mentores (seres espirituais) daqueles que as utilizam.

> Fisicamente, cada uma delas simboliza muito a função que a ninfa está dispondo naquele momento. Por exemplo, se eu estou de jaguar em um dia de trabalho oficial, indica que eu esteja à disposição para a realização de trabalhos como mesa evangélica e tronos, já se eu estou de indumentária, posso estar integrando ou escalada em algum dos trabalhos como a Estrela Candente e a Cruz do Caminho. Ainda mais dentro de um ritual específico, caso aquela Falange Missionária que a ninfa representa tenha uma designação única, podemos identificar a função dela especificamente naquele trabalho. Espiritualmente, estamos em todos os rituais simbolizando nossas heranças transcendentais e nossos mentores, as vestes nos fazem chegar mais próximo das representações dos planos espirituais e nos auxiliam no alcance de energias para a manutenção dos trabalhos.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2
>
> Bom, dentro dos rituais ela dá uma identificação, dá uma identidade, né?! Ela representa uma origem, mas além dela dar essa identificação, ela representa e me dá uma proteção também para estar participando desses rituais. Ela é também uma ferramenta, me auxilia como instrumento para que eu possa executar essas tarefas, dentro dos rituais também.
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8

Através da fala de Walmir compreendemos que as indumentárias compõem, em sua percepção, uma componente de identidade dos membros de cada Falange Missionária, representando as origens e possibilitando proteção a nível espiritual àqueles que as utilizam.

Mais a frente traçaremos o modo pelo qual as indumentárias atravessam a composição da identidade dos membros do Vale do Amanhecer, expresso em nossos entrevistados. Assim como cada indumentária possui um simbolismo perante os rituais há ainda a representação de cada uma, pois do mesmo modo como cada indumentária possui características e detalhes próprios, cada uma representa algo distinto. Inicialmente podemos aferir que cada indumentária representa a história transcendental das componentes de sua Falange Missionária, o que queremos dizer com história transcendental nada mais é que a memória comum e colectiva (Pollak, 1989), construída por Neiva e Seta Branca, que incide sobre histórias de tempos remotos que são protagonizadas pelos seres espirituais responsável pelas Falanges Missionárias e, consequentemente, por aqueles que as utilizam.

> Sim. Representa a força transcendental das Dharman-Oxintos, a Princesa Aline, que também pode ser chamada como Horibe, nossa mentora, as sacerdotisas de Horus e o poder de Nefertari.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2
>
> De acordo com Tia Neiva, a indumentária da grega representa as jovens da antiga Grécia que se reuniram na sintonia do deus Apolo, no oráculo de Delfos. Os espartanos eram especialistas na arte de lutas e guerras, por recomendação de Pytia, sacerdotisa do Oráculo de Delfos, as gregas saiam em busca dos campos de batalhas e recolhiam as armas dos feridos e dos mortos para serem abençoadas no Oráculo, pois tinham a crença que quando a arma era consagrada o soldado se libertava e não se perdia. Nessa trajetória, as jovens também cuidavam dos feridos e durante os rituais ficavam de honra e guarda nos portões do Oráculo.
>
> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10
>
> Representa a minha Princesa Nyatra e o mundo espiritual, pra mim ela representa, porque eu sei que é assim.
>
> Neuza, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

Cada Falange Missionária possui uma história que foi narrada pela própria Neiva, esta história é repassada oralmente e também através de apostilas que foram criadas ao longo dos anos, possibilitando o acesso a todos, mesmo aqueles que eram de templos distante da comunidade Vale do Amanhecer de Planaltina - DF, criada por Neiva. Com o avanço tecnológico e o largo acesso à *internet*, facilmente encontra-se nas redes e principalmente circulando nas plataformas digitais como *Facebook* e *Instagram* as histórias, imagens e vídeos sobre as Falanges Missionárias e sobre aqueles que fazem uso delas. Percebe-se que a Falanges Missionárias, geralmente, possuem o nome daquela(e) que seria a(o) sua(seu)

mentor/responsável espiritual, vivificados no Anexo 7 – Tabela 8, algumas até replica na própria vestimenta características que dizem respeito à imagem de seu mentor/responsável espiritual.

Neste sentido podemos referir que a maioria das Princesas de Falange e Guias Missionárias - Mulher de Samara, Madruxa, as Princesas: Aline, Muruaicy, Jaçanã, Ariana, Narayama, Rochana, Cayçara, Samboara e Nyatra, as Guias Missionárias: Abariana Verde, Maya, Madalena de Cássia e Cigana Tagana- possuem um artefacto com feixes coloridos presos às suas cabeças, Neiva replicou estes modelos nos artefactos chamados 'pentes' que cada componente das Falanges Missionárias faz uso. As componentes da Falange Nityama, por exemplo, cobrem suas faces com um véu do mesmo modo que a responsável espiritual pela Falange, chamada Madruxa, utiliza que podemos ver no Anexo 7 - Tabela 8. Naturalmente cada entrevistado emprega um significado particular para suas próprias indumentárias, estes significados são atravessados pelas experiências individuais e colectivas de cada no seio da comunidade, tendo em vista o *habitus* do Vale do Amanhecer e a socialização .

> Ao que eu atribuo a minha indumentária, o significado que ela tem pra mim seria proteção. Então eu me sinto protegido com a minha indumentária de Príncipe Maya. Eu me sinto acolhido, é como se eu tivesse com uma armadura.
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1
>
> Ai, amor, acolhimento, eu me sinto muito confortável. É de você se sentir bem. É de você se sentir bonita, de você se sentir plena, vestida na indumentária. E no caso eu tenho muito isso com a de Narayama, né? Eu me sinto plena. Eu me sinto outra pessoa. Dá um tom de elegância, não é? Você se vestir com essas cores, elas são muito chamativas então o brilho prata com rosa é muito chamativo. O pente pink, né? É muito chamativo, então todo mundo vê, né? Então assim, a gente é vista de longe. Então eu me sinto muito plena, na minha indumentária de Narayama. Ela me traz amor, acolhimento, eu me sinto linda dentro dela, entendeu?
>
> Carina, 21 anos, ensino superior incompleto em Medicina Veterinária, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato - Jovem 6
>
> Hoje a indumentária da Falange de Mago, especialmente se tratando, ela representa quase que uma segunda pele, ela representa a proteção, representa a referência, o espelho, o cuidado também que eu tenho que ter por ser uma referência para os mais jovens de hoje que estão chegando, então eu tenho que ter toda uma cautela, toda uma postura, estar sempre observando os demais Magos também e aí se tratando da Falange ela é uma referência, uma proteção, ela é muito bonita, ela é muito elegante. Ao mesmo tempo que eu me sinto bonito, que eu me sinto elegante, eu fico muito à vontade, porque ela se tornou uma segunda pele.
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8

> Proteção, força, coragem, cura, tudo isso e muito mais!
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós-Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14
>
> Olhe a minha indumentária, o colorido eu adoro. Cigano adora cores e eu amo! E essa roupa me representa tanto, porque significa alegria, o povo cigano é muito festivo e simboliza alegria, aos meus olhos.
>
> Mundinha, 82 anos, ensino superior completo em História com pós-graduação, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 17

Às indumentárias de Falange Missionária são atribuídos diversos significados, pelo que é possível verificar na fala dos entrevistados, estes significados estão associados às imagens de seus mentores/responsáveis espirituais e às funções designadas para cada Falange Missionária. Deste modo sabedoria e conhecimento antigo, protecção, cura, amor incondicional, festividade, coragem e beleza são associados às indumentárias. Há o significado de protecção e senso de responsabilidade, mediante o cuidado que o entrevistado Walmir deve ter, na condição de Regente da Falange de Magos, para com as gerações mais jovens, então ratificando o que já foi dito a atribuição destes significados perpassam as experiências individuais e colectivas dos entrevistados, ou seja, o *habitus* do Vale ao passo que este é socialmente constituído de disposições estruturadas, no meio social, e estruturantes, nas mentes dos entrevistados. Compreendemos que toda a significação atribuída ao vestuário da comunidade é produto da relação existente entre o *habitus* do Vale e os estímulos e as pressões de uma conjuntura específica no qual eles desenvolveram suas experiências práticas (Bourdieu, 1992).

Cada indumentária existe graças ao esforço espiritual e físico de Neiva Chaves Zelaya, a Clarividente[14] do Vale do Amanhecer era a única responsável por assimilar espiritualmente os modelos de cada indumentária e em seguida materializá-las, fazendo assim nascer as Falanges Missionárias. Aqui vemos mais uma vez a posição privilegiada que Neiva ocupava

[14] Silva afirma que "clarividência é uma mediunidade rara, confundida, na prática, com a de vidência ampliada, mas com diferença profunda, pois o clarividente possui consciência simultânea, isto é, consegue viver e se comunicar em planos diferentes, simultaneamente, obedecendo às leis de cada plano e com plena consciência dessa diversidade. Tia Neiva recebeu a missão de aprender e nos transmitir nossa Doutrina por sua clarividência. Ao mesmo tempo em que estava em seus afazeres neste plano físico, ouvia e via os Espíritos Superiores que lhe traziam ensinamentos críticos. Exercitando sua clarividência na Lei do Auxilio, ao mesmo tempo em que estava atendendo alguém podia ver e ouvir espíritos obsessores, cobradores, bem como Mentores, e penetrar em quadros do passado e do futuro, com isso proporcionando cura para situações de aflição e angústias pela manipulação dessas forças, especialmente na Alta Magia de Nosso Senhor Jesus Cristo." (2000: 143)

face o campo do Vale do Amanhecer. Neiva atravessa o que Bourdieu chamou *'les trois états du capital culturel'* por possuir capital cultural incorporado, objetivado e institucionalizado, dada sua clarividência. Na trajetória de Neiva a sua clarividência lhe permitiu realizar coisas como fundar a comunidade do Vale do Amanhecer e liderar mais de 70.000 pessoas na década de 1980, deste modo compreendemos que sua clarividência é um capital cultural incorporado ao passo que "é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da "pessoa", um *habitus*" (Bourdieu, 1979) e "não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória, etc.)" (Bourdieu, 1979). A clarividência de Neiva era algo que foi descoberta por ela própria e apropriada de um modo tal que transformou-se, reiteramos, em capital cultural objetivado nas suas roupas e indumentárias do Vale do Amanhecer.

> É preciso não esquecer, todavia, que ele só existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural (campo artístico, científico, etc.) e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado. (Bourdieu, 1979)

O capital cultural objetivado de Neiva foi bem utilizado em seu benefício, ao ocupar um espaço de privilégios, em seu campo, mediante o *habitus* do Vale do Amanhecer que ela própria arquitetou e materializou. Neste sentido é que compreendemos que o uso do capital cultural objetivado de Neiva a permitiu mediar processos de socialização e acúmulo de capital simbólico que resultou em um capital cultural institucionalizado, acreditamos nisto mediante a posição hierárquica inalterável que Neiva ocupou dentro do Vale do Amanhecer, sendo, reconhecidamente, a única Clarividente da comunidade e que mesmo após sua morte permanece reconhecida e respeitada como tal por parte de seus pares, adeptos e visitantes do Vale do Amanhecer, bem como por pesquisadores e escritores como Sassi (1979), Lucena (1992), Silva (2000), Reis (2008), Queiroz (2015) e Lima (2019).

> A objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação

> ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (Bourdieu, 1979)

Tudo no Vale do Amanhecer gira em torno da Tia Neiva, seu capital simbólico acumulado permite esse movimento intenso, orquestrado pelo *habitus* do Vale. Assim como a idealização do vestuário da comunidade perpassa o imaginário de Neiva em uma acepção espiritual, não seria diferente com a confecção do vestuário. Inicialmente, todas as indumentárias eram confeccionadas no salão de costuras de Carmem Lúcia Zelaya, filha de Neiva, sob a supervisão e cuidados da própria. Atualmente na comunidade do Vale do Amanhecer Crato - CE, existem profissionais que dão seguimento ao trabalho iniciado pela filha de Neiva em seu salão de costuras que funciona até os dias atuais.

> Aqui na comunidade têm costureiras e bordadeiras, mas tem homens também que desempenham esse trabalho com as indumentárias. Eu mesma tenho o meu ateliê de costura e bordados aqui na comunidade.
>
> Alacock, 40 anos, ensino secundário completo, bordadeira, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 12
>
> Aqui na nossa comunidade aqui do Crato, de Nyatra? Hum. Meu Deus. Quem? Tem costureira e bordadeira que faz mal feito, mas faz. Eu mesma peço tudo meu em Brasília. Tudo meu é em Brasília, quem faz as minhas indumentárias é a Aninha do Queiroz que é Nyatra.
>
> Neuza, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

Percebemos que na comunidade existem profissionais versados em alta costura e bordados, que são necessários para confecção das indumentárias. Há na comunidade salões de costura e bordado, onde as pessoas que trabalham com a confecção das indumentárias são adeptas do Vale do Amanhecer e conhecem cada detalhe de cada indumentária. Levando em consideração que existem 21 Falanges Missionárias, há costureiras e bordadeiras específicas para cada Falange, como acontece com a Falange Jaçanã, onde são Jaçanãs as costureiras e bordadeiras responsáveis pela confecção desta indumentária. Ao passo que existe um comércio instaurado na comunidade baseado nas indumentárias, a entrevistada Neuza Alves dá preferência a encomendar suas indumentárias de Nyatra no Templo Mãe - DF, via *internet*, neste caso a responsável pela confecção de sua indumentária é a Ana Maria Viegas de Queiroz, uma das sete primeiras Nyatras que conviveu com a Tia Neiva e foi a nossa entrevistada da nossa entrevista piloto no início desta pesquisa. A entrevistada Neuza Alves acredita que os membros da sua comunidade que, por ventura, confeccionam a indumentária de Nyatra a fazem de um modo mal feito, justificando assim seu contacto com

o Templo Mãe - DF na busca pela originalidade. Tratando-se da originalidade no modo de fazer o vestuário é perceptível que existe um modelo específico para cada Falange Missionária.

> Sim, existe o padrão para cada Falange, né? No total nós temos vinte e uma falanges, cada falange possui modelos, modelos diferentes e aí para cada falange todas as componentes precisam ter roupas iguais, um padrão. Então elas têm um padrão.
>
> Aninha, 19 anos, ensino secundário completo, estudante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 4

Neiva instituiu o modo de fazer as indumentárias e construiu um padrão, este padrão possui especificidades mediante cada indumentária de Falange que deve ser seguido igualmente para todos aqueles que hão de vestir cada indumentária. Apesar que ao longo dos anos algumas alterações foram realizadas em relação a algumas Falanges Missionárias, isso ocorre em decorrência de questões materiais, que por vezes cairam em desuso e/ou o mercado deixou de produzir e comercializar, e questões de hierarquia, pois cada Falange Missionária possui uma Primeira, aquela que foi escolhida por Neiva para conduzir toda a Falange Missionária dentro e fora do Templo Mãe. As Primeiras de Falange ocupam um espaço de privilégio face o Vale do Amanhecer, inseridas na lógica de retribuições simbólicas (Bourdieu, 1994) que concedem "títulos simbólicos" que podem ter implicações diretas nas suas trajectórias individuais, porém com um alcance colectivo, no que diz respeito às componentes das Falanges Missionárias. Somente Neiva poderia realizar alterações nas indumentárias, porém concedeu liberdade para que as Primeiras pudessem realizar alterações mediante suas próprias concepções.

> Então podemos dizer que o que justifica as alterações é uma questão meramente material, pelo material que é construído nossa indumentária, mas tem uma outra questão também, por exemplo, ao longo dos anos eu acredito que algumas, as missionárias que estão à frente dessas falanges, as Primeiras de Falange, elas tenham-se encantado com alguns materiais que a indústria foi criando, mais exuberantes e resolveram fazer algumas mudanças.
>
> Denise, 46 anos, ensino superior completo em Letras com especialização em língua inglesa, professora do ensino secundário, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 11
>
> Olha, mudaram o padrão da capa, tiraram as lantejoulas e botaram galão, quem mudou foi a Primeira Nyatra lá de Brasília, mas ela pode mudar pois a tia Neiva antes de partir deixou acertado que as Primeiras de Falange Missionária podem fazer essas mudanças, aí assim se vem da Primeira dá certo, agora se é arrumação do povo não funciona não, sai do padrão.
>
> Neuza Alves, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

O prestígio que as Primeiras de Falange gozam é propiciado pelo capital simbólico que estas acumularam ao longo dos anos, dado o contacto direto e outorga por Tia Neiva. Existe na comunidade o imaginário que as vestimentas só cumprem seu papel nos rituais quando confeccionadas do modo que Neiva deixou ou seguindo as alterações autorizadas pelas Primeiras de Falange, caso sejam confeccionadas de outro modo, fugindo do padrão estabelecido não é possível a vinculação espiritual que permite os momentos de efervescência colectiva nos rituais da comunidade (Durkheim, 1968). O vestuário do Amanhecer está no cerne dos rituais e da própria comunidade, sem o vestuário acreditamos que o sentido da comunidade se esvai, nesta perspectiva buscamos compreender como o vestuário incide sobre o âmbito pessoal de cada entrevistado, para que fosse possível compreender os processos de formação identitária no Vale do Amanhecer.

> É aquela questão, né? Pra ser Nityama, verdadeiramente, tem que ter o espírito de Nityama, né? E quando eu me visto, eu acredito que realmente fui Nityama naquela época lá na Índia, eu sei disso porque eu fico muito realizada. E a questão, né? Da pureza, eu levo tudo isso em conta, eu gosto desse detalhe dela. O que inclusive me chamou atenção, né? Quando eu entrei foi o véu. Eu vi a Nityama e eu achava super diferente, com a face coberta e quando eu entendi, né? O significado do véu, eu liguei, né? As coisas e eu me sinto bem.
>
> Aninha, 19 anos, ensino secundário completo, estudante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 4
>
> Onde eu estou eu carrego esse Mago dentro de mim, não só fora quando eu tô com aquela roupa, com aquela indumentária, com aquela vestimenta, eu sou eternamente Mago, me sinto, me vejo, sou Mago!
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8
>
> Oxe, me representa em todas as esferas de minha vida, Dharman-Oxinto eu sou o tempo todo. Olha tem um trecho no nosso canto que termina assim “onde eu estiver em minha jornada que eu seja o reflexo do bem e da luz”, tão logo eu sou Dharman Oxinto sempre, amo essa indumentária maravilhosa.
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós-Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

Levando em linha de conta a memória colectiva que envolve a comunidade identificamos que as indumentárias de Falange Missionária suscitam um sentimento de pertença e origem (Pollak, 1989) naqueles que as utilizam. Podemos identificar na fala de Aninha que, em seu imaginário, ela foi uma Nityama na Índia em tempos remotos. Walmir, por seu turno, partilha do sentimento de pertencimento, independente do uso da própria indumentária, é algo que ultrapassa o vestuário e é o próprio *habitus* do Vale que impulsiona esse tipo de

pensamento e ação que encontra-se no modo de pensar de todos os entrevistados. Hall (1997) acredita que nossas identidades são formadas culturalmente e isso se evidencia no seio do Vale do Amanhecer, também vetorizado por suas vestimentas.

> Tudo o que a minha indumentária de Grega representa está diretamente ligado aos meus antepassados. A identidade das Gregas, os desafios das jovens guerreiras daquela época têm uma ligação com a minha vida, minha personalidade, principalmente na luta constante do dia a dia, as dificuldades enfrentadas, o modo de agir, tudo forma um conjunto de pensamentos e atitudes na minha formação religiosa e social. Também sinto que preciso ser forte em todas as minhas batalhas da vida, porque já enfrentei muitas nos meus antepassados e trago uma força especial que é a força grega.
>
> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10
>
> Também. É a questão da minha personalidade, eu sou muito séria como a Maya é, como a Virgem do Sol é.
>
> Alacock, 40 anos, ensino secundário completo, bordadeira, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 12
>
> Claro que sim, eu sou uma Nyatra e a Nyatra é razão, pulso firme, é uma grandeza e isso faz parte de meu jeito de ser, meu filho. Sempre! Não há divisões entre eu e a Nyatra.
>
> Neuza Alves, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

Há um condicionamento entre o modo de perceber o mundo face às Falanges Missionárias e a construção da identidade de cada um. Cada Falange Missionária corresponde a um mentor/responsável espiritual que encontram-se no Anexo 6 - Tabela 8 e parece-nos que há uma incorporação das características destes mentores/responsáveis espirituais no modo de ser e se sentir, por parte dos entrevistados. Gersilar percebe que aquilo que é representado em sua indumentária de Grega está intimamente ligado à sua identidade e sua personalidade, os atributos associados à Grega estão, de algum modo, presentes na vida quotidiana da entrevistada, a identidade da entrevistada recebe contributos e forma-se, igualmente, pela história transcendental que a indumentária da Grega carrega. De mesmo modo acontece com Alacock e Neuza Alves, há a percepção que os atributos associados às mentoras das Falanges Maya e Nyatra estão presentes em suas personalidades e consequentemente nos seus modos de ser e estar no mundo. Neuza Alves compreende, ainda, que a Nyatra é mais que um agrupamento de mulheres, mais que uma vestimenta, entendemos que a Nyatra é um modo de ser que possui características específicas e são componentes do seu próprio jeito de ser e é importante contributo na construção de sua

identidade enquanto sujeito. O sentimento de pertença face à Falange e sua indumentária de Nyatra é demasiado importante para construção da sua identidade. Cada Falange Missionária possui um enredo próprio por detrás da indumentária.

> A história das Dharman-Oxinto é gigante, acredito que seja uma das falanges que mais tenha registro de sua memória. Está principalmente associada ao antigo Egito, é marcante a ligação da Horibe, uma das encarnações da princesa Aline com a Nefertari, que foi esposa de Ramsés II. Conta-se que juntas conduziam sacerdotisas que levavam a cura física e desobsessiva aos povos e foram elas que conduziram as primeiras iniciações, os primeiros passos iniciáticos no Egito, através da Iniciação de Osiris. Horibe é uma figura na história bem conhecida, é representada pela mulher com a cabeça de falcão, que é a cabeça de Hórus e existem representações dela junto à Nefertari em gravuras. Mais a frente, quando Nefertari foi exilada, teria sido Pytia, considerada uma das encarnações da tia Neiva, que poupou sua vida e a encaminhou para conduzir a Cruz do Caminho, hoje um dos trabalhos da comunidade, que as missionárias tem uma posição de honra e guarda a Mãe Yemanjá, onde foi realizadas as primeiras iniciações dharman-oxinto, que significa "à caminho de Deus", junto as missionárias de Hórus, das Yuricys, Muruaicys e Jaçanãs.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2

Bibiana nos conta que há uma história, narrada por Tia Neiva, associada à construção da Falange de Dharman-Oxintos. A história contada remonta o Antigo Egipto, exaltando episódios encenados por sacerdotisas consagradas à Hórus. Dharman-Oxinto, nome consagrado à Falange Missionária, é o nome das iniciações realizadas no Antigo Egipto, significando “à caminho de Deus”. Bibiana acredita que a história contada, oralmente, no seio da Falange Dharman-Oxinto é um registo historiográfico que comprova a passagem dessas sacerdotisas no Egipto Antigo no período de Ramsés II e essa história sobre as Dharman-Oxinto atravessam a trajectória de outras Falanges Missionárias, nomeadamente, Yuricys, Muruaicys e Jaçanãs. Cada Falange Missionária possui um enredo próprio, que ora se entrelaçam, esses enredos se materializam nas indumentárias e em seus artefactos utilizados por nossos entrevistados, aspecto sagrado da comunidade e como diz Durkheim:

> Há a divisão do mundo em dois domínios, um que compreende tudo o que é sagrado, e outro que compreende tudo o que é profano; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações umas com as outras e com as coisas profanas (Durkheim 1968:68).

A dicotomia sagrado/profano está presente em vários níveis, se aplicarmos os conceitos de Durkheim: por um lado, o próprio Vale do Amanhecer consubstancia a distinção entre o sagrado e o profano, em que as suas ‘fronteiras’ separam o sagrado (o Vale do Amanhecer,

os seus rituais e os seus membros) do profano (tudo o que não pertence ao Vale do Amanhecer). Mas o lugar, por si só, não tem qualquer valor, temos de o analisar juntamente com quem age sobre ele e dos objetos que usam. Os lugares são a marca de um grupo, são a marca que o grupo deixa nesse local. Como temos visto, a 'marca' deixada é o resultado dos rituais que temos descrito, os momentos de efeverscência coletiva, em que cada dimensão do ritual possui sentidos que apenas podem ser apreendidos pelos membros do grupo, consequência do processo de socialização a que foram alvo. E não é apenas uma 'marca' no espaço, como refere Durkheim (1968), mas uma 'marca' nos membros do Vale, uma marca incorporada por cada um. Não é por acaso que Maurice Halbwachs refere que a memória é sempre coletiva, pois as memórias indidivuais são sempre construídas a partir da presença de cada um ao grupo. E se for possível ao grupo demonstrar que a história que contam está muito para lá da memória humana, que vai até ao Antigo Egito, como vimos, isso serve ainda como mais um reforço identitário, uma forma de promover a coesão social, já que dá uma segurança ontológica a cada membro.

E podemos ver isso em cada indumentária, que se trata de um sagrado individual dentro do sagrado coletivo, uma forma de individualização no seio do grupo, mas uma individualização contida, por assim dizer, uma individualização que reforce a coesão social. É interessante perceber que nesta seara do sagrado cada entrevistado possui em sua indumentária um artefacto ou característica que lhe é de maior apreço e cuidado e muito nos parece que estes elementos possuem ligação direta com a identidade de cada um (Hall, 1997; Goffman, 2011). Elementos dos mais variados podem ser identificados em cada discurso, Aninha relembra a pureza e Mundinha a festividade presente nas cores.

> A minha tiara, com certeza a minha tiara com o véu. É o que eu mais gosto, né? A tiara é que vem com o véu e a minha tiara ninguém toca. É muito especial. É uma das coisas, inclusive, que eu tenho mais cuidado, né? Por representar a pureza da Nityama, a minha pureza.
>
> Aninha, 19 anos, ensino secundário completo, estudante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 4
>
> É justamente o colorido festivo, amo as cores de minha indumentária e eu sou muito festiva.
>
> Mundinha, 82 anos, ensino superior completo em História com pós-graduação, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 17

As vestimentas estão no cerne da formação de grupos dentro da comunidade e é neste âmbito que percebemos que as vinculações são intensamente desenvolvidas,

principalmente por afinidades segundo os entrevistados. Os Magos interagem intensamente com as Nityamas, Danilo e Vicente Prudente creditam esta relação às histórias partilhadas e relações interpessoais (Bourdieu, 1992; 1994; Goffman, 2011) desenvolvidas dentro dos rituais.

> É. Existem os grupos que são as falange, né? Eu costumo dizer que é uma questão de organização, né? Dentro da nossa doutrina, na nossa comunidade tem 21 falanges, né? E cada grupo tem a sua representação, tem a sua vestimenta, tem a sua particularidade, né? E dentro das Falanges tem os grupos de maiores afinidades, né? Um exemplo que eu gosto e faço parte é a panelinha de nós os Magos e as Nityamas, a gente gosta de fazer tudo junto, os rituais, nossas festas, comemorações, é muito bom.
>
> Danilo, 24 anos, ensino secundário completo, cabeleireiro, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 5
>
> Um bom exemplo é os Magos e as Nityamas e isso é por causa da afinidade, né? Como eles participam de trabalhos e têm as mesmas histórias, a tendência é realmente ter uma afinidade entre eles muito grande.
>
> Vicente Prudente, 69 anos, ensino secundário completo, vendedor reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 13

Cada Falange Missionária possui uma Regente ou um Regente que tem a função de coordenar as atividades ritualísticas do grupo, esta função aglutina junto de si capital simbólico suficiente para conduzir os grupos e mediar as interacções. O *habitus* socializado do Vale possibilita relações desenvolvidas no seio das Falanges Missionárias que permitem uma maior conexão entre os actores sociais do Vale do Amanhecer. E não é estranho que o modo de vestir e agir ao trajar estas vestimentas tivessem uma dinâmica própria face o *habitus* do Vale.

> Com certeza. Quando a gente bota a indumentária é um outro momento, pois se eu colocar uma roupa comum a gente não se sente naquele momento missionário não, aí eu sou a dona de casa, eu sou a mãe, eu sou a esposa, mas quando a gente bota a indumentária você ali não é a mãe, não é a esposa, não é a filha, você é a missionária.
>
> Fátima Costa, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9
>
> Eu sou muito eu, sou Nyatra. Então eu me respeito, respeito os outros, sou uma mulher de postura, detesto quem fala alto, principalmente num ritual ou dentro do Templo. Acho muito feio quem fuma estando de indumentária, eu mesma nunca faria isso, caso ainda fumasse. Então assim a indumentária pede um estilo certo, a pessoa tem que ter postura, tem que ter beleza, porque essas indumentárias são uma grandeza sem fim. Então não dá certo, ficar falando alto, falando besteira, usando chinelo de dedo, fumando, tá entendendo?
>
> Neuza Alves, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

Durkheim concebe que “os ritos são as regras de conduta que prescrevem como os homens devem se comportar com as coisas sagradas” (1968: 68), não seria diferente no Vale do Amanhecer com as indumentárias, há um modo específico de agir e se comportar. Fátima Costa muda o seu modo de agir por força maior do uso de sua indumentária de Franciscana, existindo uma busca por conectar-se com uma vestimenta sagrada que é a indumentária. Fátima Costa traz a ideia que a indumentária lhe faz missionária, de modo análogo Neuza Alves tem sua identidade marcada pelo sentimento de ser Nyatra, é como se fosse uma condição ou categoria de ontológica de seu próprio ser. De mesmo modo que acontece com o modo de se portar acontece com o modo de se apresentar junto às vestimentas.

> Costumo prender o cabelo na frente para melhor adequar o pente e as presilhas, uso brincos sempre combinado na cor prata, pérola ou verde água, também uso sapatos ou sandálias combinando, tenho calçados específicos de uso exclusivo da indumentária. Em relação a maquiagem, costumo usar uma base e um batom.
>
> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10
>
> A gente se alimenta de uma certa vaidade, porque fica mais bonita a gente arrumadinha, né? Então eu adoro brincos, especialmente brincos, brincos maiorzinhos, batom, me enfeito toda! Me sinto bonita, sempre perfumada. Meu cabelo hoje é curtinho, depois que eu tive câncer e esse meu cuidado comigo mesma eu trago da Tia Neiva, sabe?
>
> Mundinha, 82 anos, ensino superior completo em História com pós-graduação, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 17

É interessante se analisar o papel das indumentárias e do corpo nestes momentos rituais: continuando com Durkhein, este refere que o uso do corpo em momentos rituais permitia que este se afastasse dos meros apetites egoístas e que os corpos eram também uma fonte de valores sagrados, que também serviriam para demonstrar a pertença a um dado grupo. E isso vê-se, por exemplo, nas indumentárias das várias falanges, cada um correspondendo a diferentes técnicas de corpo, isto é, estratégias que os indivíduos gizam para, mesmo dentro do universo dos possíveis aceitáveis dentro dum grupo, criar espaços de liberdade dentro dos rituais. Não é por acaso que em várias entrevistas se fala detalhadamente das opções estilísticas, em que cada opção fica associada a determinados valores. É uma forma de provar que apesar dos efeitos de homogeneização típicos destas práticas, as indumentárias são ainda espaços livres de experimentação do self, de estabelecer modos de auto e hetero representação. A roupa, tal como o espaço, nunca deve ser analisado por si só, mas através

dos usos que os agentes fazem dos mesmos, das estratégias que cada um usa dentro das ferramentas disponibilizadas pelo grupo social a que pertencem.

Aqui nós vemos Bourdieu (1979), afinal a figura marcante de Neiva assume papel fulcral diante dos entrevistados, impetrando nestes uma forte influência. No caso da Gersilar e da Mundinha, elas costumam fazer penteados específicos, utilizam brincos e maquilhagem, bem como calçados que combinam com as indumentárias da Grega e da Cigana Aganara. O modo de se comportar ao trajar as indumentárias possui um significado próprio para os nossos entrevistados e é interessante identificar o modo homogéneo de pensar no que tange este ponto, pois há o reconhecimento sobre o *habitus* da comunidade, mas para além disso há um posicionamento que aponta que este modo de estar é construído ao longo de suas trajectórias (Bourdieu, 1994).

> É algo que eu construí, mas que eu não posso dizer também que não foi passado a instrução, né?
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1
>
> A Grega tem a função de honra e guarda nos rituais, por isso deve se posicionar com seriedade e responsabilidade na posição de uma guardiã. É algo que aprendi com minha Primeira e também vou construindo ao longo dos anos.
>
> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10

No período crítico da pandemia os entrevistados fizeram uso de máscaras ao trajar suas indumentárias, porém Carlos e Mundinha não o fizeram, por terem ficado restritos a um isolamento/quarentena devido suas idades e os cuidados de suas famílias. Neste ínterim foi possível perceber como as máscaras foram adaptadas ao vestuário do Vale do Amanhecer se tornando objeto de estilização (Guerra, 2016; 2019), para além da ideia de configurar uma combinação visual, há aqueles como a Carina que o fazem para chamar a atenção, ficando em evidência nos ambientes ritualísticos.

> Eu estilizava. Eu ia com a máscara igual a cor da falange, para não ficar uma coisa feia, não é? Já pensou, toda rosa e do nada botar uma máscara marrom no rosto? Não ia ficar bonito, não ia chamar a atenção, não ia cair bem, então eu sempre muito bem arrumada, maquiada por mais que fosse de máscara, cabelos soltos, penteado, tudo direitinho e a máscara rosa pink, né?
>
> Carina, 21 anos, ensino superior incompleto em Medicina Veterinária, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato - Jovem 6
>
> Sempre usei máscaras de tecido azul para ficar bonito junto de minha indumentária de Mago.

> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8

As indumentárias no Vale do Amanhecer possuem uma centralidade magnânima, sendo objetos do sagrado (Durkheim, 1968) e como tal sendo utilizadas, primordialmente nos momentos ritualísticos, pois o uso do vestuário do Vale do Amanhecer é feito em favor da realização dos rituais inerentes à própria comunidade como nos apresenta Tia Cris. É válido referir que o uso das indumentárias só é possível na área templária, ou seja, em todo o perímetro concernente à comunidade. Fátima Costa, por seu turno, faz o uso das indumentárias na comunidade, por compreender que somente na comunidade é que o uso delas faz sentido.

> Nós usamos as indumentárias para movimentar e realizar os rituais. Eu faço uso da minha indumentária de Jaçanã para representar minha Falange nos rituais em que há a necessidade de nossa presença, como o Leito Magnético.
>
> Tia Cris, 51 anos, ensino superior completo em Letras, professora do ensino primário, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 7
>
> Na comunidade a gente até se sente à vontade, porque faz parte do nosso quotidiano. Mas uma vez que eu saio da comunidade com essa indumentária as pessoas não irão entender a razão da minha vestimenta. Então eu diria que a uso na comunidade porque é na comunidade que ela faz sentido.
>
> Fátima Costa, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9

Deveras as normativas do Vale do Amanhecer delimitam que o uso das vestimentas fora da comunidade não é aceitável. Pois bem, compreendemos este facto como revelador da característica sagrada que as indumentárias são dotadas, ora se o ponto chave dos rituais é sagrado, por quê a comunidade não seria? Aqui vemos, em uma perspectiva durkheimiana, como Neiva buscou criar algo sagrado em torno de si e da imagem do Pai Seta Branca, desenvolvendo uma cosmogonia própria, ancorada em uma memória colectiva (Pollak, 1989) criada. Se a intenção da Clarividente era criar algo sagrado, nada mais justo que criar uma comunidade, um mundo próprio apartado do próprio mundo, profano, que vive para além dos muros do Vale do Amanhecer, afinal o sagrado é sempre algo que diga respeito à colectividade, à vida colectiva (Durkheim, 1968: 580).

> Sim, seria maravilhoso poder andar com a indumentária de Grega no dia a dia em outros espaços, pois essa roupa transmite muita força, dá segurança, enfim teria muita proteção, além de ser imponente.

> Gersilar, 41 anos, ensino superior completo em Administração e Ciências Sociais, estudante, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 10
>
> Eu adoraria, gosto muito de minha indumentária de Yuricy Sol, e eu não só me sinto protegida vestida com ela, eu me sinto bonita, imagina só o meu vestido todo preto com um imenso sol bordado em lantejoulas douradas, é magnífico.
>
> Fransquinha, 71 anos, ensino superior completo em Pedagogia, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 16

A dinâmica em torno do vestuário é algo muito afetivo que toca a identidade dos entrevistados de modo homogéneo. Fransquinha e Gersilar, compreendem que não há a possibilidade de fazer uso de sua indumentária fora comunidade pois não é permitido, porém quando pensam na possibilidade expressam um desejo muito afetivo de fazê-lo.

CAPÍTULO 6. SOCIABILIDADES INFINITAS NUMA CENA

Imersos no vestuário do Vale do Amanhecer, é de suma importância avançarmos, agora, para a ritualística desta comunidade e para tal não podemos deixar de lado a hierarquia, que organiza, e os rituais, que determinam as dinâmicas e sociabilidades ínsitas ao quotidiano da comunidade. De igual modo, na perspectiva durkheimiana, havemos de nos debruçar sobre os rituais e a forma como são cruciais para assegurar a coesão e a continuidade das comunidades. Durkheim afirma que "os dois pólos da vida religiosa correspondem aos dois estados opostos pelos quais passa toda a vida social" (1968: 580). O Vale do Amanhecer enquanto comunidade mística, tem em seus rituais as suas principais e mais intensas interacções, sendo importante referir que os rituais sociais, propriamente ditos, possuem a capacidade de intensificar o sentimento de pertença ao grupo que se pertence e de integração social entre os envolvidos (Durkheim, 1968). Na comunidade percebemos que há interacções com os actores sociais que movimentam os rituais, com os actores sociais que participam e com os visitantes, há interacções com os próprios rituais, com o vestuário e com os espaços/cenários onde eles decorrem.

Bibiana compreende que há interacções de mutualidade nos rituais, essas interacções são positivas para o bom funcionamento de cada rito. Bibiana expressa apreço pelo espaço do Pequeno Pajé, recinto que abriga as ritualísticas destinadas às crianças e aos jovens, pertencentes ou não às Falanges de Devas. Porém também são observadas interacções negativas: conversas paralelas, uso de telemóveis, fotos, etc percebe-se que tudo o que é associado ao negativo é associado ao profano (Durkheim, 1968), Goffman (2011) ao pensar no trabalho realizado por Durkheim apresenta como um rito pode tornar-se um rito inverso é neste sentido que a profanação, de mesmo modo como a sacralidade, passa por uma ordem de códigos padronizados ao passo que usar o telemóvel ou tirar fotografias estão na mesma ordem de injuriar um rito. Lucas compreende que as interacções podem se alterar mediante a função desempenhada por ele, seja em relação ao espaço, a indumentária ou os objetos que tenha à sua disposição, aqui podemos evocar Goffman (2011), afinal "os materiais comportamentais definitivos são olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação,

intencionalmente ou não" (Goffman, 2011: 9) e tudo isto está no âmago das interacções. A questão da visibilidade é um vetor importante na alteração face às interacções, as posições e funções de destaque dada as interacções *face to face* (Goffman, 2011).

> Existe uma grande versatilidade no quesito rituais, há interação com as pessoas dentro do ritual, por exemplo, quando as pessoas buscam se auxiliar mutuamente para que o ritual aconteça perfeitamente, há interação com o próprio ritual, por exemplo, quando o comandante está ali compenetrado com o comando do ritual e busca não entrar em conversas paralelas com as pessoas ali próximas, sabe? Aí tem as interações com o espaço, eu amo o Pequeno Pajé, pois eu cuido do ambiente, eu cuido da limpeza sempre que posso, adoro realizar este ritual, enfim. De um modo menos positivo tem também as conversas paralelas, aquela olhada no celular durante o ritual, sempre tem alguém querendo tirar foto, principalmente na Estrela Candente e é isso.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2
>
> Essa diferença de espaço, de roupa também, pressupõe mudança de cargo, de função, sabe? Traz muita essa questão mesmo da posição, né? Da visibilidade, porque todos no ritual já entendem do ritual e já sabem quais são as posições de destaque, né? E as interações mudam mediante o destaque que a pessoa recebe, se eu sou um Regente da Estrela Candente eu tenho mais visibilidade, agora se eu sou apenas um componente do ritual eu não tenho tanta visibilidade, a questão da visibilidade já interfere diretamente na questão das interações.
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1
>
> Aqui na comunidade nós temos gente de todo jeito, temos gente que não sabe nem ler, mas que ao comandar um trabalho é a coisa mais linda, pois ele mesmo sem saber ler teve a oportunidade de aprender o ritual e faz com vontade, com alegria. Então aqui tem muita integração entre as pessoas, apesar que às vezes a pessoa aqui dentro é de um jeito e lá fora é de outro o livre arbítrio é algo muito importante para nós e o importante é a integração, o bem querer de um para com o outro e a gente só é feliz quando faz uma coisa que vem do âmago da gente, né?
>
> Mundinha, 82 anos, ensino superior completo em História com pós-graduação, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 17

A materialidade da comunidade facilita a comunicação entre os adeptos do Vale do Amanhecer e seus visitantes, toda a cultura material deste lugar, segundo Vicente Prudente, é um verdadeiro pressuposto para a comunicação permitindo interacções entre actores sociais conhecidos e desconhecidos. As Falanges Missionárias, através de suas indumentárias, facilitam a comunicação e interacção interpessoal dentro da comunidade, porém as posições hierárquicas conquistadas, melhor dizendo, distribuídas na lógica das retribuições simbólicas (Bourdieu, 1994) como Regentes de Falange, Comandantes, Instrutores, Profetizas, estão inseridas em uma lógica interacional "em que a pessoa recebe um tipo de sacralidade, que é exibido e confirmada por atos simbólicos" (Goffman, 2011: 51).

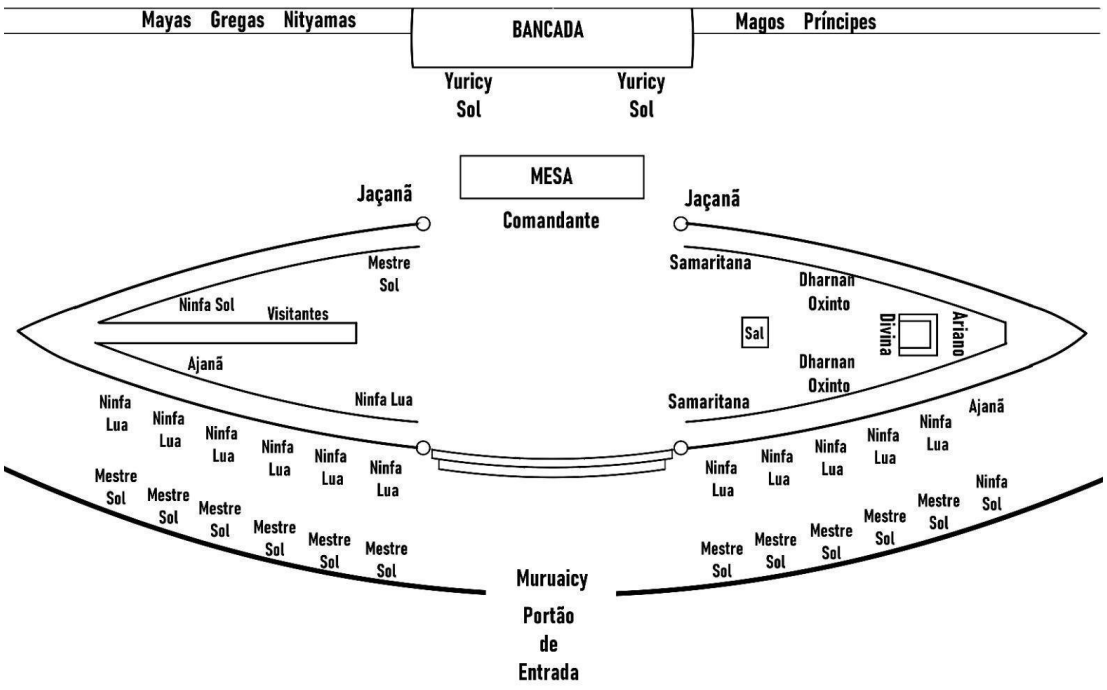
> A materialidade da nossa comunidade é um verdadeiro pressuposto para a comunicação, eu não preciso, por exemplo, conhecer ninguém dentro dos rituais, porém através de nossas indumentárias, de nossas funções é possível interagir e lidar com todo mundo de forma tranquila.
>
> Vicente Prudente, 69 anos, ensino secundário completo, vendedor reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 13

Vejamos um excerto do diário de campo do Ritual de Cruz do Caminho / Vale do Amanhecer em 16 de fevereiro de 2022:

18h30. Estamos no interior do Templo e encontramo-nos no recinto do Castelo do Silêncio, apesar do nome do recinto pressupor ser um ambiente silencioso é possível ouvir os cochichos entre 3 pares que também irão participar do ritual de Cruz do Caminho. Eu estou a trajar minha indumentária de Mago e irei participar do ritual na condição de Mago, ou seja, serei um componente da Corte que irá conduzir a todos que irão participar desta ritualística. Neste momento eu me encontro na parte do Castelo do Silêncio que é reservada aos membros que irão compor a Corte do ritual. Perto de mim estão 2 Yuricys Sol que irão conduzir a missionária que irá representar a Divina, a mulher responsável pela incorporação do espírito de Yemanjá, Orixá de origem africana presente no panteão do Vale do Amanhecer. Também encontra-se junto de nós o mestre que irá assumir a posição do Ariano, figura que terá a responsabilidade de acompanhar a Divina, 1 Jaçanã e 3 Magos, a contar comigo. As 2 Yuricys que encontram-se próximo a minha pessoa são mulheres idosas, aparentemente encontram-se na faixa etária de 60 anos de idade. A Jaçanã é uma adulta de aparentemente 30 anos de idade e os Magos que irão junto de mim neste cortejo são jovens por volta dos 20 anos de idade. À nossa frente estão 26 pessoas que irão compor os 13 pares que serão conduzidos neste ritual de Cruz do Caminho, cada par é formado por 1 homem e 1 mulher, independente das idades que eles possuam. É possível observar que até este momento encontram-se 6 jovens, sendo 1 única jovem, 5 idosos, sendo 2 idosas e 15 adultos, sendo 10 mulheres adultas. O mestre comandante do ritual não está neste recinto que é utilizado para a preparação da Cruz do Caminho. A missionária que irá representar a Divina está a trajar sua indumentária de Franciscana, Falange Missionária ao qual pertence, é um vestido marrom, com uma bata branca enfeitada com uma lua e estrelas prateadas bordadas, assim como uma cruz com sudálio bordada na cor dourada e lilás, em volta desta bata branca há um cordão marrom ao estilo franciscano. Muitos membros da comunidade possuem o costume de se reunirem do lado de fora do Castelo do Silêncio, portanto fui até a entrada deste recinto para observar quem se encontra do lado de fora à espera do ritual iniciar. Os componentes do lado de fora que irão compor a Corte são 1 Samaritana jovem, 1 Nityama Madruxa adulta e 1 Nityama jovem, 1 Grega adulta, 1 Maya adulta e 2 Dharman Oxintos idosas. As Cortes são compostas pelas Samaritanas e as Falanges de Devas. Ao realizar a contagem da quantidade de pessoas presente no recinto observo que já há gente suficiente para realização do ritual. Aparentemente o comandante foi convidar uma missionária Muruaicy para cumprir a função de guarda dos portões da Cruz do Caminho. Ao passo que adentro o Castelo do Silêncio novamente logo em seguida o comandante adentra o recinto junto da missionária Muruaicy que irá participar do ritual. O comandante, diante da entrada do Castelo do Silêncio, pede para que todos os presentes no ambiente fiquem de pé e assumam suas posições. Os membros que irão compor os pares se posicionam do lado direito do Castelo, nós

componentes da Corte da Corte assumimos nossas posições seguindo a lei da Cruz do Caminho. A Samaritana ao lado da Nityama Madruxa, a Nityama junto da Grega, 1 Mago ao lado da Maya, eu e o outro Mago, o Comandante junto do Ariano, a Divina acompanhada de 1 Yuricy Sol, a outra Yuricy Sol sozinha centralizada, 2 Dharman Oxintos juntas e por fim a Jaçanã e a Muruaicy. O comandante fez uma breve harmonização e deu voz de comando para iniciarmos o ritual. O mantra do ritual começou a ser entoado pelas missionárias em tom baixo e lentamente fomos caminhando em direção à parte evangélica do Templo. É possível observar que o par, composto pela Maya e o Mago, à minha frente enquanto o colectivo do ritual permanece a entoar o mantra sobre Mãe Yara. Lentamente passamos diante do radar de Pai João e adentramos a parte evangélica, neste momento só estão presentes na parte evangélica 3 senhores sentados nos faróis da mesa evangélica, ao passo que contornamos a mesa, cada componente vai fazendo uma reverência em respeito a imagem de Jesus presente na elipse, presa no centro da mesa evangélica.

Figura 12 Mapa Cruz do Caminho



Fonte: Registo de Observação do autor.

Como já foi referido existem interacções, também, com as vestimentas da comunidade e um ponto que observamos é que o uso das indumentárias e uniformes atrapalham a realização de determinadas atividades de ordem domésticas, físicas, lazer, etc. Tia Cris nos conta que além de evitar realizar atividades domésticas em sua casa, evita também o contacto físico direto entre os actores sociais da comunidade como o seu próprio marido, neste sentido são evitadas demonstrações de afeto como beijos e abraços. O aspecto sagrado da indumentária

é vivificado nos ritos colectivos (Durkheim, 1968) e quando vestidos nelas dentro dos rituais, nossos entrevistados se esquivam de tudo o que parece ser profano, ligado ao que é distante dos propósitos do Vale do Amanhecer.

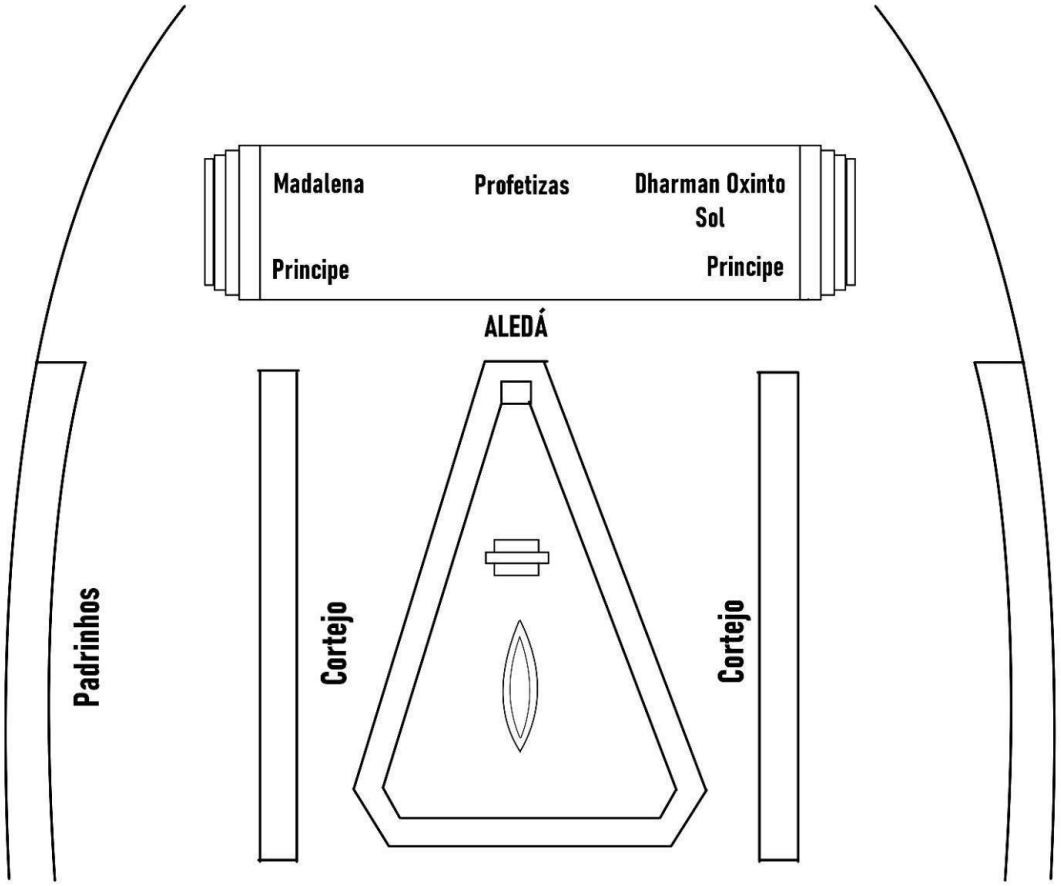
> Eu assim, se for para eu fazer os meus afazeres domésticos já é complicado, eu particularmente não faço, até porque não dá certo, estar de indumentária lavando louça. Por exemplo, você estando de uniforme, indumentária, você não pode ter um contacto mais íntimo com alguém, por exemplo beijos e abraços, não se deve.
>
> Tia Cris, 51 anos, ensino superior completo em Letras, professora do ensino primário, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 7

Esta mesma problematização está evidenciada no seguinte excerto do diário de campo que remonta a um Ritual de Casamento no Vale do Amanhecer em 28 de janeiro de 2022.

Ambos em comunhão se dirigem ao Aledá, a noiva caminha coberta com véu e segurando um buquê nas mãos, o noivo por seu turno carrega uma espada que é erguida em direção a uma imagem de Jesus e jura que é por amor o casamento, em seguida a noiva jura ser verdadeiro o seu amor. Nesse momento a profetiza permite que o noivo retire o véu da noiva e beije-a. Todos os que inicialmente compuseram o cortejo se organizaram novamente em procissão e todos, embora unificados em uma única corte organizada em pares, conduziram o casal para o local chamado 'Cruz do Caminho'. Em procissão todos caminharam saindo da área central do Templo, passaram pela imagem do índio Seta Branca, todos faziam sinais em respeito à imagem, ou respeito àquele que era retratado naquela imagem. A jornada do cortejo ia de encontro a um espaço ao lado da saída do Templo, ali decorrerá o momento esotérico do ritual de casamento. Por ser o momento esotérico do ritual não seria realizado publicamente e somente algumas pessoas têm permissão para adentrar este ambiente, daqueles que faziam parte do cortejo apenas os noivos e seus padrinhos podem adentrar a Cruz do Caminho, e nós por termos autorização. O que podemos observar neste momento é que os noivos foram colocados sentados à espera da preparação deste novo ambiente, enquanto o rito não se finalizava àqueles que estavam sentados, na condição de espectadores do casamento, já estavam mais dispersos a conversar. A presença feminina era marcante no templo, sendo também em sua maioria mulheres adultas, há idosos no casamento, porém em número reduzido, enquanto a presença de crianças e jovens é quase inexistente. 23h30. Nos foi possível observar que ao passo que a cerimônia acontecia, havia senhoras com semblante de alegria e felicidade, enquanto a maioria dos homens apresentavam feições de seriedade e atenção. À entrada da Cruz do Caminho encontravam-se 3 mulheres adultas, vestidas em branco e vermelho, carregando junto ao peito a imagem de um cálice com fogo, bordado à mão feito de lantejoulas pequeninas, estas mulheres também portavam lanças e pareciam fazer a guarda daquele ambiente, elas estavam posicionadas de pé. Havia no chão um tapete vermelho, o ambiente estava pouco iluminado e o que víamos era uma espécie de penumbra, o silêncio tomava de conta do espaço, o interior da Cruz do Caminho era colorido, com paredes pintadas em azul com alguns símbolos pintados nas cores branca e preta, nas paredes existiam algumas cortinas que pareciam rendas brancas e como decoração era possível observar muitas flores brancas, rosas e vermelhas. Ao fim do

tapete vermelho encontrava-se uma mesa, nesta mesa estavam uma rosa vermelhas e um pequeno recipiente com sal, na parede estava uma foto de Neiva, vestida como profetiza, e outras duas imagens, uma do faraó Akhenaton e outra do faraó Tutankamon.

Figura 13 Mapa Aledá no Ritual do Casamento



Fonte: Registo de Observação do autor.

Agora, pensar nas interações fora dos rituais é interessante. Goffman ao cunhar o conceito de 'porte' o define como:

> Um elemento do comportamento cerimonial do indivíduo tipicamente comunicado através da postura, vestuário e aspecto, que serve para expressar àqueles na presença imediata dele que ele é uma pessoa de certas qualidades desejáveis ou indesejáveis. Em nossa sociedade, o indivíduo de porte "bom" ou "apropriado" demonstra atributos como: descrição e sinceridade; modéstia em afirmações sobre o eu; espírito esportivo; controle sobre suas emoções, apetites e desejos; aprumo sob pressão; e assim por diante (2011: 78)

Apropriando-nos do conceito deste conceito para seguir nesta análise, percebemos que os actores sociais do Vale do Amanhecer, apresentam um porte específico face os rituais, expresso na postura, no vestuário e no modo de agir, porém quando investidos em outro

contexto, ou seja, fora dos rituais este porte altera-se, há de mesmo modo o objetivo de preservar as personas que representam, porém na visão dos entrevistados, de modo homogéneo, os actores sociais se permitem a uma maior liberdade fora dos rituais. Pedro Lucas observa que as interacções acontecem com a mesma intensidade que decorrem nos rituais, porém as demonstrações de afeto acontecem com maior intensidade e de modo mais direto. As interacções fora dos rituais acontecem em favor das afinidades e vinculações construídas no seio da comunidade, é o *habitus* socializado entre as Falanges Missionárias. As relações criadas no seio dos rituais, ao fazerem uso das indumentárias são transferidas para o quotidiano da comunidade quando fora da ritualística tradicional.

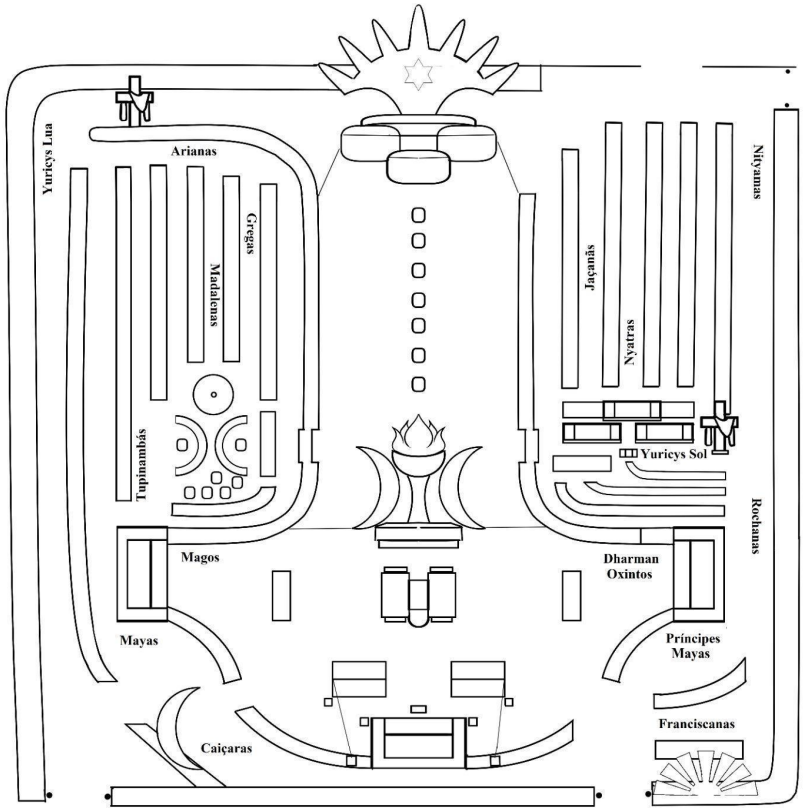
> Na mesma intensidade que dentro, a única situação que se intensifica mais é a questão de demonstração de afetos, afinal apesar de não ser indicado os contatos físicos estando de indumentária, fora dos rituais as pessoas agem com mais liberdade..
>
> Pedro Lucas, 18 anos, ensino secundário completo, desempregado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 3
>
> Acontece tudo normalmente, porém eu observo que as pessoas agem com maior liberdade fora dos rituais.
>
> Denise, 46 anos, ensino superior completo em Letras com especialização em língua inglesa, professora do ensino secundário, residente na comunidade do Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 11

Vejamos o seguinte excerto do nosso diário de campo no que concernia ao Ritual de Reunião de Falange Missionária / Vale do Amanhecer em 20 de março de 2022.

Após a realização da escala, o Regente tratou da responsabilidade face ao cumprimento das escalas e da importância dos Magos pajezinhos na realização das Côrtes de Entrega de Energias e a Côrte de Maria Lopes, que acontece todos os sábados. Um assunto específico tratado foi a presença dos Magos na Bênção do Ministro, ritual mensal que ocorre todo primeiro domingo do mês. Ao passo que o Regente vai explanando os assuntos doutrinários todos prestam atenção, apesar das crianças desviarem o olhar e repetidas vezes começarem a conversar entre si, atitude que fez o Regente pedir um pouco mais de atenção em relação às crianças. Para melhor envolver as crianças na reunião, após relembrar da importância da presença de cada uma nos rituais de Côrte o Regente com ajuda dos mais velhos começou a conversar com as crianças, perguntando sobre o dia a dia na comunidade, como estava o andamento na escola e logo o que parecia uma reunião muito fechada foi tornando-se em um espaço de partilha, onde foi possível ouvir o riso das crianças e também dos adultos. Em nossa volta estavam diversas Falanges missionárias realizando, também, as suas próprias reuniões, porém sempre que passava alguém pelo corredor do Turigano havia uma comunicação com os Magos, sorrisos, algum comentário em relação a alegria dos Magos, assunto que o Regente retomou, passando a palavra para o pequenos pajés que se expressaram em relação às suas atividades ritualísticas e compromissos. Para encerrar o

ritual de reunião o Regente dos Magos mais uma vez ficou de pé e procedeu com o encerramento do ritual. Após o término as crianças foram as primeiras a saírem correndo pelo Turigano, trajando suas indumentárias de Mago, em seguida os jovens e adultos saíram do Turigano conversando.

Figura 14 Mapa do Turigano



Fonte: Registo de Observação do autor.

A materialidade da comunidade possibilita interacções que se distinguem das relações fora do contexto da comunidade. O modo de se comunicar é diferente do modo que acontece para além dos muros do Vale do Amanhecer, propiciando o desenvolvimento de interacções específicas. Há uma componente de tribalismo (Guerra, 2010; 2016) no Vale do Amanhecer, um tanto pitoresco, que aproxima os actores sociais de um modo, por vezes, desinteressado nas relações interpessoais em si, mas em favor das Falanges Missionárias e dos rituais, afinal tudo no Vale do Amanhecer gira em torno das Falanges Missionárias/Indumentárias.

> Sim, a questão da identificação, o Vale do Amanhecer possui um caráter de identidade muito forte, somos uma tribo! E isso percebe-se de longe.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2

> Sim. O nosso jeito de se comunicar, mesmo sem conhecer as pessoas é possível falar com elas tranquilamente aqui dentro. Lá fora é totalmente diferente.
>
> Alacock, 40 anos, ensino secundário completo, bordadeira, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 12

O Vale do Amanhecer, enquanto comunidade, agrega pouco mais de 200 famílias e não se pode comparar a uma aldeia em tamanho, porém a ideia da tribo é muito cara tanto para os entrevistados, mediante a cosmogonia contada por Neiva, e a própria analogia com os aspectos materiais e imateriais. Portanto é possível observar que existe uma vasta quantidade de atividades que são possíveis somente fora do Vale do Amanhecer, a comunidade possui limitações quanto a oferta de serviços, não há bancos, farmácias, grandes restaurantes, ginásios, supermercados, escolas, creches, enfim não há serviços especializados para lazer ou esportes, e isto acaba impulsionando os entrevistados a fazerem incursões inevitáveis para o mundo profano lá fora (Durkheim, 1968) como expressam nossos entrevistados que em sua maioria também saem da comunidade para trabalhar e levar os filhos para as atividades educacionais, principalmente.

> Tem várias coisas, né? Por exemplo, farmácia para comprar medicamentos aqui não há farmácia, ambulatório, hospital e essas coisas nós só temos na cidade em si, supermercados grandes, né? Aqui tem pequenos pontos que a gente chama de mercearias, mas são pequenas, né? Quebra um galho, mas não dá para fazer as compras mensais da casa aqui na comunidade. Aí não tem restaurantes maiores aqui, há lanchonetes, mas não dá para chamar de restaurante, sabe? Shopping, então são todas essas coisas que realmente não têm na comunidade e nós vamos buscar fora.
>
> Fátima, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9
>
> Se tratando de coisas materiais tem essas de que a comunidade é carente de algumas coisas, né? Que a gente vai buscar fora, né? Por exemplo, num supermercado maior, um café que tenha opções mais variadas, banco, até farmácia que aqui não tem, né? Então aqui tem muitas limitações mesmo, um bom restaurante. Aí tudo isso a gente vai ter que buscar fora.
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

Durkheim ao tratar dos fiéis diz que “a verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, nem enriquecer nossa consciência [...] é fazer-nos agir, ajudar-nos a viver” (1968: 595) e na lógica do Vale do Amanhecer os rituais cumprem essa função essencial de impulsionar o agir e propiciar as interacções interpessoais. Deste modo existem atividades que são possíveis somente no interior da comunidade, nomeadamente as atividades sagradas, o uso das indumentárias e a realização dos rituais espirituais, e neste sentido é muito assertivo

pontuar que “o fiel que comungou com seu deus não é apenas um homem que conhece verdades novas, que o não crente ignora; ele é um homem que pode mais” (Durkheim, 1968: 595).

> Sim, fazer uso de minhas indumentárias para participar dos rituais.
>
> Danilo, 24 anos, ensino secundário completo, cabeleireiro, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 5
>
> Sim, participar dos rituais, nossa ritualística, que a gente só faz aqui porque tem o seu espaço apropriado, e usar as minhas indumentárias.
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8
>
> Usar minhas indumentárias e participar dos rituais.
>
> Mundinha, 82 anos, ensino superior completo em História com pós-graduação, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 17

Para o desenvolvimento dos rituais pressupomos que haveria de existir um roteiro específico de interações para os rituais, porém o que se revela na realidade é que recomendações são instruídas ao início de cada ritual, por parte dos comandantes, mas estas não dão cabo de controlar as interacções nos rituais. Carlos, por ser mais velho e mais rígido, percebe que por não existir um roteiro específico de interacções é possível observar diversas situações na realização dos rituais do Vale do Amanhecer que não lhe são agradáveis, principalmente interacções entre os jovens que envolvem telemóveis e *internet*.

> Não, é bem livre na verdade, existem as recomendações gerais que os comandantes passam no começo dos trabalhos, mas roteiro não tem não.
>
> Pedro Lucas, 18 anos, ensino secundário completo, desempregado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 3
>
> Não existe um roteiro de interacção, existem as recomendações, o que não é permitido nos rituais, né? Mas às vezes acontece uma falhazinha e sai meio que fora do roteiro, porém são eventualidades, né?
>
> Fátima Costa, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9
>
> Não! Por isso que nós vemos de um tudo hoje em dia.
>
> Carlos, 66 anos, ensino superior completo em Economia, bancário reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 15
>
> Assim como consagra homens, a sociedade também consagra as coisas, e notadamente as ideias. Quando uma crença é unanimemente partilhada por um povo, pelas razões que expusemos acima, ela é proibida de ser tocada, isto é, não pode ser contestada. Ora, o interdito da crítica é

> um interdito como todos os outros e prova que estamos em face de algo sagrado. Até mesmo nos dias de hoje, por maior que seja a liberdade que concedamos uns aos outros, um homem que negue totalmente o progresso, que ridicularize o ideal humano ao qual as sociedades modernas são vinculadas estará fazendo algo que tem o mesmo efeito de um sacrilégio. Existe ao menos um princípio que os povos que mais prezam o livre exame tendem a colocar acima de qualquer discussão e a considerar como intangível, isto é, que consideram como sagrado: é o próprio princípio do livre exame (Durkheim, 1968:305).

É a colectividade da comunidade (Bourdieu, 1992) que traz a sacralidade (Durkheim, 1968) das indumentárias do Vale do Amanhecer, investidas em um enredo histórico construído em uma dinâmica de materialidades espirituais. As indumentárias são específicas da comunidade para a realização dos rituais, como é sabido os uniformes são mais utilizados para os trabalhos evangélicos e as indumentárias mais utilizados para os trabalhos iniciáticos.

> Sim. A Chama da Vida por exemplo só pode ser acendida pelo Mago e pela Nityama e a gente só pode realizar o trabalho se estivermos com a indumentária da Falange, não pode fugir disso.
>
> Aninha, 19 anos, ensino secundário completo, estudante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 4
>
> É, existe. Existe essa questão da organização, cada um na sua função específica e com a sua indumentária certa.
>
> Vicente Prudente, 69 anos, ensino secundário completo, vendedor reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 13

Da mesma maneira que existe um vestuário específico para o Vale do Amanhecer, não existe um único ritual que seja que possa ser realizado sem nenhum tipo de vestimenta da comunidade, pois cada ritual demanda a representatividade das Falanges Missionárias e tudo isso só é possível na colectividade.

> Não, não existe não. Todos os rituais exigem que você esteja com uma vestimenta que vai estar tendo a sua representatividade ali.
>
> Walmir, 39 anos, ensino secundário completo, comerciante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 8
>
> Não há a realização de rituais sem a utilização de indumentárias, pois cada ritual demanda a representatividade das Falanges Missionárias.
>
> Neuza, 74 anos, ensino secundário incompleto, vendedora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 18

As vestimentas compõem um elemento fulcral para a ritualística da comunidade do Vale do Amanhecer. Estão no cerne da organização e mesmo da hierarquização. Bibiana compreende que as indumentárias são a base de tudo o que diz respeito ao Vale do Amanhecer,

desempenham um papel fundamental enquanto componentes de identificação tanto para as indumentárias, quanto para os rituais, bem como componente da própria identidade dos entrevistados. Na percepção de Fátima Costa os objetivos ritualísticos só se cumprem na presença das indumentárias apropriadas e de fato é assim que se procede.

> As vestimentas estão no ponto central do Vale do Amanhecer, posso dizer que é a base de tudo. É o que identifica as Falanges, é o que prepara os rituais, enfim tudo.
>
> Bibiana, 22 anos, ensino superior completo em Jornalismo, assessora de comunicação, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 2
>
> Exatamente, creio eu que se não fossem as indumentárias, se não fossem os uniformes a gente não ia conseguir manter o ritual que fosse, até porque ficaria muito à vontade, ir de qualquer jeito e eu acho que isso atrapalharia tudo e não ia se cumprir os objetivos ritualísticos.
>
> Fátima, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9

As sociabilidades na comunidade se dão também através da *Internet*. Existem diversos grupos na plataforma *WhatsApp* que são utilizados pelas Falanges Missionárias para comunicação de seus componentes, estão na base das movimentações e organização de festejos, comemorações e rituais da comunidade.

> Sim, mainha tem o grupo das Gregas, por ela ser regente, eu dou o exemplo dela porque assim eu particularmente não utilizo, apesar dos Príncipes Mayas terem um grupo no WhatsApp, mas eu não participo, pois eu não assumo escalas devido eu ter muito compromisso com minha universidade, com meu estágio, enfim outros compromissos importantes. Mas o povo usa e usa muito a internet para movimentar tanto alguns rituais, quantos os festejos da comunidade que geralmente são para arrecadar dinheiro para manutenção das coisas daqui.
>
> Lucas, 20 anos, ensino superior incompleto em Enfermagem, atendente de Call Center, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 1
>
> Então eu acho que hoje a internet, assim, ela é fundamental em todo lugar. Aí a gente usa o WhatsApp, imagino que seja a plataforma mais usada para se comunicar, tem o grupo das Franciscanas e quando a gente quer mandar as informações de reunião de falange ou passar um comunicado, é tudo por lá. Tem outros grupos da comunidade no WhatsApp, mas tem também no Facebook, no Instagram.
>
> Fátima Costa, 56 anos, ensino superior completo com pós-graduação em Administração Escolar, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Adulto 9
>
> Comunicação e tudo mais, acontece que hoje você monta um Abatá pela internet ou você convida, consegue fazer uma escala usando a internet. Usando o WhatsApp, os grupos, mas restrita à comunidade, claro.
>
> Vicente Prudente, 69 anos, ensino secundário completo, vendedor reformado, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 13

> Sim. Geralmente, por exemplo, existem os grupos no WhatsApp. São grupos variados, eu mesma faço parte do grupo da comunidade, geralmente só os moradores fazem parte e eu também estou no grupo das Yuricys, enquanto um a gente trata de assuntos mais comunitários, como os dias que vai ter vacina lá no prédio da Recepção, dia de festa, no grupo da Falange a gente troca mais mensagem sobre nossas escalas, nossas responsabilidades perante a falange mesmo. Aí eu também gosto dos grupos no Facebook, porém esses grupos no Facebook tem gente de todo o Brasil e até do exterior, tipo Portugal, são grupos com pessoas de templos de tudo quanto é canto diferente e eu acho que o povo usa Telegram também, mas eu mesma não uso.
>
> Fransquinha, 71 anos, ensino superior completo em Pedagogia, professora reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 16

A percepção pessoal de nossos entrevistados face ao nível de sociabilidades na comunidade, mediante o contacto com actores sociais que estão em outro contexto geográfico, se intensificam principalmente em determinadas épocas do ano. Há intensa comunicação através da *internet*, por intermédio das mídias sociais. Vejamos um excerto do registo de Ritual de Entrega de Energias - Chama da Vida / Vale do Amanhecer em 28 de abril de 2022.

19h10. Estamos de frente ao Castelo do Silêncio, estou trajando minha indumentária de Mago, junto de mim estão a Nityama, uma jovem da minha idade, duas Samaritanas idosas, uma Yuricy Sol, idosa, somos os responsáveis para compor a Côrte da Entrega de Energias. Durante este horário os outros rituais internos estão a acontecer, ouve-se muito barulho, muitas vozes no interior do Templo. Está a decorrer o ritual da Mesa Evangélica, no interior da parte evangélica, encontram-se 3 doutrinadores nos faróis, 7 aparás sentadas à mesa, 4 doutrinadores a doutrinar e 1 comandante. No recinto dos Tronos, logo à nossa frente, estão 6 tronos ocupados por pares de doutrinadores e aparás, há 1 comandante de pé a tomar conta deste setor ritualístico e aproximadamente 30 visitantes estão à espera de atendimento nos Tronos. Entre os visitantes estão homens e mulheres, 4 crianças, 2 garotas jovens, 1 garoto jovem, 8 mulheres adultas, 7 homens adultos, 5 homens idosos e 3 mulheres idosas. Há movimentação de pessoas uniformizadas no interior do Templo. No setor do radar encontra-se 1 comandante sentado. A recepcionista responsável por conduzir a Côrte até o recinto do Turigano aprontou-se e convidou nosso pequeno grupo a ficar de pé e formar um cortejo. A recepcionista está vestida com uma indumentária de ninfa sol azul escuro, tem os cabelos presos para trás e usa maquilhagem na face, faz uso de brincos e um pequeno colar. As Samaritanas são senhoras que usam o cabelo amarrado para trás, isso aparenta facilitar a utilização do pente preso ao cabelo, elas não fazem uso de maquilhagem ou adereços junto a indumentária. A jovem Nityama faz uso de maquilhagem, um penteado laqueado junto de sua tiara com o véu que cobre sua face, a Yuricy Sol é uma senhora de cabelo branco curto, possui brincos pequeninos dourados e faz uso de máscara descartável de proteção. A formação do cortejo dá-se com a recepcionista à frente, as duas Samaritanas ladeadas, a Nityama à minha direita e a Yuricy Sol atrás de nós de modo centralizado. A recepcionista começou a entoar um mantra e as senhoras da Corte começaram a acompanhar o cântico, enquanto vamos caminhando lentamente em direção ao portão que dá acesso ao Turigano, recinto anexo ao Templo.

> Sim e muito! Nossa comunidade não é tão grande, mas recebe gente de tudo quanto é lugar aqui das proximidades e os contactos aumentam nos períodos de consagração, que são rituais que nem todo templo pode realizar, nos períodos de batizado, 1 de Maio e virada de ano, quando acontece a Benção do Pai Seta Branca. As redes sociais auxiliam muito no processo de comunicação, pois mesmo distantes é possível comunicar com o mundo todo e como eu disse há períodos que somos muito procurados por outros membros do Vale do Amanhecer e que não são aqui da comunidade. Eu mesma já falei com minha Primeira em Brasília, um dia eu falei com ela, eu mandei foto das Nityamas daqui e ela respondeu com muito carinho, sabe? Porque como ela vive em Brasília e não pode viajar para todos os templos a internet se tornou o ponto de encontro perfeito!
>
> Aninha, 19 anos, ensino secundário completo, estudante, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Jovem 4
>
> Altera sim. Só que assim, eu sinto que há um certo isolamento, né? Aqui na comunidade em relação à fora, mas claro que quando os contactos são com outros membros do Vale do Amanhecer, do Templo Mãe, por exemplo, existe uma comunicação e uma manutenção dessa comunicação, porque para ser sincera nós preservamos muito o aspecto de tribo, entende? A tribo dos jaguares, então há uma tendência ao isolamento em relação a quem é de fora e de uma aproximação com quem é jaguar, mesmo não morando aqui na comunidade.
>
> Ercília, 60 anos, ensino superior completo em Pedagogia com Pós- Doutoramento, professora universitária reformada, residente na Comunidade Vale do Amanhecer, Crato – Idoso 14

Vale de Rituais, de sociabilidades e de interações. Vale que constitui uma cena. O conceito de cena foi originalmente usado no meio jornalístico para descrever o estilo de vida boémio em redor do jazz norte-americano das décadas de 1930 e 1940. Contudo, foi apenas na década de 1990 que começou a ser utilizado de forma académica, através do contributo de Straw (1991), em que este autor procura definir as diferenças entre cena musical e comunidade musical: a última seria um grupo social assente em linguagens musicais e meios de produção numa zona geográfica bem delimitada, linguagens e meios de produção que são o cruzamento da herança musical e do contexto local em que a música está a ser produzida; as cenas, por outro lado, é um espaço cultural em que se dão e coexistem diversas formas de práticas musicais, não estando associada a este ou aquele lugar ou linguagem musical específico, sendo por isso que é possível o surgimento de cenas em várias zonas do globo. Bennett & Peterson (2004) falam, por isso, em cenas translocais, cada cena com as suas particularidades e especificidades e com um circuito interligado de espaços e locais que possibilitam a troca de ideias e práticas sociais/musicais. Para Straw (2002), de forma muito resumida, pode-se definir cena como “espaços geográficos específicos para a articulação de múltiplas práticas musicais” (Straw, 2002: 8). O problema com o conceito de

cena é que raramente era definido e, especialmente na década de 1990, significava tudo e mais alguma coisa.

Apoiando-nos nos trabalhos de Straw (1991) e Cohen (1999, 1991) quais são os elementos desta cena? Para estes autores, primeiro é necessário existir um local específico, um bairro, por exemplo, em que vários indivíduos partilhem um interesse em comum, sejam simples fãs, músicos, produtores, lojas de discos, etc. São indivíduos ligados pela música, mas não só, pois uma análise mais fina constata que existem outros elos de ligação, como cosmovisões, ideologias políticas, causas sociais, etc. Por outro lado, também é necessário que exista uma base material que possibilite estas práticas culturais e sociais, tais como lojas de discos, bares ou até a própria rua. São nestes espaços em que se realizam as práticas sociais, em que se dão as interações sociais, que contribuem para a génese e manutenção das cenas. Para Holt (2008), estes espaços, dada a sua importância, podem ser vistos como participantes e atores da própria cena. Ou, como diz Cohen (1999: 240-241):

> A cena é criada por pessoas e pelas suas atividades e interações. Tais relações envolvem uma circulação regular e trocas de: informação, ideias e boatos, instrumentos, suporte técnico e serviços complementares, gravações, revistas e outros produtos (...). Os locais centrais para a interação entre participantes da cena incluem lojas de discos e estúdios de ensaio e gravação. Os locais de apresentação ao vivo também atuam como agregadores sociais da cena.

A perspetiva de Straw é crucial para entender o Vale do Amanhecer. Este autor, já no século XXI postulou uma abordagem ao conceito de cena mais amplo, como podemos ver na seguinte citação:

> (a) a congregação recorrente de pessoas num determinado lugar, (b) o movimento dessas pessoas entre este lugar e outros espaços de congregação, (c) as ruas em que esses movimentos acontecem (d) todos os lugares e atividades que cercam e nutrem uma preferência cultural particular, (e) os fenómenos mais amplos e geograficamente dispersos de que este movimento ou essas preferências são exemplos locais, (f) as redes de atividades microeconómicas que possibilitam a sociabilidade e ligam esta cena à cidade (Straw, 2006: 6).

Assim, uma cena não é apenas a partilha de um gosto musical, mas sim um conjunto de espaços de sociabilidade e de consumo, e é interessante verificar como estes momentos de sociabilidade, como estas cenas, acabam por influenciar um sentido estético ao local em que se dão, já que são lugares de uma intensa experimentação e inovação. Nos últimos anos, consequência da culturalização da economia e da necessidade de competir no mercado cultural global, tem sido cada vez mais aproveitado pelos discursos políticos e 'vendido' como chamariz turístico.

Bennett & Peterson (2004), no seu trabalho seminal, preocupam-se em refinar a abordagem das cenas musicais. Para estes autores, uma cena assenta nos "contextos nos quais clusters de produtores, músicos, e fãs coletivamente compartilham os seus gostos musicais em comum e se distinguem coletivamente de outros" (Bennett & Peterson, 2004: 1). Mas vão para além disso, já que abordam três tipos de cenas: locais, translocais e virtuais. As primeiras, as cenas locais, correspondem aproximadamente àquilo que Straw definia como cena, isto é, cenas agrupadas numa zona geográfica específica; as translocais são cenas locais dispersas que mantêm uma comunicação regular entre si em torno de um estilo de vida e gostos musicais; as cenas virtuais são uma "nova e emergente formação na qual pessoas espalhadas dentro de grandes espaços físicos criam o sentimento de uma cena por meio de fanzines e, cada vez mais, por meio da Internet" (Bennett & Peterson, 2004: 6-7). É de recordar que este livro foi editado em 2004, numa altura ainda de desenvolvimento da internet, ou seja, hoje a situação sobre as cenas virtuais já é diferente e bem mais intensa: em 2004 estávamos a falar acima de tudo de comunicações assentes em blogues, enquanto agora estamos a falar de cenas assentes numa comunicação instantânea em torno das últimas tecnologias digitais, como as redes sociais ou o streaming.

Uma das particularidades do conceito de cena, e um dos motivos pela sua popularidade, é a sua flexibilidade. Aqui, o conceito de agência tem um papel relevante e os indivíduos aparecem como consumidores reflexivos que elaboram as suas escolhas tendo em conta uma identidade autoconstruída. Assim, a participação nas cenas deixou de estar associada apenas a estruturas sociais e a identidade passou a ser tida em conta como algo moldável e temporal. Porém, apesar desta temporalidade, a participação em cenas musicais não deixa de provocar mudanças na identidade do indivíduo, bem como das suas orientações sociais, que não deixam de influenciar todas as suas esferas sociais, numa fusão entre práticas próprias da cena musical e práticas da sua vida quotidiana, já que na cena musical, a incorporação do capital próprio da cena reflete-se numa lenta aprendizagem prática da destreza e não tanto um processo de observação reflexiva (Driver & Bennett, 2015).

CONCLUSÕES FINAIS E LEGADO

A única forma de captar estas subtilezas é através de uma antropologia visual, que foi o que fizemos e que terá o seu fim no arquivo, em que a importância do conhecimento imagético foi crucial para nos aproximarmos de uma análise mais fina sobre os rituais e as práticas sociais do Vale do Amanhecer. Quintela e Guerra (2017: 158) asseveram que "os arquivos constituem, assim, espaços de incontornável importância para a compreensão dos processos de formação histórica dos países e das comunidades, das pertenças e das memórias dos cidadãos". Por fim, buscando dar cabo do que propomos inicialmente e, buscamos construir um arquivo como fechamento desta pesquisa. Um arquivo construído com a participação dos actores sociais da comunidade/cena Vale do Amanhecer, que também compuseram esta investigação, "sublinhando a importância de projetos de base comunitária em torno da memória e do património que consideram ser fundamentais para a preservação da sua própria história" (Quintela e Guerra; 2017: 159). O site https://memorialdoamanhecer.wixsite.com/cratoce ao passo que aponta para o que propomos inicialmente, nos entrelaça em nossas perspetivas futuras, no que diz respeito à continuação dos estudos culturais que incidem sobre as cenas culturais entremeadas em suas quatro faces - local, translocal, virtual e afetiva - (Bennett, 2013). Que esta seja a primeira, mas não a única, tentativa de resgatar e preservar a memória e história da comunidade Vale do Amanhecer do Crato - CE escrita por seus componentes e expressa em suas materialidades espirituais.

Trata-se de uma questão ainda mais relevante quando se analisa as características do Vale do Amanhecer e dos seus membros, pois permite uma análise que cruze tradição e modernidade, sagrado e profano, coesão grupal e individualização. Veja-se o caso das indumentárias para provar esta questão: num grupo marcado por uma grande preocupação entre a separação entre o sagrado (o Vale, os seus rituais e os seus membros) e o profano (tudo o que resto), que se pode ver nas entrevistas em que associam o exterior do Vale com valores negativos e nefastos, especialmente para os mais novos, é possível ainda existir um espaço livre, uma possibilidade de escolher as indumentárias que mais se coadunam a cada um, um clara estratégias de auto e hetero representação de cada indivíduo num momento

de efervescência coletiva. De igual modo, este trabalho serviu para descortinar a importância das indumentárias num contexto grupal tão forte, em que as roupas são lugares da memória, já que têm associados a si toda uma socialização que se cristaliza e objetiva no momento do ritual:

> A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momentos de articulação onde a consciência da rutura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação (NORA, 1993, p. 109).

São espaços essenciais para a perpetuação da memória e da própria comunidade. Assim, tal como Durkheim diz sobre os totens, o sagrado não está na indumentária, mas no que representa, é um símbolo do sagrado que cada membro do grupo traz consigo e que todos os outros membros do grupo reconhecem. Não é por acaso que existe um espaço e um tempo próprio para o uso das indumentárias; se estas pudessem ser usadas quotianamente, rapidamente perderiam a sua 'aura', a sua sacralidade. Isto porque os rituais que analisámos não são momentos irracionais de efeverscência coletiva, mas sim quadros de interação, quadros de interação em que existe um cruzamento entre sociedade e indivíduo. Os rituais não servem apenas para reforçar a comunidade, servem também para mudar os indivíduos, em que estes refletem sobre si e sobre o grupo. Uma forma, postulada por Goffman e que também vimos no momento da escolha das indumentárias, o universo dos possíveis dos indivíduos está socialmente definido, isto é, numa dada interação social, como os rituais, os indivíduos seguem uma *ordem de interação incorporada*. A razão é simples: os rituais implicam regras, regras que servem para diminuir a incerteza que existe em todos os quadros de interação social. Ou como Goffman (2011) postula: o indivíduo procura manter a sua fachada e a fachada dos outros.

Assim, o Arquivo intitulado Memorial do Amanhecer Crato - CE, aporta-se na proposta de constituir o primeiro arquivo criado, por nós enquanto pesquisador/insider researcher e membro do Vale do Amanhecer, com enfoque na segunda comunidade do Vale do Amanhecer estabelecida objetivando salvaguardar aspectos do património cultural e da memória dos membros pertencentes à nossa pesquisa, nomeadamente nossos entrevistados, além de construir igualmente um registo acerca de Neiva, idealizadora e fundadora da primeira comunidade do Vale do Amanhecer em Planaltina-DF. Este arquivo

constitui-se de registos visuais realizados ao longo das três últimas décadas. Os registos visuais da comunidade do Vale do Amanhecer no Crato CE que datam de suas primeiras construções e edificações, ainda nas décadas de 1980 e 1990, bem como início dos anos 2000, foram recolhidas com a permissão da pesquisadora Doutora Gercilene Oliveira de Lima, enquanto parte dos registos atuais da comunidade foram feitos por nós no processo de construção da pesquisa. Os registos que dizem respeito aos entrevistados foram concedidos pelos próprios entrevistados, oriundos de seus acervos pessoais. Este arquivo, apesar de ser idealizado, organizado e concretizado por nós, é uma construcção de caráter comunitário, totalmente visual construída com um acervo fotográfico de aproximadamente 750 imagens, oriundas de fotografias reveladas que foram cuidadosamente scaneadas e fotografias digitais. Esta é uma tentativa de preservar a historicidade desta comunidade, desta cena cultural contemporânea.

Agora, a grande questão é procurar entender como é que o Vale do Amanhecer se conseguirá renovar, isto é, se conseguirá manter de forma clara esta distinção entre sagrado e profano ou se a progressiva penetração do profano, que já é visível no uso de aplicações digitais para comunicar, não deixará de influenciar os próprios rituais e cosmovisões dos agentes. Trata-se de uma questão que tem no âmago o próprio intuito deste trabalho, na exata medida em que este arquivo, olhemos para a Figura 15, pode contribuir para a renovação da comunidade e sua memória futura.

Figura 15 Página Inicial do arquivo



Fonte: o autor

https://memorialdoamanhecer.wixsite.com/cratoce

Referências Bibliográficas

Achutti, L. E. R. (1997). *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca.

Achutti, L. E. R. (2007). Photoethnographie : dans les coulisses de la BNF. *Ethnologie française, nouvelle serie*, T. 37, No. 1, *ARRÊT SUR IMAGES: Photographie et anthropologie (Janvier-Mars)*, 111-116.

Amaral, L. (1999). Sincretismo em Movimento – O Estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: CAROZZI, María Julia (Org.). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes.

Bennett, A. & Peterson, R. (2004). *Music Scenes: Local, Translocal and Virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press.

Bennett, A. (1999). Subcultures or neo-tribes? Rethinking the relationship between youth, style and musical taste. *Sociology*, 33(3): 599–617.

Bourdieu, P. (1979). *Les trois états du capital culturel. Actes de la Recherche en Sciences Sociales.* 1. *Paris*, n. 30, novembro. ISSN 0335-53223 - 6.

Bourdieu, P. (1992). *Pierre Bourdieu avec Löic Wacquant; réponses. Paris: Seuil.*

Bourdieu, P. (1994). *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action. Paris : Editions du Seuil.*

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.

Burawoy, M. (1998). The extended case method. *Sociology Theory*, 16(1), 4-33.

Bennett, A. & Peterson, R. A. (2004). *Music scenes: local, translocal and virtual. Nashville: Vanderbilt University Press*.

Bennett, A. & Kahn-Harris, K. (Eds.) (2004). *After subculture: critical studies in contemporary youth culture*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

Becker, H. S. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cavalcante, C. L. C. (2011). *Dialogias no Vale do Amanhecer: os signos de um imaginário religioso*. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora/Coleção Juazeiro.

Canclini, N. G. (2015). Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp.

Castro, F. F. (2016). O Neotribalismo e Outras Socializações Pós-Modernas. *Revista Interfaces,* número 25 | vol. 2 | julho–dezembro 2016.

Cohen, S. (1991). *Rock Culture in Liverpool: Popular Music in the Making*. Oxford: Clarendon Press.

Cohen, S. (1999). Scenes. In B. Homer & T. Swiss, T. (Eds.), *Key Terms in Popular Music and Culture* (pp. 239-250). Malden: Blackwell.

Driver, C. & Bennett, A. (2015). Music Scenes, Space and the Body. *Cultural Sociology, 9*(1): 99–115.

Durkheim, É. (1968). *Les formes élémentaires de la vie religieuse. Paris: Presses Universitaires de France*.

Ferretti, S. F. (2014). Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais*, v.11, n.º 21. Disponível em http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2867/2686. [Consult. 11 Mar. 2022]

Fleming, J. (2018). Recognizing and resolving the challenges of being an insider researcher in work-integrated learning. *International Journal of Work-Integrated Learning, Special Issue*, 19(3), 311-320.

Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face.* Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes. 255 p.

Goffman, Erving (1999). *Os momentos e os seus homens*. Lisboa: Relógio d'Água.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*; trad. Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Giddens, A. (2008). *Sociologia*; trad. Alexandra Figueiredo *et al.* ; coord. e rev. cient. José Manuel Sobral. - 4ª ed. rev e actualiz / Philip W. Sutton. - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

Guerra, P. (2010). *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras.

Guerra, P. (2015). «Andy Bennett (2013), *Music, Style, and Aging: Growing Old Disgracefully?* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 106 | 2015, publicado a 28 abril 2015,

consultado a 26 novembro 2021. URL: http://journals.openedition.org/rccs/5956; DOI: https://doi.org/10.4000/rccs.5956. [Consult. 18 Mar. 2022]

Guerra, P. (2016). Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas. Revista de *Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 47, n. 1, jan/jun, 2016, p. 193-217.

Guerra, P. (2017). António e as Variações identitárias da cultura portuguesa contemporânea. *Ciências Sociais Unisinos*, V. 53, n. 2 (2017): junho/dezembro, p. 508-520.

Guerra, P. & Quintela, P. (2018). O resto ainda é Hebdige. In: Hebdige, Dick (2018). *Subcultura. O significado do estilo* (pp. 05-71). Lisboa: Maldoror.

Guerra, P. (2019a). Espaços liminares de sociabilidade contemporânea. O caso ilustrativo do Festival Paredes de Coura, Portugal. *Estudos de Sociologia, Recife*, V. 2, n. º 25 (2019): Dossiê Formas e Substâncias do Público, 51-88.

Guerra, P. (2019b). Culture, interaction and ritual: A sociological approach to the Xucuru-Kariri Indigenous People of Brazil. In Anderson, William H. U. & Muskego, Charles (Eds.) *Indigenous People and the Christian Faith: A New Way Forward* (pp. 79-96). Delaware: Vernon Press.

Guerra, P. (2019c). Quando a geografia afetiva e a cartografia sentimental se juntam. Uma leitura possível de Ulisses: entre o amor e a morte. In: Mauriz Lima, Márcia Edilene & Topa, Francisco (Orgs.). *Ulisses entre o amor e a morte e seus vários temas* (pp. 127-158). Vinhedo- São Paulo: Editora Horizonte.

Guerra, P., & Figueredo, H. G. (2019d). Today Your Style, Tomorrow The World: Punk, Moda e Imaginário Visual. *Modapalavra E-periódico*, 12(23), 73-147. https://doi.org/10.5965/1982615x12232019073

Guerra, P. (2020a). Other Scenes, Other Cities and Other Sounds in the Global South: DIY Music Scenes beyond the Creative City. *Journal of Arts Management and Cultural Policy*. (1): Special Issue Creative Cities off the Beaten Path, 55-75.

Guerra, P. (2020b). Elogio da improbabilidade do património. In: Oliveira, Gerciane Maria da Costa & Vieira, Kyara Maria de Almeida (Eds.). *Patrimônio, povos do campo e memórias: diálogos com a cultura, a arte e a educação* (pp. 47-66). Mossoró: EdUFERSA.

Guerra, P. (2020c). Another music in a different (and unstable) room: A route through underground music scenes in contemporary Portuguese society. In: Treece, David (Ed.). *Music Scenes and Migrations. Space and Transnationalism in Brazil, Portugal and the Atlantic* (pp. 185-194). London: Anthem Press.

Guerra, P. (2020d). Under Connected: Youth subcultures, resistance and sociability in the Internet age. In: Subcultures Network (Eds.). *Hebdige and Subculture in the Twenty-First Century. Through the Subcultural Lens* (pp. 207-230). London: Palgrave Macmillan, Cham.

Guerra, P. (2021a). Sons, corpos e lugares. Para uma metonímia das cidades musicais contemporâneas. *CSOnline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, n. 33, 171–197.

Guerra, P. (2021b). So Close Yet So Far: DIY Cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, 30 (2), 122-138.

Guerra, P. (2021c). O que tem o rock a ver com Bourdieu? Contributos acerca da aplicação da teoria dos campos ao rock alternativo português (1980-2010). *CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora*, n. 32 (2020), 135-160.

Hall, S. (1997) A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. jul/dez. 1997. p. 15-46.

Hebdige, D. (2018). Subcultura. O significado do estilo. Lisboa: Maldoror.

Holt, J. (2008). *Steeltown Scene: Genre, Performance and Identity in the Alternative Independent Music Scene on Hamilton, Ontario*. Interdisciplinary MA Program in Popular Culture. Brock University, St. Catharines, Ontario.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. (2010). *Vale do Amanhecer: Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília, DF: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal.

Lucena, B. A. B. (1992). Neiva Chaves. *Tia Neiva: autobiografia missionária*. Bálsamo Alves Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer.

Lima, G. O. (2019). *Os Sentidos da Experiência Religiosa nas Narrativas de Missionárias Nityamas, Gregas e Mayas: Um Mergulho no Universo do Vale do Amanhecer*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Maffesoli, M. (2000a). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de janeiro: Forense Universitária.

Maffesoli, M. (2000b). *Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: Para navegar no século XXI*. Porto alegre: Sulina/ Edipucrs.

Oliveira, D. (2007). *Visualidades em foco: conexões entre a cultura visual e o vale do amanhecer*. Goiás: Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás.

Pollak, M. (1989). Memória, Esquecimento e Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15.

Pink, S. (2007). *Doing visual ethnography*. London: Sage Publications.

Queiroz, L. (2015). *Indumentárias de Falanges Femininas no Vale do Amanhecer: Uma Etnografia no Templo de Eusébio CE, Brasil*. Salamanca: Universidade de Salamanca.

Quintela, P. & Guerra, P. (2017). Ciências sociais, arquivos e memórias: considerações a propósito das culturas musicais urbanas contemporâneas. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXIII, pp. 155 - 181 DOI: 10.21747/08723419/soc33a8. Disponível em http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426552435009. [Consult. 11 Mar. 2022]

Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais.* Lisboa: Gravida.

Reis, M. R. D. (2008). *Tia Neiva: A trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008).* Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas. Brasília: Universidade de Brasília.

Sassi, M. (1979). *O que é o Vale do Amanhecer*. Rio de Janeiro: Guavira Editores Ltda.

Silva, A. S. (1994). *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*. Porto: Afrontamento.

Silva, J. C. N. (2000). *Arquivo Tumarã*. Brasília, Vale do Amanhecer.

Straw, W. (1991). Systems of Articulation, Logics of Change: Communities and Scenes in Popular Music. *Cultural Studies*, *5*(3), 368-388.

Straw, W. (2001). Scenes and Sensibilities. *Public*, *22/23*, 245-257.

Straw, W. (2006). Scenes and sensibilities. E-Compós, Vol. 6. Disponível em: http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/83/83. [Consult. 02 Jan. 2022].

Straw, W. (2017). Mapeando cenas da música pop. Cidades, Mediações e Arquivos Volume I. Adriana Amaral, Ivan Bomfim, Marcelo Bergamin Conter, Gustavo Daudt Fischer, Michael N. Goddard, Fabricio Silveira (Orgs.) 2017 - Série Veredas, 39.

Weber, M. (1982). *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 154-183.

Zelaya, N. C. (1985). *Minha Vida, Meus Amores*. 1. ed. Brasília: Vale do Amanhecer. Edit: Mário Sassi.

Zelaya, C. L. (2009). *Os símbolos na Doutrina do Vale do Amanhecer: sob os olhos da Clarividente*. 1. ed. Brasília: Coronário Editora Gráfica.

ANEXOS

Anexo 1 Guião de Entrevista em Profundidade

Entrevistado(a):

Entrevistador:

Entrevista:

Data:

Local:

Duração:

Hora da realização:

ELEMENTOS GERAIS DE CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Profissão:

Percurso Profissional:

Residência:

1. PERTENÇA AO VALE DO AMANHECER

1.1. Entrada no Vale do Amanhecer.

Quando aconteceu

Razões para entrar

Você considera que foi uma escolha movida por afetividade

Quem influenciou na escolha e porque isso aconteceu

Há quantos anos está no Vale

1.2. Quais aspetos a atraiu para o Vale?

Os vestuários tiveram relevância?

As edificações e os rituais

A figura de Neiva

A questão de gênero influenciou? (Comunidade criada por uma mulher)

A existência de outros jovens

1.3. As vivências juvenis.

A estadia no Vale do Amanhecer permitiu vivenciar a juventude de um modo diferente?

A socialização no Vale interferiu em suas interacções?

Afetividade, casamento, profissão, modo de se apresentar, vestir, maquilhar

2. CULTURA MATERIAL

2.1. A participação nos rituais e nas dinâmicas que dizem respeito ao Vale por via da materialidade

Qual vestuário é utilizado

Algum nome específico é atribuído ao vestuário

Quantas vestimentas possui

O que essas vestes simbolizam nos rituais? As vestes representam algo ou alguém?

2.2. Qual significado você atribui às suas próprias vestimentas

Acesso ao vestuário

Quem desenhou os vestuários?

Quem confeciona?

Existe alguma tradição em relação à confeção destas vestes? Há requisitos para tal feito?

Houve alguma alteração no modo de fazer as vestimentas em relação ao que Tia Neiva determinou? O que justifica/permite tais alterações?

Esses trajes lhe representam em todas as esferas de sua vida ou somente no contexto do Vale do Amanhecer?

O que é representado em suas vestimentas, possui uma relevância muito grande em sua vida, na construção de sua identidade?

2.3. Como você interpreta o enredo por trás da sua vestimenta?

O que você dá maior importância na sua vestimenta? A forma, o conteúdo, as cores, os tecidos, os símbolos?

As vestimentas permitem algum vínculo de afetividade entre as pessoas que as utilizam?

Através das vestimentas é possível identificar a formação de grupos?

Quando você veste sua indumentária você age de modo distinto em relação a quando está vestida em um outro tipo de roupa?

Você usa maquilhagem para se apresentar com a sua indumentária? Faz algum penteado no cabelo?

Do início deste período pandémico até os dias atuais, em algum momento você fez uso de máscara de proteção ao trajar suas indumentárias?

Você estiliza suas máscaras?

2.4. Artefactos utilizados junto da indumentária

O modo de se comportar ao trajar a indumentária tem algum significado próprio para si ou é algo externo a você?

Você compreende com alguma estranheza a cultura material, plasmada no vestuário e artefactos, associada deste modo a um contexto religioso/espiritual?

Em outros contextos religiosos, geralmente, não se questiona, por exemplo, o fato de um padre usar uma batina, mas como a comunidade do Vale do Amanhecer é algo novo e híbrido, por que você anda assim na comunidade?

2.5. Numa perspetiva translocal, você gostaria de sempre poder andar assim vestida, digo fora da comunidade? Porquê?

3. CULTURA MATERIAL DO VALE DO AMANHECER

3.1. A materialização no Vale do Amanhecer

A cultura material do Vale do Amanhecer, expressa nas suas edificações como a Estrela Candente, a Pirâmide, o Turigano, nos formatos, cores vibrantes, imagens e quadros, faz sentido em sua vida? Qual razão disso?

Essa cultura material faz sentido para sua família?

Qual relação você faz entre a espiritualidade, as indumentárias e o espaço (cenário de interação) onde se desenvolvem os rituais?

A cultura material da comunidade tem aspectos translocais e globais?

3.2. Vale do Amanhecer teatro a céu aberto

A vida cotidiana no seio da comunidade é ambientada em um cenário que remonta cenários hollywoodianos, as pessoas se vestem como se fizessem parte de um conto

de fadas. Você compreende, na vida cotidiana do Vale, a participação neste universo como algo um tanto teatral?

3.3. A existência de indumentárias, enredos, seres espirituais, construções atípicas.

Há algum roteiro que é seguido como se uma peça de teatro estivesse sendo encenada?

Os espaços de interacção do Vale do Amanhecer permitem que as pessoas, munidas da materialidade deste universo criado, possam se tornar ou assumir a persona de uma outra pessoa que não são na vida cotidiana? A possibilidade de ser um outro.

3.4. A possibilidade de ser outro neste universo dá algum tipo de poder às pessoas?

Como você enxerga a relação que se desenvolve face às pessoas que possuem vidas "comuns" no cotidiano, mas no Vale do Amanhecer encontram um lugar, onde possuem um papel a ser desempenhado, uma função, uma roupa específica para vestir, rituais de interacção a realizar?

4. SOCIABILIDADES NO VALE DO AMANHECER

4.1. Quais são as interacções que se desenvolvem nos rituais do Vale do Amanhecer?

Como as interacções nos rituais se diferenciam em termos de espaços, roupas e objetos? (Por exemplo, você possui sua indumentária. Na realização de um ritual de casamento você utiliza a indumentária de modo distinto em relação a realização de um ritual de Estrela Candente?)

4.2. O que acontece nas interacções por via da materialidade?

O facto de estares a utilizar a sua indumentária lhe impede de realizar algo que seria possível caso você estivesse com um outro tipo de roupa?

Dentro dos rituais as interacções com outras pessoas se intensificam por causa da indumentária? Pessoas que usam a mesma indumentária interagem mais entre si ou é algo indiferente?

4.3. Como se procedem as interacções fora dos rituais?

A materialidade veicula algum tipo de interacção que se distingue das relações fora do contexto do Vale do Amanhecer? Existe algo que você faz fora da comunidade, mas não faz dentro do Vale e vice-versa?

4.4. Cada ritual possui um roteiro específico de interacções?

Para cada ritual existe uma indumentária específica?

Existe algum ritual que se realiza sem nenhum tipo de indumentária?

Você consideraria que as indumentárias são, ou é pelo menos uma das componentes, que sustenta toda a ritualística da comunidade?

Como você percebe as interacções entre pessoas que estão trajando suas indumentárias e pessoas que estão com outros tipos de roupas?

4.5. As sociabilidades na comunidade se dão, também, através da Internet?

Você compreende que o nível de sociabilidades na comunidade altera-se mediante o contato com actores sociais que estão em outro contexto geográfico?

Observações

Anexo 2 Termo de Consentimento Informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu,_____, concordo em contribuir para o estudo de âmbito sociológico subordinado ao tema "Culturas, rituais e interações no Vale do Amanhecer no Crato CE-BR Estudo de caso alargado de uma cena cultural contemporânea", através da participação_____. O referido estudo insere-se no Mestrado de Sociologia da Universidade do Porto e desenvolve-se no ano letivo de 2021-2022.

Com este trabalho pretende-se:

Conhecer os valores, as relações, as representações e as práticas da comunidade.

Considero que *(coloque um X nos pontos consentidos):*

- Compreendi que tenho o direito de colocar, agora ou durante o desenvolvimento do estudo, qualquer questão acerca do mesmo;
- Fui informado/a acerca da gravação de áudio da entrevista para efeitos de transcrição e análise e permito que assim seja;
- Fui informado/a acerca das dinâmicas de observação sociológica e permito que assim seja;

- Fui informado/a acerca do uso da fotografia e permito que assim seja;
- Fui informado/a acerca do uso das gravações audiovisuais e permito que assim seja;
- Aceito que as minhas perspetivas sejam incorporadas nos resultados do estudo e possam ser publicadas ou apresentadas pela responsável pela investigação para fins académicos;
- Fui informado/a acerca da garantia de anonimato;
- Aceito a referência ao projeto/cargo que incorporo e/ou outros detalhes identificativos sejam divulgados para fins de análise investigativa;
- Depreendi que este documento será conservado de forma segura pelo responsável pela investigação e será eliminado no final do estudo.

Assinatura do/a entrevistado/a: ……

Assinatura do investigador: ……

Data:

Anexo 3 Guião de Observação Participante

CATEGORIA	DIMENSÕES	INDICADORES
I. CENÁRIO das práticas	**Descrição** 1. Coordenadas temporais 2. Coordenadas espaciais	1.Relação tempo/prática social, momento 2.Entrada, saída, parte evangélica, Aledá, Cruz do Caminho, etc. Ambiência: estética, sons, decoração, cheiros, palavras
II. ACTORES SOCIAIS	3. Perfil-tipo 4. Modos de apresentação 5. Modalidades de interacção 6. Linguagem cinética 7. Linguagem verbal 8. Relação com o espaço físico e o tipo de actividades	3.Idade, género, etnia 4.Vestuários, acessórios, etc. 5.Comportamentos, atitudes, reações ao visionamento do ritual, actividades paralelas ao visionamento do ritual, etc. 6.Gestos, olhares, posturas corporais 7.Expressões, comentários … 8.Distanciamento, apropriação, reações ao visionamento do ritual, atividades paralelas ao visionamento do ritual, etc.

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores
- Dia de semana
- Horas de observação
- Espaço do dia observado
- Data do preenchimento das observações
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação

Anexo 4 Diários de Campo e Registos de Observação Participante e Observação Direta

Registo de Ritual de Casamento / Vale do Amanhecer em 28 de janeiro de 2022

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Sexta
- Horas de observação: 1h
- Espaço do dia observado: Noite
- Data do preenchimento das observações: 28.01.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Fora do Ritual

22h18. Adentramos ao templo e uma longa fila apresentava-se, à nossa esquerda, composta por jovens, senhoras e senhores. Todos, sem exceção, trajavam vestes adornadas com enfeites e tecidos coloridos de muitas cores: preto, branco, lilás, azul, verde, amarelo, marrom, rosa e laranja. Na fila formada à entrada do templo percebia-se um determinado alinhamento, as pessoas estavam dispostas aos pares, umas ao lado das outras, e neste formato era percetível agrupamentos de pessoas trajando vestimentas exatamente iguais. Na extremidade direita do templo nos era possível avistar outra fileira de dimensões muito semelhantes, tanto em cores e quantidade, porém deste outro lado havia a presença de homens que vestiam calças castanhas, camisas amarelas e capas na cor verde distintamente dos senhores da primeira fila que avistamos, pois estes por seu turno trajavam calças castanhas, camisas de mangas compridas em azul e capas também azúis. Podemos dizer que a as capas muitos se assemelhavam àquelas utilizadas pelos heróis nas HQ's. Ladeado a primeira fila, próxima a entrada, via-se o que julgamos serem expectadores da cerimónia que estava por acontecer, afinal tratava-se do ritual de um casamento típico da comunidade.

Entre os espectadores estavam jovens adultos, que pareciam ter mais de 18 anos, adultos e idosos, entre eles haviam àqueles que usavam trajes coloridos, tais como os dos componentes das filas, e outros que estavam a usar fatos de festas, vestidos com algum requinte, penteados bem arranjados e maquiagem. Ao caminharmos em sentido horário (da esquerda para direita) nos aproximamos com a outra fila, algo que nos chamava a atenção era que ambas as filas eram formadas por seus pares e nelas todas as mulheres, e somente as mulheres, carregavam juntas de si lanças em cor prata e com extremidades pontiagudas. Todo o ambiente era colorido, paredes em vermelho, branco, lilás e azul, repletos de símbolos: estrelas de seis pontas portando

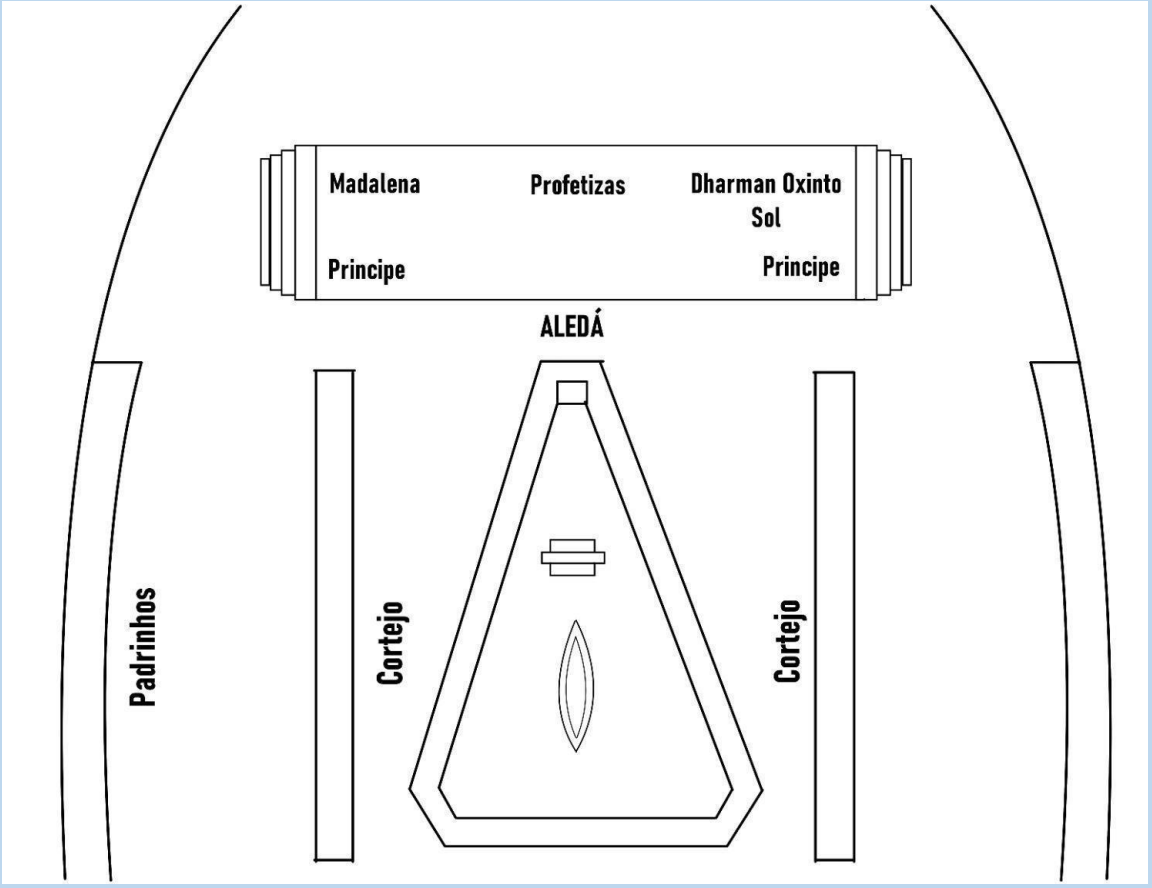
imagens de índios, imagens de senhoras cobertas com mantos coloridos emolduradas nas paredes, mas a maior imagem e talvez mais significativa para o povo daquela comunidade, dizemos isto pela sua posição central, era a de um índio sentado, vestindo uma espécie de vestido ou túnica azul, com um grande penacho preso aos cabelos negros e portando uma lança branca nas mãos, na parte inferior da figura era possível ler "Pai Seta Branca".

Já contavam às 22h35 e a noite estava muito quente, o ambiente do templo estava muito abafado, era possível observar pequenos grupinhos, duplas e trios a interagir conversando, alguns riam-se, outros reclamavam do calor. Por ainda vivermos em tempos pandémicos todos estavam a fazer uso de máscaras e algumas senhoras portavam leques e abanavam-se contra o calor. Sabemos que todo casamento pressupõe vestes especiais, adornadas, coloridas, mas por qual motivo haveria tanta cor neste lugar? O quê motiva tal estilo alternativo? Seria somente devido ao casamento ou haveria algo por trás desta cena? O que mais atrai nossas atenções são as vestes, o modo de se comportar no ambiente, mas não podemos negar que a área central do templo era no mínimo peculiar. Uma área em formato elíptico ladeado por um muro colorido que separava o centro do templo de toda área considerada externa. Ainda do lado de fora desta área central observamos uma mesa em formato triangular e à frente desta mesa era possível observar um lugar mais elevado, como se fosse um altar.

Neste altar estavam mais mulheres em trajes distintos, ao centro quatro senhoras em vestidos negros, com um capuchinho preso aos cabelos. Um senhor fala ao microfone e anuncia que aquele seria um casamento cigano arquitetado outrora por Tia Neiva, a também chamada profetisa Natacha, o senhor ao microfone faz reverência às senhoras ao centro do templo. Desejando, deste modo, boa sorte às senhoras profetisas e em seguida pede que a Tia Neiva possa inspirá-las no decorrer do ritual de casamento. As filas se movimentam em cortejo e vão em direção até a maior imagem que o templo possui: a imagem do índio. Eles se vão cruzando e fazem sinais de reverências em respeito à imagem. Ao fim de uma corte, vem o noivo e na outra corte a noiva. Ao se cruzarem em frente ao índio que tem por nome "Seta Branca" vão se dirigindo à área central do templo e os noivos encontram-se também de frente ao índio Seta Branca. Nas colunas de som, acopladas nas paredes, tocam músicas instrumentais ciganas de tom oriental.

Na parte interior da área central onde ocorrerá o ritual já se encontram aqueles que serão padrinhos dos noivos, estes por seu turno vestem roupas "comuns", vestidos de festas e fatos de casamento. O cortejo adentra essa área central e vão posicionando-se, ficando todos de frente à parte mais elevada. Nesta espécie de altar encontram-se posicionadas as quatro senhoras ao meio, que estavam desde o princípio, ladeadas à direita por uma mulher que carregava no peito um triângulo prateado ao contrário e um rapaz com roupas amarelas, enquanto à esquerda estavam um senhor com roupa, também amarela e uma jovem que trazia no peito a imagem de duas luas minguantes com um cálice ao centro.

FIGURA: Mapa Aledá



Fonte: o autor

Dentre as quatro senhoras ao centro uma destacou-se do grupo e deu dois passos à frente, esta profetisa porta um microfone em mãos e então apresenta-se, pedindo logo em seguida, em nome da Neiva, as bênçãos necessárias para realização do casamento. Cada homem e mulher que compuseram as fileiras do cortejo mantém-se de pé, atentos à senhora profetiza, os espectadores por seu turno observam atentos, alguns parecem estar a cochichar baixinho, outros impunham os seus telemóveis e registam a cerimónia. Pelo que é possível observar a senhora profetiza assume a responsabilidade que é legado a um padre em um sacramento católico, no encargo desta função a profetisa questiona em alto e bom som se naquele recinto há alguém que possa impedir aquele casamento o que é possível verificar que não há ninguém que proteste contra a cerimónia.

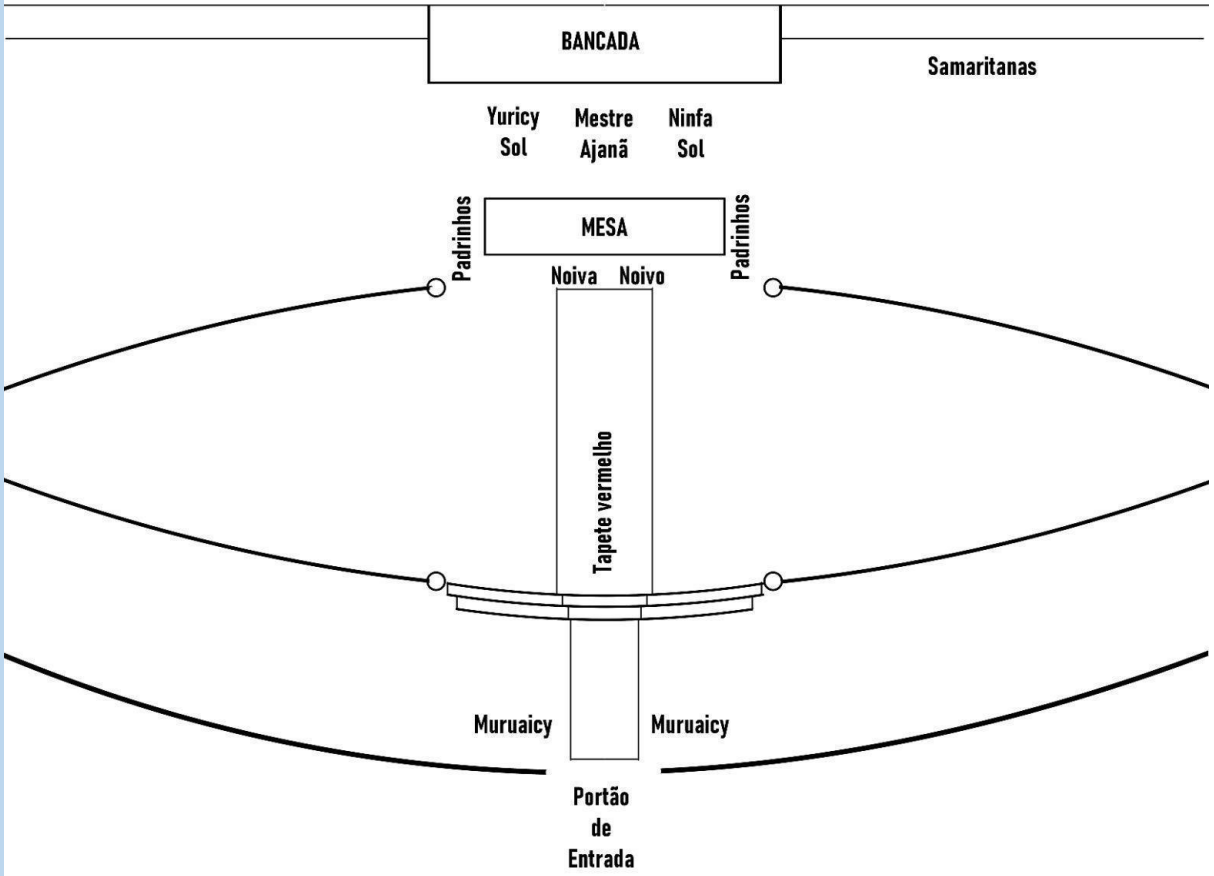
Neste seguimento, outra senhora profetiza destaca-se de seu lugar e carregando um véu nas mãos vai em busca da noiva que se encontrava na parte inferior trajando um vestido de uma cor rosa muito clara, um adorno preso aos cabelos cheio de brilhos, luvas rendadas da mesma cor do vestido, máscara na face e trazendo consigo um buquê de flores amarelas. Ao conduzir a noiva à parte mais elevada, chamada 'Aledá', é colocado o véu sobre a noiva e então a profetiza fala ao microfone sobre a origem daquele ritual cigano e pede que a jovem noiva vá em busca de seu noivo para que ele possa se espiritualizar, ao passo que a noiva sobe ao Aledá torna a tocar música instrumental cigana e algumas senhoras, discretamente, acompanham a harmonia

sonora bailando com os dedos das mãos, enquanto trocavam olhares alegres. Nos parecia que tudo aquilo que testemunhavam nossos olhos nos remetia a outros lugares, as vestimentas, os adornos, as lanças envergadas de um modo tal como guerreiras fariam. Cada vestimenta poderia suscitar ideias e reminiscências distintas, a própria profetiza, cuja autoridade espiritual correspondia a de um sacerdote cristão tradicional, nos faz recordar uma freira, uma feiticeira, uma mística, enfim, eram vestimentas que pareciam comunicar muito mais que moda e estilo. Havia roupas coloridas, enfeitadas com símbolos diversos: luas, sóis, estrelas, fogueiras, ânforas, cálices, correntes, setas envoltas em muito brilho. As mulheres todas carregavam adornos coloridos presos aos cabelos com véus e brilhos, tudo muito colorido. Nos parece que cada roupa transmitia, através de sua materialidade, uma história, parece que cada vestimenta formava por intermédio dela uma tribo, pois àqueles que as utilizavam se organizavam, aparentemente, a partir das próprias roupas. A identificação pelo modo de trajar parece atravessar as pessoas de distintos modos. Neste momento destaca-se um pequeno cortejo conduzindo a noiva, caminhando lentamente eles saem da área interna central do Templo e vão em direção à imagem do índio Seta Branca. A jornada da noiva se completa ao retornarem à área central, porém do lado onde está posicionado o noivo, que veste um terno tradicional para uma cerimônia de casamento.

Ambos em comunhão se dirigem ao Aledá, a noiva caminha coberta com véu e segurando um buquê nas mãos, o noivo por seu turno carrega uma espada que é erguida em direção a uma imagem de Jesus e jura que é por amor o casamento, em seguida a noiva jura ser verdadeiro o seu amor. Nesse momento a profetiza permite que o noivo retire o véu da noiva e beije-a. Todos os que inicialmente compuseram o cortejo se organizaram novamente em procissão e todos, embora unificados em uma única corte organizada em pares, conduziram o casal para o local chamado 'Cruz do Caminho'. Em procissão todos caminharam saindo da área central do Templo, passaram pela imagem do índio Seta Branca, todos faziam sinais em respeito à imagem, ou respeito àquele que era retratado naquela imagem. A jornada do cortejo ia de encontro a um espaço ao lado da saída do Templo, ali decorrerá o momento esotérico do ritual de casamento. Por ser o momento esotérico do ritual não seria realizado publicamente e somente algumas pessoas têm permissão para adentrar este ambiente, daqueles que faziam parte do cortejo apenas os noivos e seus padrinhos podem adentrar a Cruz do Caminho, e nós por termos autorização. O que podemos observar neste momento é que os noivos foram colocados sentados à espera da preparação deste novo ambiente, enquanto o rito não se finalizava àqueles que estavam sentados, na condição de espectadores do casamento, já estavam mais dispersos a conversar. A presença feminina era marcante no templo, sendo também em sua maioria mulheres adultas, há idosos no casamento, porém em número reduzido, enquanto a presença de crianças e jovens é quase inexistente. 23h30. Nos foi possível observar que ao passo que a cerimônia acontecia, havia senhoras com semblante de alegria e felicidade, enquanto a maioria dos homens apresentavam feições de seriedade e atenção. À entrada da Cruz do Caminho encontravam-se 3 mulheres adultas, vestidas em branco e vermelho, carregando junto ao peito a imagem de um cálice com fogo, bordado à mão feito de lantejoulas pequeninas, estas mulheres também portavam lanças e pareciam fazer a guarda daquele ambiente, elas estavam posicionadas de pé. Havia no chão um tapete vermelho, o ambiente estava pouco iluminado e o que víamos era uma espécie de penumbra, o silêncio tomava de conta do espaço, o interior da Cruz do Caminho era colorido, com paredes pintadas em azul

com alguns símbolos pintados nas cores branca e preta, nas paredes existiam algumas cortinas que pareciam rendas brancas e como decoração era possível observar muitas flores brancas, rosas e vermelhas. Ao fim do tapete vermelho encontrava-se uma mesa, nesta mesa estavam uma rosa vermelhas e um pequeno recipiente com sal, na parede estava uma foto de Neiva, vestida como profetiza, e outras duas imagens, uma do faraó Akhenaton e outra do faraó Tutankamon.

FIGURA: Mapa Cruz do Caminho



Fonte: o autor

Atrás da mesa estava um homem adulto que vestia uma roupa social, calça castanha e camisa preta, uma capa na cor verde e um manto branco, como se fosse uma estola de um padre, em volta do pescoço, ao lado deste homem estavam duas senhoras que vestiam trajes pretos, cada uma trazia junto ao peito um imenso sol com sete grandes raios bordados em lantejoula dourada, à direita do homem estavam as senhoras profetisas do casamento. Os noivos caminharam na penumbra sobre o tapete vermelho a caminho da concretização do sacramento, acompanhava-os os padrinhos que ficaram ladeados aos noivos, na presença do homem que iria terminar o sacramento do casamento. Todos os presentes no ambiente estavam atentos, calados, resolutos e então o homem de capa verde, imbuído no espírito sacerdotal, estendeu a sua mão esquerda e vai puxando para si as mãos dos noivos, padrinhos e madrinhas, pondo sua mão direita por cima de todos abençoando o casal e então entrega as alianças para que assim seja finalizado o casamento cigano da comunidade. Após

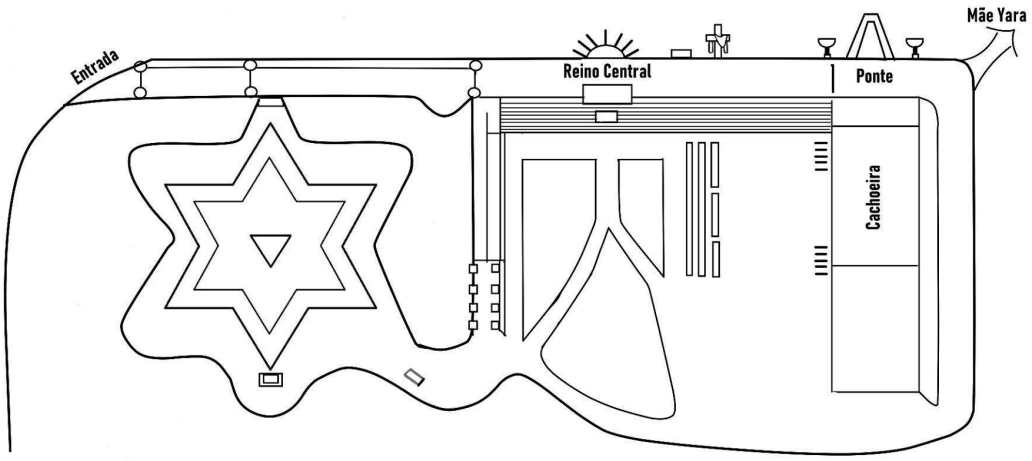
colocarem as alianças os noivos se beijam e em cortejo vão se retirando do local chamado Cruz do Caminho. Aqueles que assistiam, participavam e testemunhavam o ritual aplaudiram o casal recém-casado que agora se destinam para a saída do templo, onde se destinariam para o festejo fora da comunidade.

Registo de Ritual de Quadrante / Vale do Amanhecer em 13 de fevereiro de 2022

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Domingo
- Horas de observação: 1h
- Espaço do dia observado: Tarde
- Data do preenchimento das observações: 13.02.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Interior do Ritual

FIGURA: Mapa da Estrela Candente



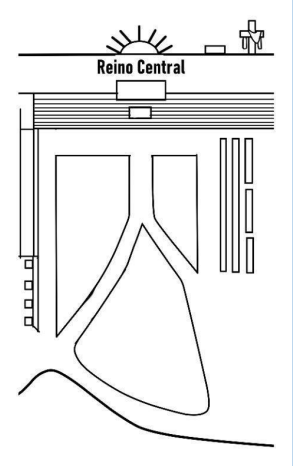
Fonte: o autor

16h30. Encontro-me na parte iniciática da Estrela Candente, estou sozinho sentado em um banco vermelho, mais à frente estão dispostos sentados em um banco um par de jovens, formado por um jovem Ajanã que está trajando sua indumentária de jaguar e sua capa verde e uma jovem Nityama, ao lado direito da Estrela Candente estão sentados, ao lado da Cachoeira, 4 senhoras com aspecto de 60 anos de idade, todas trajando indumentárias de ninfa Lua, usando pente e luvas, uma está de azul, outra de vermelho, uma de rosa e uma de verde, enquanto há a movimentação para o início do ritual é possível identificá-las conversando entre si. Junto da imagem de Mãe Yara encontra-se um par, formado por um senhor que aparenta ter seus 70 anos trajando sua indumentária de jaguar e sua capa verde e uma jovem vestida de Grega Sol. Na cabine do Reino Central encontram-se o Comandante, trajando sua indumentária de Mago e sua companheira trajando sua indumentária de Nityama Madruxa, atrás deles estão 1 Samaritana, 1 Grega Lua, 1 Maya, 1 Yuricy Sol, 2 Muruaicys e 1 Franciscana. O comandante dá início ao ritual falando ao microfone, a voz ressoa nas caixas de som presentes no recinto da Estrela Candente e da Unificação. Após emissão e canto as missionárias vão sendo convocadas, mediante sua Falange missionária, para realizarem junto ao microfone suas emissões e seus

cantos de Falange. Para realização deste ritual faz-se necessária a presença de ao menos 7 missionárias junto do Comandante, um par de padrinhos e pelo menos 4 pares e 3 aponas. Observo que o ritual inicia e não há pessoas suficientes para realização do mesmo.

Na entrada, no segundo portão da Estrela Cadente, encontram-se algumas pessoas. Aparentemente elas irão participar do ritual, afinal estão dentro da Estrela Candente, embora distantes do espaço de comando. Posso observar que estão juntos um grupo de 6 pessoas, 2 jovens vestidos de Mago, 1 jovem vestida de Nityama, 1 adulto trajando sua indumentária de jaguar com capa marrom, 1 mulher vestida de Franciscana e 1 mulher vestida de Cigana Aganara, aparentemente estão a conversar, embora eu não consiga discernir o teor da conversa é possível observar, também, que o Comandante de momento em momento olha para entrada, parece-me que a conversa que acontece no segundo portão está a incomodar o Comandante. Além de conversarem, um dos Magos está utilizando o celular, aparentemente para tirar fotografias do lago da Estrela Candente. As missionárias emitem rapidamente ao microfone, a única missionária que destaca-se em relação às demais é a Muruaicy, por possuir um Canto demasiado longo, ao terminar o seu trabalho devolve o microfone para o Comandante. Neste momento o Comandante convoca todos os presentes no recinto da Estrela Candente para realizarem o Coroamento.

FIGURA: Mapa do Coroamento Estrela Candente



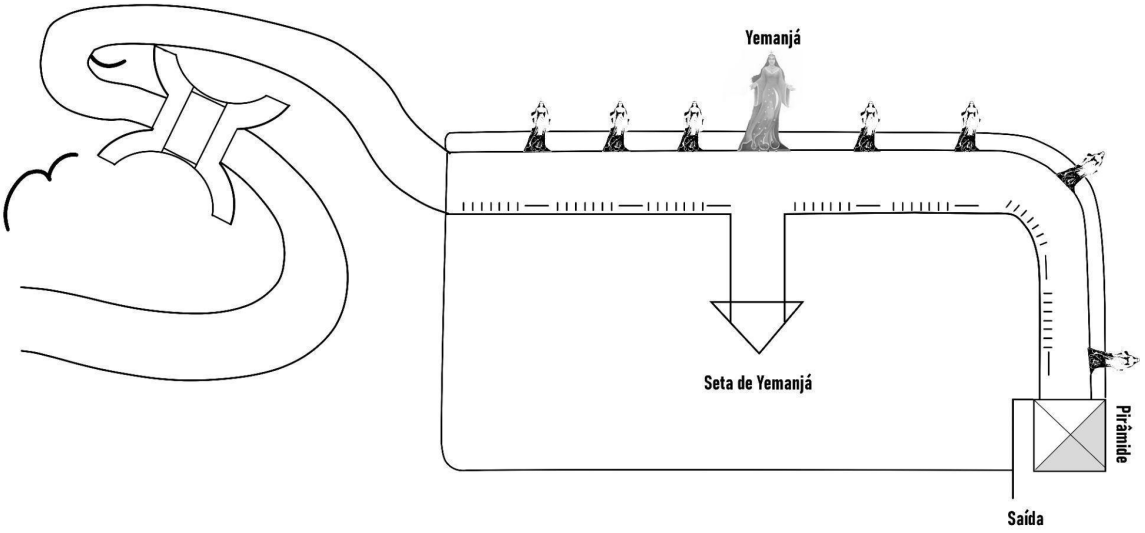
Fonte: o autor

Prontamente as missionárias portando suas lanças formam uma fila indiana no alto da escadaria, enquanto o grupo que estava no segundo portão adentra o recinto, propriamente dito da Estrela Candente, e vão se posicionando diante da rampa. Observo que neste momento adentra os portões da Estrela Candente 4 doutrinadores adultos. As quatro senhoras que estavam próximas à cachoeira, junto do par que se encontravam ao lado da imagem de Mãe Yara, vão se aproximando para formar as duas filas diante da rampa também. A formação é feita de acordo com a hierarquia do Vale do Amanhecer, o primeiro par é formado pelo doutrinador e a Franciscana, seguidos dos padrinhos do Comandante, o ajanã e a Nityama Sol, 1 ajanã e 1 Cigana Aganara, 1 Mago Lua e 1 Nityama Sol, 1 doutrinador e 1 ninfa lua de vestido verde, 1 doutrinador e 1

ninfa lua de vestido vermelho, 1 doutrinador e 1 ninfa de vestido rosa, 1 Mago e 1 ninfa de vestido azul, eu sou o último da fila. As mulheres sobem a rampa, enquanto os homens seguem por baixo, vão de encontro às cabine de Seta Branca, todos reverenciam o espaço da cabine vazio e seguem subindo as escadas. Ao chegarem ao topo assumem o ligar direito e dão a mão para auxiliar as Missionárias de lança a descerem, um mantra está a tocar na caixa de som e somente as mulheres de lança entoam o cântico que se ouve ecoar por todo o espaço. Todos descem as escadas com muito cuidado, devido suas capas e indumentárias.

Mais adiante vai se formando uma Côrte somente com as missionárias portando suas lanças, ao passo que elas vão se organizando os homens vão retornando para buscarem suas companheiras de jornada que ainda se encontram no alto da escadaria. Rapidamente todos encontram-se em conjunto e as missionárias vão conduzindo o cortejo que remonta uma tropa. O trajeto percorrido é de terra batida, sem calçamento, mais abaixo do Lago da Estrela Candente encontra-se a Cabala, as 2 Muruaicys destacam-se do cortejo e se colocam diante do portão da Cabala, uma delas faz emissão e canto e logo abre os portões, cada uma assume sua posição ao lado de cada portão. O Comandante assume seu posto, junto de sua ninfa, ele encontra-se em um lugar mais elevado que parece um banco, ao lado direito do Comandante se posiciona a Yuricy Sol, sua protetora, e as missionárias de lança dividem-se formando uma espécie de guarda, protegidas por suas lanças eretas, fazendo caminho até o Comandante. São convidados grupos de três pares para se aproximarem, vão sendo ditas as falas correspondentes a lei do ritual, esta fala encontra-se anexada em uma placa próximo ao local do Comandante, que vai recepcionando cada par, apertando a mão de cada homem em forma de respeito e bênção. Eu sou o último componente desta Côrte e estou trajando minha indumentária de Mago, o Comandante é o meu Regente e responsável pelo ritual neste dia. Ao passo que todos são recepcionados vão se reorganizando após os portões de saída da Cabala, onde as Muruaicys já se encontram de prontidão. Observo que de todos os presentes somente um par dos 7 está a conversar de modo paralelo ao próprio ritual, este par em questão encontra-se logo à minha frente e é composto por 1 Mago jovem e 1 senhora que aparentemente possui mais de 60 anos. Seguimos calmamente e chegamos aos portões da Unificação, novamente as Muruaicys destacam-se do cortejo e vão de encontro aos portões, uma delas realiza sua emissão e canto, invocando os poderes de Yemanjá para que seja permitida a abertura dos portões, ao abrirem os mesmo cada uma fica de um lado, a Samaritana assume seu posto.

FIGURA: Mapa da Unificação



Fonte: o autor

Todos, lentamente, se servem do sal e do perfume, vão colocando uma pitada de sal na língua e o perfume é colocado nas têmporas. Mais adiante começam a caminhar as ninfas, que portam lanças, e formam a Côrte que conduz a todos nós dentro deste ritual. Cada um que vai passando em frente à imagem da Princesa Jurema faz um sinal de reverência, sempre aos pares, na Côrte principal são pares de mulheres e os demais pares são formados por um homem e uma mulher, eu sou o único sozinho finalizando o cortejo. Ao passo que vamos caminhando alguns estão entoando o mantra referente ao ritual, o mantra em homenagem à Mãe Yara, na verdade a grande maioria, dois pares estão calados e somente um par, que está à minha frente, vai realizando este percurso enquanto estão a entoar o mantra que ecoa na caixa de som. Lentamente nos dirigimos até a Seta de Yemanjá, espaço de destaque na construção da Unificação. A Samaritana tem por função servir o Mestrado, composto pelos mestres e ninfas, do vinho consagrado, lentamente e de acordo com a fila hierárquica todos se posicionam virados para a imagem de Yemanjá, que possui 5 metros de altura, e ao receberem um copinho com suco de uva integral, para representar o vinho, todos em coletivo e uníssono repetem uma prece de proteção e compromisso, ao beberem do líquido nos copos todos vão se desfazendo em um pequeno cesto disposto estrategicamente em um local que não atrapalha o cortejo. Novamente a Samaritana, seguida pelos componentes da Corte, assumem a condução da fila formada pelos pares. O mantra torna a ser entoado, agora pelas missionárias que estão a conduzir o cortejo para o Quadrante da Princesa Jurema. Diante do Quadrante os membros da corte vão assumindo suas posições, as missionárias que conduziram o cortejo se organizam abaixo da imagem da Princesa Jurema. O comandante com sua ninfa sobem em um banco mais elevado, ao lado direito encontram-se os padrinhos do Comandante e nos esquifes vão se direcionando os pares de acordo com a hierarquia. Eu que estou a realizar esta observação e encontro-me apona, ou seja, estou sem par fico em uma posição na qual é possível continuar com a observação sem atrapalhar o funcionamento pleno do ritual.

Dada a voz de comando do Comandante, todos se preparam e fazem silêncio para ouvir a emissão do mestre Comandante que a faz calmamente, com a voz firme, aparentemente, apesar de ter consigo um papel com as falas específicas do ritual, o comandante se apresenta firme e confiante. Esta postura transmite a sensação de segurança para nós que estamos a participar do ritual sob o comando dele. Ao realizar a chamada lei do trabalho todos os presentes são convidados a realizarem em conjunto as suas emissões pessoais. Um grande zumbido é possível ser ouvido dada a forma colectiva na qual todos passam a emitir, ao terminarem os doutrinadores e doutrinadoras deitam-se nos esquifes, enquanto os médiuns de incorporação sentam-se nos banquinhos ao lado de cada esquife. O Sol não está tão quente devido o horário, é um momento de reflexão, embora alguns olhares dispersos sejam observados, não há conversação entre os membros do ritual e logo ao comando do Comandante, aqueles que estavam deitados levantam-se, mais uma prece é entoada em conjunto e após as elevações colectivas o médiuns de incorporação são voltados para a água. É o momento das incorporações, momento espiritual de transe, eu diria que é o momento mais sagrado do ritual, os médiuns de incorporação estão voltados para o interior do lago, que não possui água por estar ainda em construção, ao passo que incorporaram é possível observar como cada um se movimenta de um modo, embora exista uma homogeneidade dos movimentos, pois não barulhos ou ruídos, as mãos se movimentam subtilmente e os corpos balançam em harmonia, todos de olhos fechados. Em seguida os doutrinadores viram seus respectivos pares para diante de si e recebem o que é chamado de ‘passe’, todas estas movimentações decorrem no período de 5 minutos, ao fim do mantra que está a tocar na caixa de som há as desincorporações. É o momento do retorno para o mundo material, digo isto em relação ao médiuns que estavam incorporados, o Comandante finaliza o ritual e convida a Corte a se recompor para encerrarem a ritualística no recinto da Pirâmide presente no final da Unificação, sendo a única saída possível.

Por se tratar da finalização do ritual é perceptível como as pessoas agem com uma naturalidade maior, abandonando as posturas mais rígidas diante da ritualística. O cortejo vai emantrando, mas os membros do pares vão todos a comentar as sensações em relação ao próprio ritual que ainda está a decorrer, é como se houvesse uma antecipação do próprio fim durante o percurso do Quadrante. As missionárias do Cortejo ao chegarem diante da entrada da Pirâmide abrem um corredor ficando ladeadas ao segurar suas lanças de protecção, enquanto o Comandante acompanhado é o primeiro a entrar na Pirâmide, cada par vai se seguindo, entram na Pirâmide, tomam água da fonte que há no recinto, assinam seus nomes em um livro e saem pelo portão de saída, por eu ser o último da fila não consigo observar a movimentação no interior da Pirâmide. Ao entrar na Pirâmide percebo que os comentários permanecem, embora em tom bem mais baixo, aparentemente em respeito ao ambiente, na saída encontra-se o Comandante Mago e sua companheira Nityama Madruxa, que estão posicionados a agradecer a presença dos jaguares no ritual de Quadrante que acabara de acontecer.

Registo de Ritual de Cruz do Caminho / Vale do Amanhecer em 16 de fevereiro de 2022

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Quarta
- Horas de observação: 1h
- Espaço do dia observado: Noite
- Data do preenchimento das observações: 16.02.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Interior do Ritual

18h30. Estamos no interior do Templo e encontramo-nos no recinto do Castelo do Silêncio, apesar do nome do recinto pressupor ser um ambiente silencioso é possível ouvir os cochichos entre 3 pares que também irão participar do ritual de Cruz do Caminho. Eu estou a trajar minha indumentária de Mago e irei participar do ritual na condição de Mago, ou seja, serei um componente da Corte que irá conduzir a todos que irão participar desta ritualística. Neste momento eu me encontro na parte do Castelo do Silêncio que é reservada aos membros que irão compor a Corte do ritual. Perto de mim estão 2 Yuricys Sol que irão conduzir a missionária que irá representar a Divina, a mulher responsável pela incorporação do espírito de Yemanjá, Orixá de origem africana presente no panteão do Vale do Amanhecer. Também encontra-se junto de nós o mestre que irá assumir a posição do Ariano, figura que terá a responsabilidade de acompanhar a Divina, 1 Jaçanã e 3 Magos, a contar comigo. As 2 Yuricys que encontram-se próximo a minha pessoa são mulheres idosas, aparentemente encontram-se na faixa etária de 60 anos de idade. A Jaçanã é uma adulta de aparentemente 30 anos de idade e os Magos que irão junto de mim neste cortejo são jovens por volta dos 20 anos de idade. À nossa frente estão 26 pessoas que irão compor os 13 pares que serão conduzidos neste ritual de Cruz do Caminho, cada par é formado por 1 homem e 1 mulher, independente das idades que eles possuam. É possível observar que até este momento encontram-se 6 jovens, sendo 1 única jovem, 5 idosos, sendo 2 idosas e 15 adultos, sendo 10 mulheres adultas.

O mestre comandante do ritual não está neste recinto que é utilizado para a preparação da Cruz do Caminho. A missionária que irá representar a Divina está a trajar sua indumentária de Franciscana, Falange Missionária ao qual pertence, é um vestido marrom, com uma bata branca enfeitada com uma lua e estrelas prateadas bordadas, assim como uma cruz com sudálio bordada na cor dourada e lilás, em volta desta bata branca há um cordão marrom ao estilo franciscano. Muitos membros da comunidade possuem o costume de se reunirem do lado de fora do Castelo do Silêncio, portanto fui até a entrada deste recinto para observar quem se encontra do lado de fora à espera do ritual iniciar. Os componentes do lado de fora que irão compor a Corte são 1

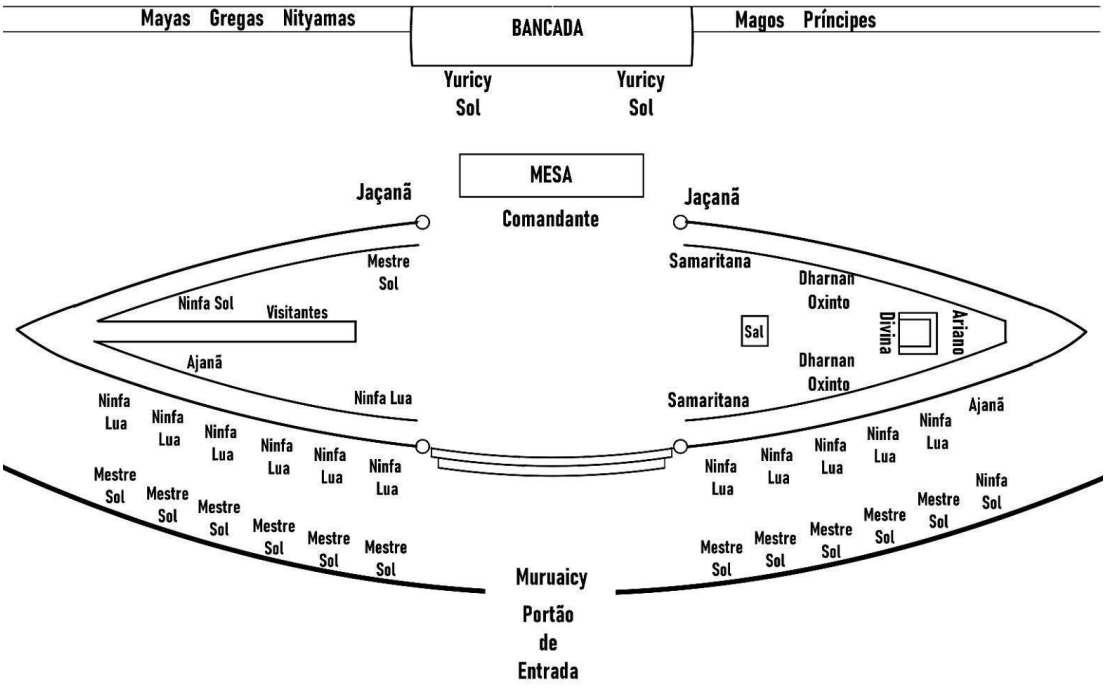
Samaritana jovem, 1 Nityama Madruxa adulta e 1 Nityama jovem, 1 Grega adulta, 1 Maya adulta e 2 Dharman Oxintos idosas. As Cortes são compostas pelas Samaritanas e as Falanges de Devas. Ao realizar a contagem da quantidade de pessoas presente no recinto observo que já há gente suficiente para realização do ritual. Aparentemente o comandante foi convidar uma missionária Muruaicy para cumprir a função de guarda dos portões da Cruz do Caminho. Ao passo que adentro o Castelo do Silêncio novamente logo em seguida o comandante adentra o recinto junto da missionária Muruaicy que irá participar do ritual. O comandante, diante da entrada do Castelo do Silêncio, pede para que todos os presentes no ambiente fiquem de pé e assumam suas posições. Os membros que irão compor os pares se posicionam do lado direito do Castelo, nós componentes da Corte da Corte assumimos nossas posições seguindo a lei da Cruz do Caminho. A Samaritana ao lado da Nityama Madruxa, a Nityama junto da Grega, 1 Mago ao lado da Maya, eu e o outro Mago, o Comandante junto do Ariano, a Divina acompanhada de 1 Yuricy Sol, a outra Yuricy Sol sozinha centralizada, 2 Dharman Oxintos juntas e por fim a Jaçanã e a Muruaicy. O comandante fez uma breve harmonização e deu voz de comando para iniciarmos o ritual. O mantra do ritual começou a ser entoado pelas missionárias em tom baixo e lentamente fomos caminhando em direção à parte evangélica do Templo. É possível observar que o par, composto pela Maya e o Mago, à minha frente enquanto o colectivo do ritual permanece a entoar o mantra sobre Mãe Yara. Lentamente passamos diante do radar de Pai João e adentramos a parte evangélica, neste momento só estão presentes na parte evangélica 3 senhores sentados nos faróis da mesa evangélica, ao passo que contornamos a mesa, cada componente vai fazendo uma reverência em respeito a imagem de Jesus presente na elipse, presa no centro da mesa evangélica.

Seguimos até os degraus da área do Aledá, subimos lentamente e cada um vai fazendo uma reverência no centro do Aledá, virado para o lado da Pira, e nos posicionamos mais à frente. Deste modo o Comandante e o Ariano ficaram de costas para a Corte, virando-se de frente para a Divina que estava no centro do Aledá, neste momento o cortejo continua entoando o mantra da Cruz do Caminho, enquanto a Yuricy Sol auxilia o Comandante a cruzar as atacas douradas, prendendo simbolicamente a Divina, em seguida o Comandante recebe auxílio da Yuricy Sol para cobrir a Divina com um véu de cor roxa. É possível perceber que apesar de todos os componentes deste ritual não estarem a conversar de forma paralela alguns membros, aparentemente, estavam com olhares dispersos, atentos ao movimento no interior do Templo. Com permissão do Comandante, vamos caminhando em direção à saída da parte evangélica do Templo, novamente passamos diante do Radar de Pai João, espaço sagrado onde cada membro do cortejo vai reverenciando, o mestre que estava sentado no Radar ficou de pé enquanto nós estávamos a passar. Ao passo que vamos caminhando àqueles que estão de fora do ritual vão gradativamente ficando de pé em respeito ao cortejo que vai passando no interior do Templo. Entre aqueles que não estão a participar do ritual encontram-se os adeptos do Vale do Amanhecer e os visitantes, há alguns visitantes que ficam a olhar atentos, observando as indumentárias e o cortejo em si. Continuamos a caminhar contornando o Templo, logo vamos passando diante do Castelo do Silêncio, a mesinha da Cura, a Cassandra das Samaritanas e a imagem do Pai Seta Branca, centralizado entre a Cassandra das Samaritanas e das Nityamas. Por respeito ao Pai Seta Branca, ali representado por sua imagem, cada membro da Corte vai reverenciando a imagem do líder espiritual da comunidade.

Seguimos, sempre em sentido horário, passando diante da entrada do Castelo da Junção, pelas imagens das Princesas da Cachoeira do Jaguar, o Castelo do Doutrinador. Vamos seguindo adiante da entrada do Castelo da Indução, do outro lado há a pia onde bebe-se a água do Templo, lá estavam duas crianças paradas a beber água enquanto olhavam a Corte passar. Ao chegarmos diante do Oráculo de Seta Branca, nós que vamos a conduzir o cortejo inteiro passamos pelos portões e realizamos, cada um, uma reverência em respeito ao Pai Seta Branca que encontra-se lá dentro e nos posicionamos um pouco adiante dos portões para que o Ariano conduza a Divina pela mão até o interior do Oráculo. Após os dois entrarem vamos nos direcionando para o recinto da Cruz do Caminhos, passando assim diante do espaço da Linha de Passes. Neste momento, a Corte de Devas divide-se, formando uma espécie de corredor, abrindo espaço para a Muruaicy passar e abrir os portões da Cruz do Caminho, realizando o ritual seguindo a lei do trabalho. Logo atrás da Muruaicy posicionou-se o Comandante e atrás dele todo o cortejo do ritual. É possível observar que um par está a conversar algum assunto aleatório que não diz respeito ao ritual, enquanto alguns membros estão a entoar o mantra do ritual outros permanecem calados. Após realizar sua emissão e canto a Muruaicy abre os portões da Cruz do Caminho e lentamente os membros do cortejo vão adentrando o recinto, o Comandante é o primeiro a entrar, em seguida as componentes da Corte que fazem parte das Falanges Missionárias e por último os 13 pares vão adentrando calmamente. Há mulheres a se abanarem com seus leques.

Quando o último par adentrou ao recinto da Cruz do Caminho a Muruaicy fechou os portões do ambiente e a Corte de Devas foi se reconstituindo tomando o caminho contrário em direção ao Oráculo. Enquanto nós estamos a entoar o mantra de Mãe Yara do lado de fora os componentes do ritual continuam a entoar o mesmo mantra no interior da Cruz do Caminho, ao passarmos diante na entrada do Oráculo cada um vai fazendo uma reverência e assumindo sua posição dentro da Corte. Neste momento nossa função é buscar a Divina e o Ariano, enquanto dentro da Cruz do Caminho a Jaçanã vai preparando os doutrinadores e doutrinadoras no recinto da Cruz do Caminho com as morsas. Ao reformularmos a Corte logo a Divina e o Ariano saíram do Oráculo e se encaixaram atrás de nós, vamos lentamente conduzindo-os até o Castelo da Cruz do Caminho, ao chegarmos na entrada a Muruaicy abre os portões para entrarmos. Nós seguimos e subimos os degraus à nossa frente, logo atrás de nós o Comandante recebe a Divina e a conduz até seu posto, na parte interna à direita da Cruz do Caminho.

FIGURA X: Mapa Cruz do Caminho



Fonte: o autor

Os homens Devas se destacam do lado direito da bancada da Cruz do Caminho, enquanto as mulheres Devas se posicionaram ao lado esquerdo da bancada. Nesta bancada encontra-se um castiçal com sete velas brancas, acesas pela Yuricy Sol, atrás das velas estão três imagens: Neiva com uma indumentária egípcia, Akhenaton e Tutankamon. Neste espaço estão posicionadas as duas Yuricys Sol, viradas para o lado do portão da Cruz do Caminho, diante delas está uma mesa coberta por uma toalha branca que será ocupada posteriormente pela Samaritana do ritual. O formato da Cruz do Caminho é uma elipse e no seu centro há 4 bancos circundados por uma armação de ferro bem alto, em sua volta há dois longos véus brancos com uma cobertura azul em tecido cetim. Facilmente identificamos o formato de um barco, fazendo alusão à Yemanjá, concebida como rainha dos Mares e senhora da Cruz do Caminho, do lado direito deste barco na sua ponta extrema está sentada a Divina e o Ariano atrás dela, ao lado da Divina encontra-se a Dharman Oxinto e mais adiante a Samaritana. Na ponta extrema esquerda estão 2 pares seguindo a hierarquia do Vale do Amanhecer, 1 mestre sol e 1 ninfa lua e na extremidade está 1 mestre lua e 1 ninfa sol. Na parte baixa da Cruz do Caminho estão os 11 pares, estando 5 pares do lado direito e 6 pares do lado esquerdo. No decorrer do ritual o Comandante deu sua voz de comando para o início do ritual no recinto da Cruz do Caminho ao passo que todos se concentraram ao cruzarem as morsas, neste momento um profundo silêncio tomou conta do ambiente, grande concentração é perceptível entre os membros dos pares, os médiuns de incorporação estão de olhos fechados e cabeças baixas enquanto os médiuns doutrinadores estão de olhos abertos, atentos.

Ao fim de 3 minutos o Comandante pede a atenção de todos para a incorporação de Yemanjá através da Divina, o Comandante destacou-se até a Divina e fez o convite ao espírito de Yemanjá que logo incorporou. A Yuricy Sol aos poucos foi convidando cada membro para que fosse possível ir até Yemanjá, por sua

representante, tomasse um pouco do sal e em seguida realizasse uma reverência para que em seguida retomasse sua posição inicial. É possível observar que neste momento alguns membros da Corte de Devas permanecem sustentando o mantra que se ouve dentro do recinto, porém há membros que estão sentados e calados. Após todos passarem pela Divina, o Comandante foi até ela e pediu a desincorporação, em seguida a Samaritana dirigiu-se até a mesa para servir a todos do vinho (suco de uva). De dois em dois todos vão sendo servidos pela Samaritana e retornando às suas posições iniciais, ao término desta etapa do ritual o cortejo se reúne novamente, porém formando-se no interior da Cruz do Caminho. Primeiro a Samaritana, Nityama Madruxa, Nityama, Grega, Maya, Mago, Mago e eu, logo atrás de nós vinha o Comandante junto do Ariano e a Divina acompanhada pela Yuricy Sol. A Muruaicy mais uma vez abre os portões e seguimos em retirada, ao passo que o último par sai do recinto da Cruz do Caminho a Muruaicy fecha os portões e assume sua posição diante da Corte. Realizamos aos poucos o mesmo trajeto de volta e por fim encerramos dentro do Castelo dos Devas. O Comandante agradece a presença de todos e há a dispersão dos componentes do ritual.

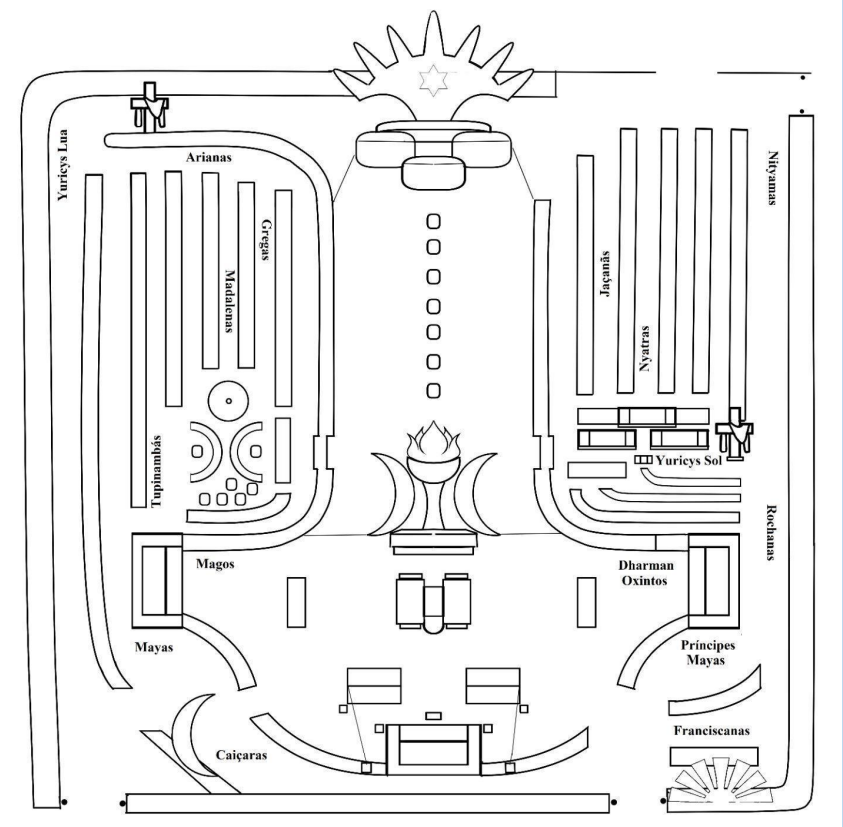
Registo de Ritual de Reunião de Falange Missionária / Vale do Amanhecer em 20 de março de 2022

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Domingo
- Horas de observação: 1h
- Espaço do dia observado: Manhã
- Data do preenchimento das observações: 20.03.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Interior do Ritual

10h00. Já contam às 10h do Domingo e estou no interior do Turigano, por se tratar do 3° Domingo do mês é dia de realizar as reuniões de Falange missionária. Estou trajando minha indumentária de Mago e vou participar da reunião dos Magos missionários, o local que foi escolhido pelo Regente para realização da reunião é no interior do Turigano ao lado da Chama da Vida, acredito que o lugar é afetivo devido o intenso contato dos Magos com o ritual da Chama da Vida. Junto a mim encontram-se o Regente dos Magos, 4 Magos Lua e 3 Magos Sol, todos são centuriões, em contrapartida estão presentes 5 Magos adolescentes e 7 Magos crianças, comumente chamados de pajézinhos. Para iniciar o ritual da reunião o Regente da Falange levantou-se e fez um momento de harmonização, pediu que cada um ali presente, incluindo as crianças, fechassem os olhos e mentalizassem a imagem do menino Jesus e dos Três Reis Magos de Luz, mentores responsáveis pela Falange dos Magos e por cada um ali presente, em seguida ergueu os braços fazendo ângulo de 90° e em tom calmo fez a sua emissão e procedeu com a abertura da reunião, repetindo as palavras que se dizem para o início de muitos rituais. Após abrir a reunião o Regente invocou o Canto dos Magos e todos, inclusive eu, nos colocamos de pé com os braços erguidos, formando ângulo de 90°, em forma de respeito para acompanharmos o Canto e repetindo em uníssono. Após a abertura da reunião todos nós sentamos e o Regente começou a falar sobre as escalas da Falange perante os rituais do Templo, do Turigano, do Quadrante e da Estrela Candente, reafirmou a importância dos Magos em relação ao cotidiano da própria comunidade e seu funcionamento. Relembrou que das 21 Falanges somente 4 estão presentes diariamente nas atividades ritualísticas, nomeadamente os Magos, Nityamas, Samaritanas e Yuricys Sol. Em seguida o Regente pediu voluntários para o preenchimento das vagas nos rituais, foram necessários Magos para preenchimento da escala principal da Falange a Chama da Vida, na Entrega das Energias, que acontece diariamente, Cruz do Caminho, às quartas, sábados e domingos, Quadrante, aos sábados, e Aramê após o trabalho de Prisão. Cada Mago pôde centurião teve seu momento de fala, onde pôde escolher suas escalas e falar a respeito dos rituais em si.

FIGURA X: Mapa do Turigano



Fonte: o autor

Após a realização da escala, o Regente tratou da responsabilidade face ao cumprimento das escalas e da importância dos Magos pajezinhos na realização das Côrtes de Entrega de Energias e a Côrte de Maria Lopes, que acontece todos os sábados. Um assunto específico tratado foi a presença dos Magos na Bênção do Ministro, ritual mensal que ocorre todo primeiro domingo do mês. Ao passo que o Regente vai explanando os assuntos doutrinários todos prestam atenção, apesar das crianças desviarem o olhar e repetidas vezes começarem a conversar entre si, atitude que fez o Regente pedir um pouco mais de atenção em relação às crianças.

Para melhor envolver as crianças na reunião, após relembrar da importância da presença de cada uma nos rituais de Côrte o Regente com ajuda dos mais velhos começou a conversar com as crianças, perguntando sobre o dia a dia na comunidade, como estava o andamento na escola e logo o que parecia uma reunião muito fechada foi tornando-se em um espaço de partilha, onde foi possível ouvir o riso das crianças e também dos adultos. Em nossa volta estavam diversas Falanges missionárias realizando, também, as suas próprias reuniões, porém sempre que passava alguém pelo corredor do Turigano havia uma comunicação com os Magos, sorrisos, algum comentário em relação a alegria dos Magos, assunto que o Regente retomou, passando a palavra para o pequenos pajés que se expressaram em relação às suas atividades ritualísticas e compromissos. Para encerrar o ritual de reunião o Regente dos Magos mais uma vez ficou de pé e procedeu com o encerramento do ritual.

Após o término as crianças foram as primeiras a saírem correndo pelo Turigano, trajando suas indumentárias de Mago, em seguida os jovens e adultos saíram do Turigano conversando.

Registo de Ritual de Abatá / Vale do Amanhecer em 11 de abril de 2022

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Segunda
- Horas de observação: 30 min
- Espaço do dia observado: Tarde
- Data do preenchimento das observações: 11.04.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Interior do Ritual

16h30. Fui convidado para participar do Abatá das Nityamas e aproveitei a oportunidade para realizar esta observação participante. Por se tratar de um sábado é um dia propício para realização dos Abatás de Falange Missionária, as Nityamas reuniram 5 jovens, 1 Mago que sou eu e 1 Trino Solitário, um senhor de mais idade trajando sua indumentária de jaguar. Neste momento, devido aos rituais de Imunização e a Côrte de Maria Lopes que está a acontecer no interior do Templo, só há 3 Ciganas Taganas sentadas ao lado do Turigano a conversar, uma delas está a fumar. A Nityama comandante do Abatá nos convidou a ficarmos reunidos em frente à entrada do Turigano, rapidamente assumimos nossas posições, eu me coloquei à direita da Nityama comandante, atrás de nós estava outro par, formado por uma Nityama Lua e o Trino Solitário à direita, logo atrás estavam duas Nityamas Sol e uma Nityama Lua ao centro. Após nos organizarmos a comandante do Abatá fez uma breve harmonização invocando a presença e proteção de Madruxa e Magdala, as protetoras da Falange de Nityamas. Em seguida desejou sorte e começou a entoar um mantra, seguindo em direção à porta da esquerda do Turigano, enquanto eu e o Trino Solitário seguimos em direção à porta da direita. Ao entrarmos no Turigano retiramos as correntes que protegem o recinto do sal e do perfume, eu e a comandante nos encontramos diante da Chama da Vida e fazemos uma reverência, o mesmo acontece com os outros pares que vem logo atrás de nós. Ao realizarmos a reverência a comandante segue pela esquerda e eu sigo pela direita, para podermos nos encontrar do lado de fora, local onde paramos para esperar que todos os outros chegassem até ali na formação de um cortejo.

Este ritual de Abatá foi determinado que seria realizado ao lado do Turigano devido o horário, desse modo fomos nos encaminhando para o local de preferência da Comandante que eu estou a acompanhar, ao pararmos no local de sua preferência a Comandante pede que o Trino Solitário e sua companheira parem há uns 15 metros de distancia de nós, em seguida convida as outras 3 Nityamas a se organizarem nas laterais

formando deste modo uma elipse no chão. A Comandante inicia sua emissão, enquanto isto o Trino e sua companheira, no ritual, estão de pé em silêncio e de olhos fechados, a concentração é importante para a realização deste tipo de ritual, dada a condição que eles são realizados em qualquer espaço da comunidade e os movimentos no entorno do ritual podem atrapalhar seu funcionamento. Observo que as Nityamas que estão sozinhas estão quietas, 1 delas olha o movimento dos carros na única faixa de alcatrão que existe na comunidade. Após a emissão a Comandante realiza o Canto específico da Comandante do Abatá e pede para que eu faça minha emissão e meu Canto de Mago, é um momento muito específico e eu fecho meus olhos para me concentrar e estar em contacto com o sagrado neste momento. Após minhas falas, a Comandante pede que o Trino seguido de sua companheira façam emissões e Cantos. No momentos no qual a Nityamas faz seu Canto da Falange, todas as Nityamas corrigem suas posturas ficando eretas e atentas, 1 delas balbuciando está a acompanhar as falas que a Nityama está a dizer, em seguida são convidadas as Nityamas sozinhas a realizarem suas emissões e os Cantos da Nityama.

É possível observar que a última Nityama que está a emitir o Canto de sua Falange se emociona ao emitir tais palavras e com a voz embargada vai de modo muito devagar finalizando o Canto das Nityamas Centuriãs, dada a emoção de umas das componentes a Comandante fez um agradecimento ressaltando a presença dos mentores espirituais da Falange, falando em Magdala, Madruxa, nos Três Reis Magos e na força sagrada dos Devas do Espaço, ao agradecer colectivamente a Comandante foi em direção à Nityama que se emocionou e a abraçou, mesmo estando as duas de indumentária de Falange. O Trino dirigiu-se de volta para o Turigano e as 2 Nityamas restantes começaram a conversar.

Registo de Ritual de Corte das Falanges de Devas / Vale do Amanhecer em 16 de abril de 2022

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Sábado
- Horas de observação: 20min
- Espaço do dia observado: Tarde
- Data do preenchimento das observações: 16.04.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Interior do Ritual

16h00. A Côrte dedicada ao Devas, comumente chamada "Corte de Maria Lopes", acontece semanalmente aos sábados. A responsável por este ritual e sua condução é uma Yuricy Sol de aproximadamente 75 anos de idade, semanalmente reúnem-se crianças e jovens pertencentes à Falanges de Devas para realização deste ritual. Estou trajando minha indumentária de Mago e ao chegar ao Castelo do Devas logo vejo a senhora Maria Lopes, sentada no longo branco que encontra-se de frente à entrada do Castelo dos Devas. Maria Lopes está a trajar a sua indumentária de Yuricy Sol, um vestido longo preto com um imenso sol bordado em lantejoulas douradas brilhantes. Maria Lopes não faz uso de maquilhagem e usa o cabelo preso para trás, junto si estão 2 Magos que aparentam ter 14 ou 15 anos de idade. Há um grupinho de 4 Nityamas jovens mais adiante, conversando entre si, as garotas estão a trajar suas indumentárias, porém nenhuma delas está com a face coberta por seu véu, todas as 4 jovens fazem uso de maquilhagem nos olhos, na face e batom avermelhado, usam brincos e uma delas possui um colar. 1 Príncipe jovem que aparenta ter seus 14 anos aproxima-se de Maria Lopes com um copo com água. Dentro do Castelo dos Devas encontram-se 2 Gregas Sol jovens, aparentando ter seus 15 anos de idade, elas estão sentadas e conversando entre si, portando, cada uma uma lança ereta em sua mão direita, e seus vestidos brancos e longos com um enorme Sol bordado em lantejoulas douradas. Há 3 Magos mais novos, aparentando ter entre 10 e 11 anos, eles estão a correr entre os bancos do Castelo dos Devas, um deles balança a sua capa azul de Mago como se fosse um personagem de desenho animado.

Maria Lopes levanta-se e convida todos os que estão fora a entrarem para o recinto do Castelo dos Devas, do lado de dentro forma-se uma fila dupla, primeiro organizam-se as 4 Nityamas, formando 2 duplas, em seguida as 2 Gregas Sol. Maria Lopes ao perceber que estão presentes 6 Magos, pediu para que os mais velhos, cada um, acompanhasse um Mago mais novo, para que assim não houvesse tanta distração entre os mais jovens entre si. O horário que este ritual, mais voltado para as crianças decorre antecede o ritual de Imunização, dada esta consideração é possível compreender o motivo pelo qual é um ritual significativamente rápido para as crianças e jovens. Maria Lopes, posiciona-se no último lugar da fila, respeitando sua posição diante da ordem

da chamada das Falanges Missionárias, o objetivo deste ritual é dar uma volta completa no interior do Templo, sem entrar dentro dos castelos doutrinários, nem mesmo na parte evangélica, é uma espécie de limpeza energética no interior da área templária. Ao comandar de Maria Lopes vamos seguindo saindo do interior do Castelo dos Devas e indo em direção à imagem do Pai Seta Branca, as crianças invariavelmente estão a se movimentar com agitação, balançando suas capas de Mago, as garotas por seu turno são mais compenetradas, carregando inclusive, cada uma um pequeno livreto onde estão discriminados os cantos do Vale do Amanhecer que hão de ser entoados por elas e por Maria Lopes, que está atenta à movimentação dos garotos.

Ao passo que o cortejo vai se locomovendo é possível observar que um dos Magos trouxe consigo em seu bolso um pequeno de carro de brinquedo e paralelamente à atividade ritualística esta criança parece imersa em seu próprio universo a brincar com seu carro, que aparentemente está flutuando enquanto o cortejo vai se locomovendo e realizando a limpeza energética no templo. Parece estranho perceber como é natural para as jovens o processo do sagrado, onde cada uma assume uma postura diante do ritual e isso parece não se repetir com os jovens que estão a cochichar e rir-se, mesmo durante a supervisão dos Magos menores. Maria Lopes, devido ao tempo que conduz este ritual e sua idade avançada, já não possui mais força em sua voz, sendo impossível impô-la de um modo que as crianças possam ser chamadas à atenção. As pessoas que transitam no interior do Templo param para contemplar a corte dos Devas a passar, é algo atípico que consegue incluir as crianças e os adolescentes no meio ritualístico no interior do Templo. O percurso no interior do Templo é realizado com grande auxílio das jovens Nityamas que conduziam os cânticos, enquanto os Magos possuíam uma interacção muito própria à revelia da vontade de Maria Lopes, ao chegarmos no ponto de partida, ou seja, diante do Castelo dos Devas, Maria Lopes liberou as crianças para irem para o recinto do Turigano para poderem passar na condição de pacientes no ritual de Imunização que já estava a decorrer.

Registo de Ritual de Entrega de Energias - Chama da Vida / Vale do Amanhecer em 28 de abril de 2022

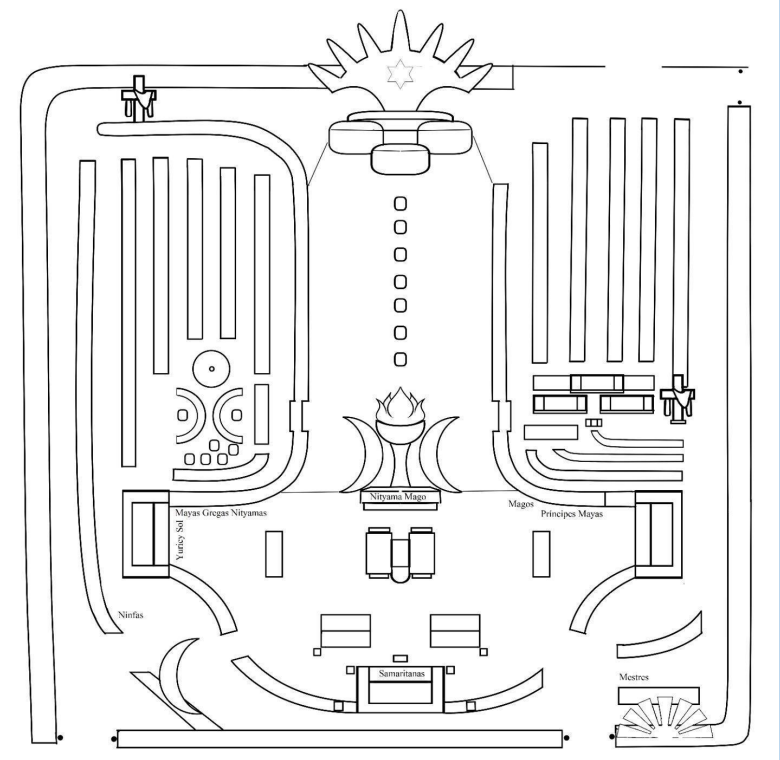
Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Quinta
- Horas de observação: 1h30min
- Espaço do dia observado: Noite
- Data do preenchimento das observações: 28.04.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Interior do Ritual

19h10. Estamos de frente ao Castelo do Silêncio, estou trajando minha indumentária de Mago, junto de mim estão a Nityama, uma jovem da minha idade, duas Samaritanas idosas, uma Yuricy Sol, idosa, somos os responsáveis para compor a Côrte da Entrega de Energias. Durante este horário os outros rituais internos estão a acontecer, ouve-se muito barulho, muitas vozes no interior do Templo. Está a decorrer o ritual da Mesa Evangélica, no interior da parte evangélica, encontram-se 3 doutrinadores nos faróis, 7 aparás sentadas à mesa, 4 doutrinadores a doutrinar e 1 comandante. No recinto dos Tronos, logo à nossa frente, estão 6 tronos ocupados por pares de doutrinadores e aparás, há 1 comandante de pé a tomar conta deste setor ritualístico e aproximadamente 30 visitantes estão à espera de atendimento nos Tronos. Entre os visitantes estão homens e mulheres, 4 crianças, 2 garotas jovens, 1 garoto jovem, 8 mulheres adultas, 7 homens adultos, 5 homens idosos e 3 mulheres idosas. Há movimentação de pessoas uniformizadas no interior do Templo. No setor do radar encontra-se 1 comandante sentado. A recepcionista responsável por conduzir a Côrte até o recinto do Turigano aprontou-se e convidou nosso pequeno grupo a ficar de pé e formar um cortejo. A recepcionista está vestida com uma indumentária de ninfa sol azul escuro, tem os cabelos presos para trás e usa maquilhagem na face, faz uso de brincos e um pequeno colar. As Samaritanas são senhoras que usam o cabelo amarrado para trás, isso aparenta facilitar a utilização do pente preso ao cabelo, elas não fazem uso de maquilhagem ou adereços junto a indumentária. A jovem Nityama faz uso de maquilhagem, um penteado laqueado junto de sua tiara com o véu que cobre sua face, a Yuricy Sol é uma senhora de cabelo branco curto, possui brincos pequeninos dourados e faz uso de máscara descartável de proteção.

A formação do cortejo dá-se com a recepcionista à frente, as duas Samaritanas ladeadas, a Nityama à minha direita e a Yuricy Sol atrás de nós de modo centralizado. A recepcionista começou a entoar um mantra e as senhoras da Corte começaram a acompanhar o cântico, enquanto vamos caminhando lentamente em direção ao portão que dá acesso ao Turigano, recinto anexo ao Templo.

FIGURA X: Mapa do Turigano



Fonte: o autor

Ao chegarmos no Turigano a Corte divide-se em duas, a Nityama vai pelo lado direito e eu vou pelo lado esquerdo, seguindo a Samaritana que vai á frente e conduzindo os demais componentes deste cortejo, já no recinto do Turigano encontram-se os membros que compuseram o ritual de Estrela Candente, Quadrante e Pirâmide. Ao nos depararmos com o Comandante da Estrela Candente no recinto logo a Samaritana assumiu sua posição dando início, oficialmente, ao Ritual realizando sua emissão e canto da Falange, ao passo que isto acontece a recepcionista nos convida, a mim e a Nityama, a nos servirmos de sal e perfume para adentrarmos o recinto da Chama da Vida. A Chama da Vida é mesmo um cálice de concreto pintado com luzes flamejantes que simbolizam uma Chama, somos partícipes fulcrais para este ritual, primeiro a Nityama realiza sua emissão e canto no microfone, sua voz um pouco trêmula ecoa nas caixas de som do Turigano, enquanto a Nityama está a realizar seu ritual há grande movimentação no interior do Turigano, conversações, pessoas a mexer nos telemóveis e fora do Turigano, onde muitos encontram-se a fumar enquanto conversam. Após emissão e canto da Nityama ela me passa o microfone, costumeiramente realizo minha emissão e canto de olhos fechados, é a melhor maneira de concentração, porém com tanto barulho é difícil concentrar-me direito, calmamente tento realizar minha função diante do ritual e em seguida acendo a luz que existe na Chama, simbolizando que é possível a passagem daqueles que se encontram no recinto, vindos do Reino Central, e devem passar por aquela Chama para entregar, simbolicamente, suas energias.

Registo de Ritual de Imantração / Vale do Amanhecer em 30 de abril de 2022

Dados relativos às observações

- Nomes dos observadores: Yatan Alves
- Dia de semana: Domingo
- Horas de observação: 30min
- Espaço do dia observado: Tarde
- Data do preenchimento das observações: 30.04.2022
- Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Interior do Ritual

16h30. O dia está bastante quente e somos apenas 7 componentes para realização da Corte de Imantração. Estamos concentrados diante da imagem de Pai Seta Branca. Todas as missionárias portam suas lanças, envergadas verticalmente, estão diante de minha pessoa 2 Samaritanas, 1 Nityama, 1 Yuricy Sol, 1 Cigana Aganara e 1 Nyatra, estamos a espera do mestre Filho de Devas que irá conduzir o cortejo pelas ruas da comunidade. Eu estou sentado diante da imagem de Pai Seta Branca, é possível identificar que somente a Nityama é jovem, aparentando ter aproximadamente a minha idade, as missionárias são senhoras que, provavelmente, já possuem mais de 60 anos. Eu por ser homem não conduzo uma lança e encontro-me trajando minha indumentária de Mago, o que possibilita que eu esteja participando deste ritual. O mestre Devas que veio conduzir o cortejo está trajando seu uniforme de Jaguar e utilizando sua capa de Filho de Devas.

O mestre gentilmente nos cumprimentou de modo colectivo e convidou-nos a ficarmos todos de pé e juntos diante do Pai Seta Branca registrarmos nossas emissões. Como eu estou no ritual, porém realizando a observação participante, eu fiz minha emissão observando as senhoras próximas a mim, estão todas com os braços erguidos, no que comumente é chamado na comunidade de “posição de antenas”, os braços formam um ângulo de 90º enquanto seguram suas lanças e vão murmurando as suas emissões, este processo demora por volta de uns 4 minutos e um certo burburinho é possível ouvir, para aqueles que passam ali perto. Como todos já fizeram suas emissões, o mestre Devas pede a formação do cortejo respeitando a ordem das Falanges Missionárias. As 2 Samaritanas destacam-se logo atrás do Devas, em seguida a Nityama à minha esquerda, logo atrás de nós encontra-se a Yuricy Sol à direita da Cigana Aganara e de modo central no fim da corte posicionou-se a Nyatra. O cortejo formou-se virado para o lado direito do Templo, sentido normal de movimentações, e lentamente fomos caminhando de modo compassado entoando os mantras do Vale do Amanhecer, mantras típicos dos rituais da comunidade. Ao passarmos pelos quadros das entidades é possível identificar que as senhoras que vão à minha frente fazem reverências para os quadros pendurados nas paredes

coloridas. Por se tratar de um Domingo às 16h30 o interior do Templo encontra-se vazio, pois somente às 17h é que se vão aglutinando aqueles que pretendem participar do ritual chamado Contagem.

Levando em consideração que o cortejo é formado em sua maioria por senhoras de mais idade o mestre Devas optou por realizarmos a Imantração somente no lado direito da comunidade, também considerada a parte mais periférica, ao passo que saímos do Templo é possível identificar o cuidado que as senhoras Samaritanas possuem com suas indumentárias, sempre cuidadosas com a barra do vestido laranja. A Nityama, jovem, que encontra-se ao meu lado tenta encabeçar uma conversa a respeito do que estou fazendo com um caderno na mão e em tom de cochicho eu explico que na verdade estou a tomar nota de tudo o que se passa na realização daquele ritual, inclusivamente a nossa breve conversa e que na verdade aquilo que eu portava nas mãos era o meu diário de campo. Rapidamente a jovem envergonha-se por acreditar que estava a atrapalhar o meu trabalho académico e sorrindo sem graça pediu desculpas, estas que aceitei e expliquei que não havia problema algum, o Devas que conduz a corte aparentemente não entoar os mantras, responsabilidades que recaem sobre as missionárias mais velhas, tendo em vista que a jovem Nityama pouco canta e muito observa as pessoas que vão passando pelas ruas de terra batida. É interessante observar que enquanto nós estamos de indumentária passam por nós pessoas vestidas em roupas comuns que vão caminhando em direção ao templo. O ambiente que se apresenta diante de nós é um local cheio de pedras, estrada de terra e vegetação verde. Logo adiante encontram-se as primeiras casas localizadas próximas ao Templo. Por se tratar de um ritual mensal as pessoas que se encontram em casa não se espantam com nossa presença, à passos vagarosos entoando o mesmo cântico de modo não tão uníssono. Em uma das casas à minha direita encontra-se o sr Ailton, um veterano da comunidade, que levanta-se em respeito ao cortejo que vai passando diante de sua morada.

Ao atravessarmos lentamente esta pequena rua, descemos no sentido à direita e logo damos meia volta em sentido anti-horário para podermos seguir adiante da rua que estende-se face uma longa ladeira de terra batida. Algumas pessoas saem de suas casas trajando seus uniformes de jaguares. Seguimos lentamente subindo a ladeira à nossa frente. Observo que as senhoras Samaritanas por já terem a idade um tanto avançada, vão subindo vagarosamente a ladeira que quase parece um morro apoiando-se em suas lanças, usando-as como aparato ou bengala, as vozes vão ouvindo-se mais baixinhas, pois o fôlego vai fugindo ao passo que fazemos esforço para seguir a jornada enquanto emantramos. São muitas casas do lado direito e esquerdo, no topo da ladeira, seguimos à direita passando por trás do sítio do Pequeno Pajé, na rua entre as costas do Templo e as costas do Quadrante, na área que encontra-se a Pirâmide. É possível observar que a Yuricy que segue logo atrás de mim parou de entoar os mantras, pois colocou um rebuçado em sua boca e o mesmo a impede de continuar cantando. Porém as duas senhoras Samaritanas de mais idade, esforçam-se, para seguir caminhando e entoando os mantras. O ritual de Imantração é um ritual externo que tem por maior finalidade realizar uma limpeza espiritual nas ruas da comunidade, muitas vezes o cortejo acontece com o mínimo de pessoas suficientes, que é o nosso caso, pois somos apenas 7 missionários trajando indumentárias de Falange.

A comunidade é muito extensa em questão territorial e possui moradias em toda parte, por se tratar de um cortejo formado por uma maioria de mulheres adultas de mais idade foi preferível, por parte do Mestre Devas, realizar o cortejo somente no equivalente ao quadrante direito inferior da comunidade, que provavelmente contempla 30 moradias. Ao passo que vamos caminhando, mais pessoas vão se destinando ao Templo, é possível ver algumas crianças a brincar na pracinha da comunidade, um bocado distante de nós, vamos descendo pelo lado esquerdo do Templo vagarosamente e logo adentramos os portões do Turigano, onde muitas pessoas encontram-se sentadas do lado de fora a fumar, conversar, todos vestidos de uniforme de Jaguar e algumas missionárias, que provavelmente estão a participar da Estrela Candente. Ao passarmos pelo Turigano há alguns degraus a nossa frente, onde rapidamente disponho-me a ajudar a jovem Nityama a subir sem necessitar erguer a barra de seu vestido, de todas as missionárias somente a Nityama encontra-se com sua face coberta pelo véu que carrega em sua tiara dourada. Já dentro do Templo encontram-se algumas pessoas sentadas nos bancos brancos, estes vão nos acompanhando em relação ao mantra e assim o som de nossas vozes parece ser melhor ouvido. Ao passarmos pelo Radar de Pai João, ponto central do Templo, todos fazem reverência à imagem de Pai João de Enoque, inclusive o Mestre Devas, mais uma vez deparamo-nos diante da imagem de Seta Branca e a pedido do Devas, ficamos todos lado a lado diante da imagem do Índio, mais uma vez registamos nossas emissões e finalizamos este ritual, o Devas agradece e rapidamente sai para outro recinto. As Samaritanas param para agradecer a todos nós que compusemos o cortejo e logo começam as duas a conversar, enquanto as outras mulheres se dispersam pelo Templo, são as únicas portadoras de Lança naquele espaço.

Anexo 5 Falanges Missionárias

Samaritana



Nityama



Nityama Madruxa



Mago



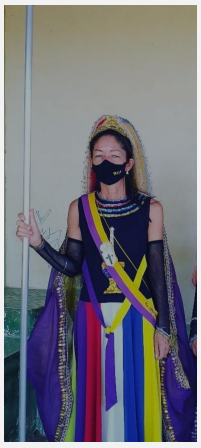
Grega Lua



Grega Sol



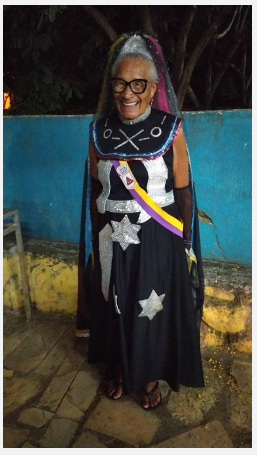
Maya



Príncipe Maya



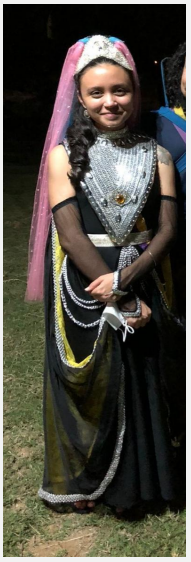
Yuricy Lua



Yuricy Sol



Dharman Oxinto



Muruaicy



Jaçanã



Ariana da Estrela Testemunha



Madalena de Cássia



Franciscana



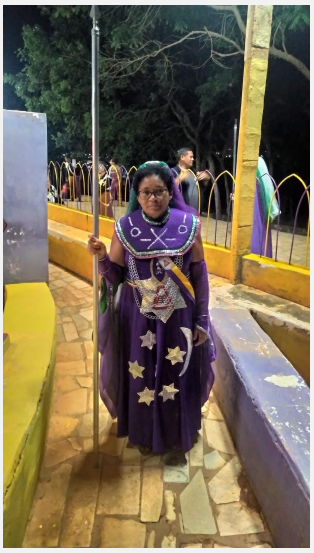
Narayama



Rochana



Cayçara



Tupinambá



Cigana Aganara



Cigana Tagana



Agulha Ismênia



Nyatra



Fonte: o autor

Anexo 6 Mapeamento do Vestuário do Vale do Amanhecer Masculino

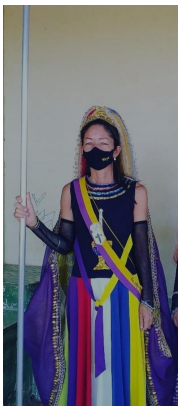
		Composição	Cores	Artefactos	Imagem
Uniformes	Branquinho	Jaleco Branco; Calça Social Preta; Cinto; Sapatos Social ou Sandálias de Couro	Branco; Preto; Amarelo; Lilás	Colete; Fita	
	Jaguar	Camisa Social Preta; Calça Social Castanha; Cinto; Sapatos Social ou Sandálias de Couro	Preto; Castanho; Branco; Amarelo; Lilás	Colete; Fita; Morsas	
Indumentárias	Mago	Camisa Azul Escuro; Calça Social Castanha; Cinto; Sapatos Social ou Sandálias de Couro	Azul; Castanho; Preto; Branco; Amarelo; Lilás; Vermelho	Capa; Radar Bordado; Fita	
	Príncipe Maya	Camisa Amarela; Faixa Vermelha; Calça Social Castanha; Cinto; Sapatos Social ou Sandálias de Couro	Amarelo; Vermelho; Castanho; Amarelo; Lilás; Preto; Branco; Verde	Capa; Fita	

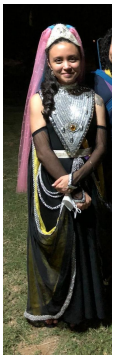
	Jaguar	**Camisa Social Preta; Calça Social Castanha; Cinto; Sapatos Social ou Sandálias de Couro**	**Preto; Castanho; Branco; Amarelo; Lilás; Verde**	**Capa; Colete; Fita; Morsas**	 
	Angical	**Camisa Social Quadriculada/Xadrez; Calça Social Castanha; Cinto; Sapatos Social ou Sandálias de Couro**	**Colorido Diverso; Preto; Castanho; Branco; Amarelo; Lilás;**	**Fita; Plaquinha de Identificação do Mentor Espiritual**	
	Prisioneiro	**Camisa Social Preta; Calça Social Castanha; Cinto; Sapatos Social ou Sandálias de Couro**	**Preto; Castanho; Amarelo; Lilás**	**Ataca; Morsas; Caderno de Bônus**	

Fonte: o autor

Anexo 7 - Mapeamento do Vestuário do Vale do Amanhecer Feminino

		Composição	Cores	Artefactos	
Uniformes	Branquinho	Vestido Longo Branco; Sandálias/Salto Alto	Branco; Amarelo; Lilás	Colete; Fita	
	Jaguar	Camisa Preta; Camisa de Renda Preta; Saia Longa Castanha; Cinto; Sandálias/Salto Alto	Preto; Castanho; Branco; Amarelo; Lilás	Colete; Fita; Morsas	
Indumentárias	Samaritanas	Vestido Lilás; Sandálias/Salto Alto	Lilás; Laranja; Preto; Branco; Prata; Dourado; Vermelho; Verde;	Pente; Fita; Capas; Luvas; Bata com Cinto, Ânfora, Sol e Raios do Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)	
	Nityamas/ Nityamas Madruxas	Vestido Preto com Saia Amarela, Azul, Vermelha e Branco; Sandálias/Salto Alto	Preto; Vermelho; Branco; Azul; Amarelo; Lilás; Prata/Dourado	Tiara com Véu; Fita; Capas; Luvas; Chama e Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Cinto com Correntes; Lança (Ocasionalmente)	

				
Gregas Lua/ **Gregas Sol**	**Vestido Branco/Verde Água; Sandálias/Salto Alto**	**Branco/Verde Água; Lilás; Amarelo; Preto; Prata/Dourado**	**Pente; Fita; Capas; Luvas; Sol Bordado/Lua e Estrelas Bordadas; Lança**	 
Mayas	**Vestido Preto com Saia Lilás, Vermelho, Branco, Azul e Amarelo; Sandálias/Salto Alto**	**Preto; Vermelho; Branco; Lilás; Amarelo; Azul; Prata/Dourado**	**Pente; Fita; Capas; Luvas; Cálice e Seta Bordados/Seta com Lua Bordadas; Lança (Ocasionalmente)**	
Yuricys Lua/ Yuricys Sol	**Vestido Preto; Sandálias/Salto Alto**	**Preto; Branco; Lilás; Amarelo; Prata/Dourado**	**Pente; Gola Bordada; Fita; Capas com Morsa/Morsa e Lua Bordadas; Luvas; Sol Bordado/Lua, Raios do Sol Prata e Estrelas Bordados; Lança**	

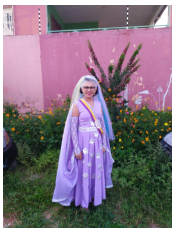
			(Ocasionalmente)	
Dharman Oxintos	Vestido Preto; Sandálias/Salto Alto	Preto; Branco; Lilás; Amarelo; Prata/Dourado	Pente; Cabala Bordada Prata/Dourada; Fita; Capas; Luvas; Cinto com Correntes; Lança (Ocasionalmente)	
Muruaicys	Vestido Branco; Sandálias/Salto Alto	Branco; Vermelho; Rosa; Lilás; Amarelo; Preto; Prata/Dourado	Pente; Fita; Capas com Cruz de Ansata Bordadas; Luvas; Bata com Cinto, Correntes e Brasão com a Chama da Vida, Sol Bordados; Lança (Ocasionalmente)	
Jaçanãs	Vestido Preto; Sandálias/Salto Alto	Preto; Vermelho; Branco; Lilás; Amarelo; Verde; Rosa; Prata/Dourado	Pente com Fitas de Cetim; Fita; Capas; Luvas; Bata com Cinto, Cabala Prata e Dourado, Sol Bordados/ Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)	
Arianas da Estrela Testemunha	Vestido Preto; Sandálias/Salto Alto	Preto; Vermelho; Verde; Rosa; Branco; Lilás;	Pente; Fita; Capas; Luvas; Bata com Cinto e Correntes,	

		Amarelo; Prata/Dourado	Triângulo do Apará com Morsa/Evangelho e Nove Raios Coloridos, Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)	
Madalenas	Vestido Preto; Sandálias/Salto Alto	Preto; Branco; Lilás; Amarelo; Rosa; Prata/Dourado	Pente com Véu; Fita; Capas; Luvas; Bata com Cinto, Cabala com Cálice e Seta, Três Raios do Sol Bordados/Três Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)	
Franciscanas	Vestido Castanho Sandálias/Salto Alto	Branco; Castanho; Lilás; Amarelo; Preto; Prata/Dourado	Pente; Fita; Capas; Luvas; Bata com Morsa, Sol e Raios do Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Cordão de São Francisco; Lança (Ocasionalmente)	
Rochanas	Vestido Vermelho; Sandálias/Salto Alto	Vermelho; Branco; Lilás; Amarelo; Preto; Prata/Dourado	Pente; Fita; Capas com Radar Bordados; Luvas; Renda Vermelha presa ao Sol e Raios do Sol Dourado e Lilás Bordados/Lua, Estrelas e Raios do Sol Prata e Lilás Bordadas;	

			Lança (Ocasionalmente)	
Narayamas	Vestido Preto; Sandálias/Salto Alto	Preto; Rosa; Branco; Lilás; Amarelo; Prata/Dourado	Pente; Fita; Capas; Luvas; Bata com Gola, Cinto e Correntes, Brasão com a Inscrição “KOATAY 108”, Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)	
Cayçaras	Vestido Lilás; Sandálias/Salto Alto	Lilás; Preto; Branco; Amarelo; Vermelho; Azul; Prata/Dourado	Pente; Gola Bordada; Fita; Capas; Luvas; Correntes; Estrela com Triângulo do Apará com Morsa/Evangelho e Elipse presas ao Cinto Bordadas; Sol Bordado/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)	
Tupinambás	Vestido Azul; Sandálias/Salto Alto	Azul; Preto; Branco; Amarelo; Lilás; Vermelho; Prata/Dourado	Pente; Fita; Capas; Luvas; Bata com Cinto, Imagem do Pai Seta Branca, Sol e Raios do Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)	

Ciganas Aganaras	**Vestido Preto com Saia Amarela, Lilás, Vermelha e Verde; Sandálias/Salto Alto**	**Preto; Verde; Branco; Amarelo; Lilás; Vermelho; Azul; Prata/Dourado**	**Pente; Gola Bordada; Fita; Capas; Luvas; Sol e Raios do Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)**	
Ciganas Taganas	**Vestido Verde com Preto; Sandálias/Salto Alto**	**Verde; Preto; Branco; Amarelo; Lilás; Vermelho; Rosa; Prata/Dourado**	**Pente; Gola Bordada; Fita; Capas; Luvas; Correntes; Cálice preso ao Cinto Bordados; Sol Bordado/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)**	
Agulhas Ismênias	**Vestido Branco; Sandálias/Salto Alto**	**Branco; Amarelo; Lilás; Vermelho; Rosa; Azul; Verde; Prata; Dourado**	**Pente com Trança de Linhas Coloridas; Fita; Capas; Luvas; Cinto Bordado; Hieróglifos, Sol e Raios do Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas; Lança (Ocasionalmente)**	

Nyatras	**Vestido Preto;** **Sandálias/Salto Alto**	**Preto;** **Branco;** **Amarelo;** **Lilás;** **Vermelho;** **Rosa;** **Azul;** **Verde;** **Prata;** **Dourado**	**Pente;** **Manto com Hieróglifos Bordados;** **Fita;** **Capas;** **Luvas;** **Cinto, Sol Bordados/Lua e Estrelas Bordadas;** **Lança (Ocasionalmente)**	

Ninfa Lua	**Vestido de Cor à Escolha da Ninfa;** **Sandálias/Salto Alto**	**Prata;** **Vermelho;** **Branco;** **Amarelo;** **Lilás;**	**Pente;** **Fita;** **Capas;** **Cinto Bordado;** **Luvas;** **Lua e Estrelas Bordadas**	
Luinha	**Vestido de Cor à Escolha da Ninfa;** **Sandálias/Salto Alto**	**Prata;** **Vermelho;** **Branco;** **Amarelo;** **Lilás;**	**Fita;** **Capas;** **Lua e Estrelas Bordadas**	
Luão	**Vestido de Cor à Escolha da Ninfa;** **Sandálias/Salto Alto**	**Prata;** **Vermelho;** **Branco;** **Amarelo;** **Lilás;**	**Pente;** **Fita;** **Capas;** **Cinto Bordado;** **Luvas;** **Lua e Estrelas Bordadas**	

	Ninfa Sol	**Vestido de Cor à Escolha da Ninfa; Sandálias/Salto Alto**	**Dourado; Preto; Branco; Amarelo; Lilás;**	**Pente; Fita; Capas; Luvas; Sol Bordado**	
	Madrinha	**Vestido de Cor à Escolha da Ninfa; Sandálias/Salto Alto**	**Dourado; Prata; Preto; Branco; Amarelo; Lilás; Vermelho; Verde; Azul**	**Pente; Fita; Capas; Luvas; Cinto com Elipse, Cálice e Seta Bordados;**	
	Representante da Condessa Natary	**Vestido Preto Estilo Colonial; Sandálias/Salto Alto**	**Preto; Branco; Amarelo; Lilás**	**Pente com Véu; Fita; Luvas; Leque; Bolsinha de Renda; Sombrinha Rendada Preta**	
	Profetisa	**Vestido Preto com a Imagem do Jaguar Colorido Bordado no Peito**	**Preto; Branco; Amarelo; Lilás; Vermelho; Azul; Verde; Prata**	**Manto com brilhos; Capas com Pena Azul Bordada; Luvas; Cinto Bordado; Lua e Estrelas Bordadas;**	
	Angical	**Camisa Preta; Camisa de Renda Preta; Saia de Chita com Fundo Preto e Estampa Florida; Sandálias/Salto Alto**	**Preto; Branco; Amarelo; Lilás; Castanho; Colorido**	**Fita; Placa de Identificação do Mentor Espiritual**	
	Prisioneira	**Vestido Colorido; Sandálias/Salto**	**Verde; Preto;**	**Echê e Sudário(Rosa**	

		Alto	**Lilás;** **Amarelo;** **Vermelho;**	**com Lenços presa ao Cabelo)** **Capa;** **Laço preso à Cintura;** **Corrente presa ao Braço;** **Caderno de Bônus**	

Fonte: o autor

Anexo 7 Mapeamento dos Seres Espirituais Equivalentes ao Vestuário do Vale do Amanhecer

Mentor	Vestimenta
Mulher de Samara 	**Samaritana** 
Magdala 	**Nityama** 

Madruxa



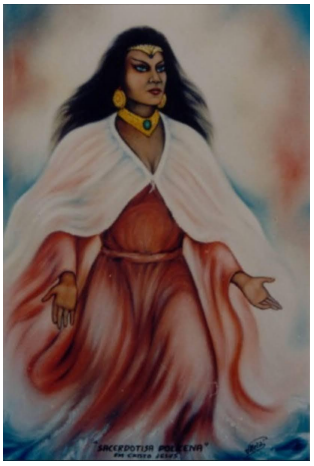
Nityama Madruxa



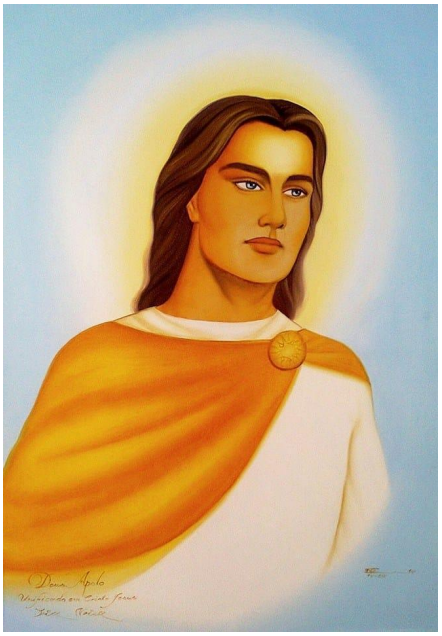
Abariana Verde



Policena



Deus Apolo



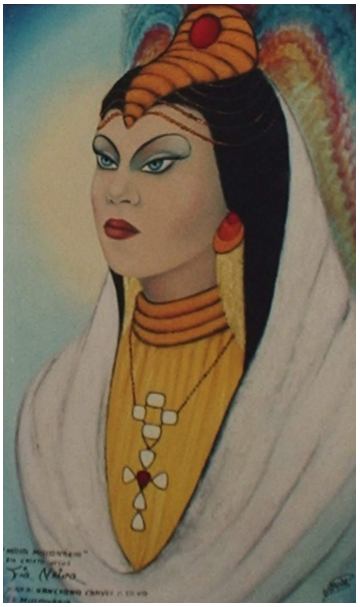
Grega Lua



Grega Sol



Guia Missionária Maya



Virgem do Sol



Maya



Os Três Reis Magos



Mago



Príncipe Ariane



Príncipe Maya



Ministro Yuricy



Yuricy Lua

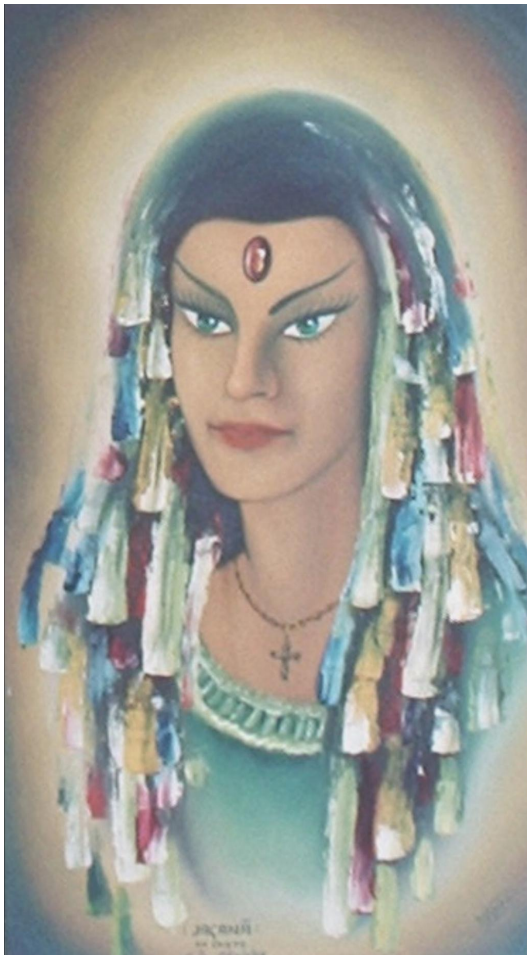


Yuricy Sol



Princesa Aline  	**Dharman Oxinto** 
Princesa Muruaicy  	**Muruaicy** 

Princesa Jaçanã



Jaçanã



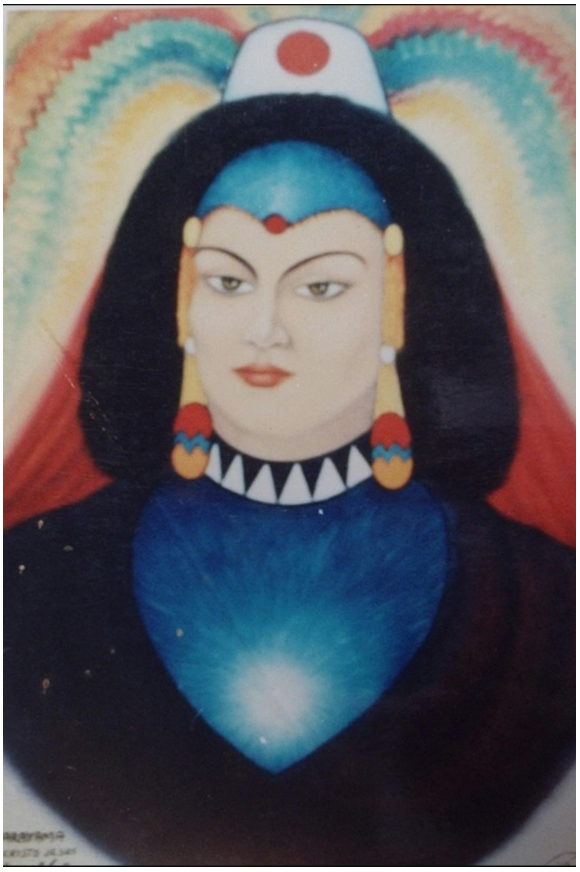
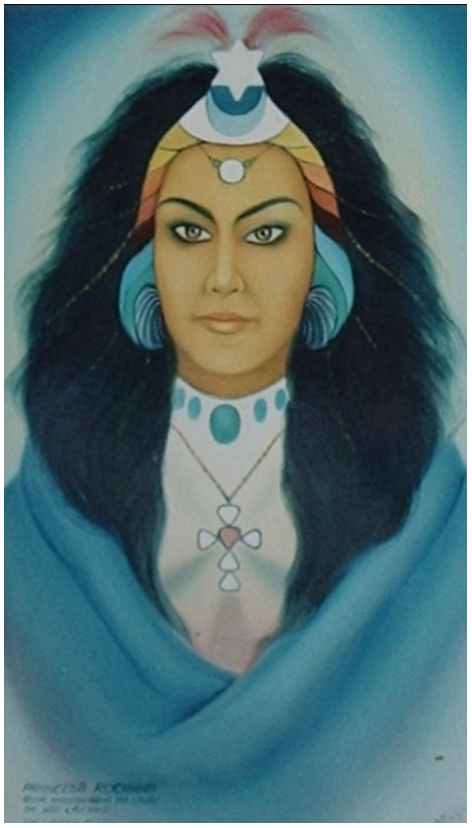
Princesa Ariana



Ariana da Estrela Testemunha



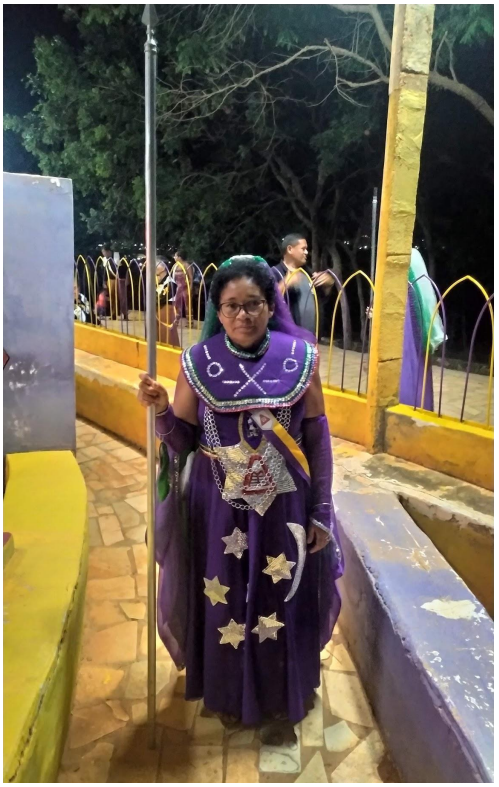
Guia Missionária Madalena de Cássia  	**Madalena** 
São Francisco e Clara de Assis 	**Franciscana** 

Princesa Narayama 	**Narayama** 
Princesa Rochana 	**Rochana** 

Princesa Cayçara



Cayçara



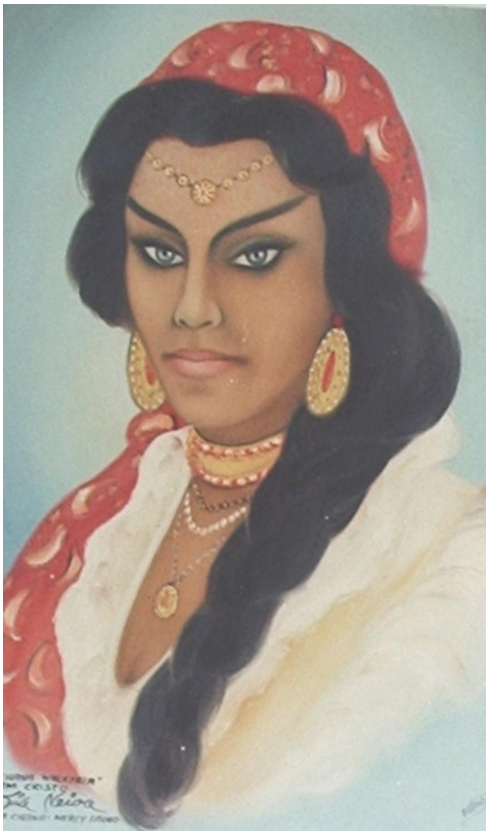
Pai Seta Branca



Tupinambá



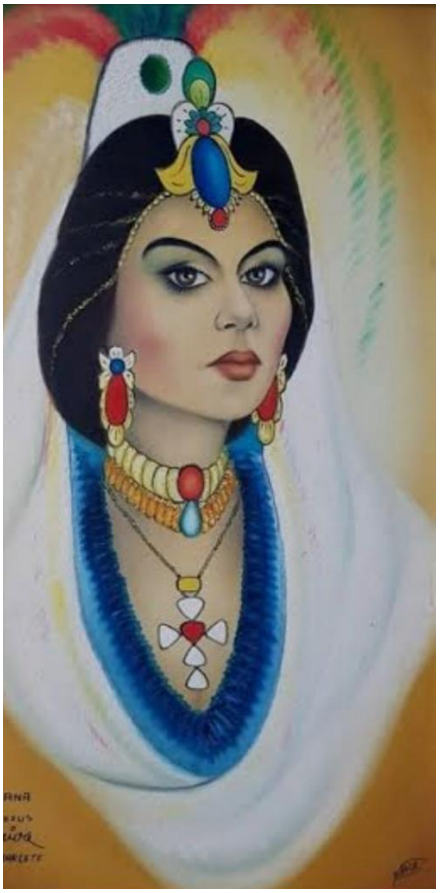
Cigana Valquíria



Cigana Aganara

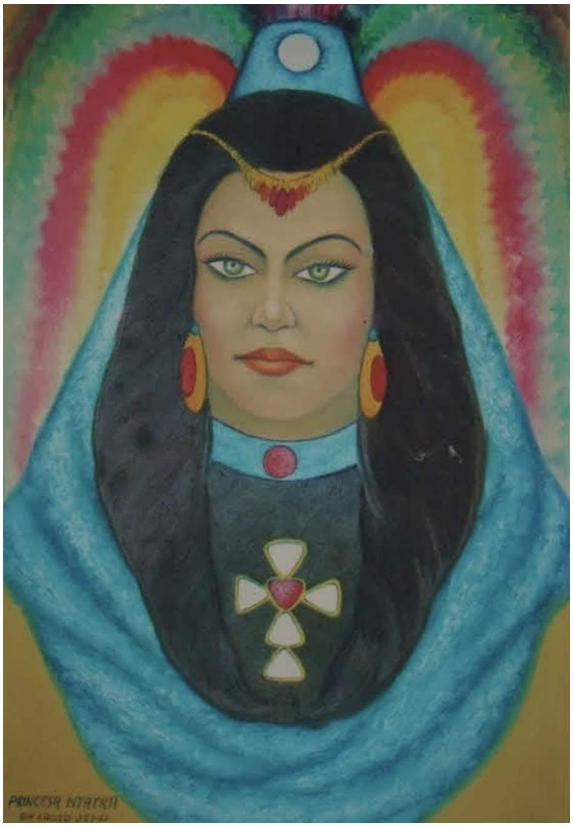
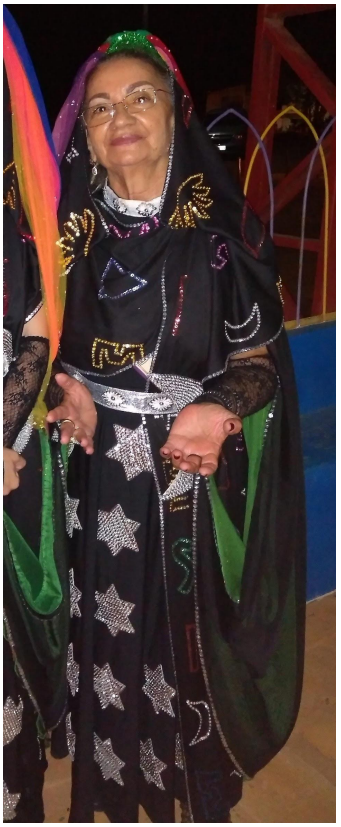


Guia Missionária Cigana Tagana



Cigana Tagana



Princesa Samboara 	**Agulha Ismênia** 
Princesa Nyatra 	**Nyatra** 

Fonte: o autor

Anexo 8 Categorias e Subcategorias para Análise Categorial Vertical

1. PERTENÇA AO VALE DO AMANHECER

1. **Entrada no Vale do Amanhecer: quando aconteceu e razões para entrar.**
   - **1.1. Escolha movida por afetividade? Alguém influenciou na escolha e a razão deste acontecimento.**
   - **1.2. Há quantos anos está no Vale.**
2. **Quais aspetos do Vale do Amanhecer foram atrativos.**
   - **2.1. Os vestuários.**
   - **2.2 As edificações e os rituais.**
   - **2.3. A figura de Neiva.**
   - **2.4. A questão de gênero.**
   - **2.5. A existência de outros jovens.**
3. **As vivências juvenis. A possibilidade da estadia na comunidade do Vale do Amanhecer permitir vivenciar a juventude de um modo diferente.**
   - **3.1. A possibilidade da socialização na comunidade do Vale do Amanhecer interferir nas interacções.**
   - **3.2. Afetividades (casamento, profissão, modo de se apresentar, vestir, maquilhar).**

2. CULTURA MATERIAL

1. **Vestuário utilizado.**
   - **1.2. Quantas vestimentas possui**
   - **1.3. O simbolismo das vestimentas nos rituais.**
   - **1.4. A representação das vestimentas.**
2. **Significado particular atribuído às suas próprias vestimentas.**
   - **2.1. Desenho do vestuário.**
   - **2.2. Confeção do vestuário.**
   - **2.3. Modo de fazer o vestuário.**
   - **2.4. Alteração no modo de fazer o vestuário.**

2.5. Representação do vestuário no âmbito pessoal.

2.6. O vestuário e a construção da identidade.

3. **O enredo por trás da vestimenta.**

3.1. Parte do vestuário de maior importância.

3.2. As vestimentas e a formação de grupos.

3.3. As vestimentas e o modo de agir.

3.4. Modo de se apresentar junto às vestimentas.

3.5. Uso de máscara de proteção ao trajar suas vestimentas.

3.6. Estilização das máscaras.

4. **O significado do modo de se comportar ao trajar as vestimentas.**
5. **O uso das vestimentas na comunidade do Vale do Amanhecer.**

5.1. O uso das vestimentas fora da comunidade do Vale do Amanhecer.

3. CULTURA MATERIAL DO VALE DO AMANHECER

1. **O sentido da materialização na comunidade do Vale do Amanhecer na vida pessoal.**

1.1. O sentido da materialização na comunidade do Vale do Amanhecer na vida dos familiares.

1.2. A relação entre a espiritualidade, as vestimentas e o espaço (cenário de interação) onde se desenvolvem os rituais.

1.3. Aspectos translocais e globais da cultura material da comunidade do Vale do Amanhecer.

2. **Vale do Amanhecer teatro a céu aberto.**
3. **Roteiros que remontam peças de teatro a serem encenadas.**
4. **Os espaços de interacção da comunidade do Vale do Amanhecer e a possibilidade de ser um outro.**

4.1. A possibilidade de ser outro neste universo criado e questões de poder.

4.2. Visão pessoal sobre as questões de poder na comunidade do Vale do Amanhecer.

4. SOCIABILIDADES NO VALE DO AMANHECER

1. **Interacções que se desenvolvem nos rituais da comunidade do Vale do Amanhecer.**

   1.2. As interacções nos rituais face os espaços, vestimentas e objetos.

2. **O que acontece nas interacções por via da materialidade?**

3. **O uso das vestimentas da comunidade do Vale do Amanhecer em detrimento ao uso de outras vestimentas.**

4. **As interacções fora dos rituais.**

   4.1. A materialidade da comunidade do Vale do Amanhecer e a possibilidade de interacções que se distinguem das relações fora do contexto da comunidade do Vale do Amanhecer.

   4.2. Atividades possíveis somente fora da comunidade do Vale do Amanhecer.

   4.3. Atividades possíveis somente no interior da comunidade do Vale do Amanhecer.

5. **Roteiro específico de interacções dos rituais.**

   5.1. Vestimentas específicas dos rituais.

   5.2. Ritual sem nenhum tipo de vestimenta da comunidade do Vale do Amanhecer.

   5.3. As vestimentas enquanto elemento fulcral para ritualística da comunidade do Vale do Amanhecer.

6. **As sociabilidades na comunidade através da Internet.**

   6.1. Perceção pessoal face o nível de sociabilidades na comunidade mediante o contato com actores sociais que estão em outro contexto geográfico.

Anexo 9 Sujeitos da Pesquisa

Entrevistado (a)	Função	Data da Entrevista
Denise de Morais Albuquerque	Regente da Falange de Tupinambás/Comandante de Abatá de Missionárias	20.01.2022
Maria Aparecida de Caldas	Regente da Falange de Mayas/Recepcionista/Comandante de Abatá de Missionárias	21.01.2022
Vicente Prudente de Almeida	Comandante/Comandante Janatã/Representante do 1º Cavaleiro da Lança Vermelha	28.01.2022
Ercília Maria Braga de Olinda	Dharman Oxinto/Comandante de Abatá de Missionárias	28.01.2022
Francisco Carlos Sales	Ajanã do Oráculo/Batizado/Casamento	07.02.2022
Ana Luiza Alves Honorato	Nityama/Recepcionista/Instrutora de Devas	09.02.2022
Carina Brito Taveira	Narayama/Recepcionista Aspirante	09.02.2022
Francisca Leite de Freitas Sales	Yuricy Sol/Comandante de Abatá de Missionárias/Antiga Instrutora de Desenvolvimento	10.02.2022
Ana Cristina Silva Prado	Regente da Falange de Jaçanãs/Profetisa/Tia do Pequeno Pajé/Comandante de Abatá de Missionárias	11.02.2022
Raimunda Alves Prado	Regente da Falange de Ciganas Aganaras/Comandante de Abatá de Missionárias	12.02.2022
Maria de Fátima Batista Costa	Regente da Falange de Franciscanas/Representante da Condessa Natary/Comandante de Abatá de Missionárias/Antiga Instrutora de Desenvolvimento	22.02.2022
Gersilar Oliveira de Lima	Grega/Comandante de Abatá de Missionárias/Antiga Instrutora de Devas	22.02.2022
Bibiana Belisário Santana	Dharman Oxinto/Filha de Devas/Instrutora de Devas/Tia do Pequeno Pajé	20.03.2022

Danilo Gonçalves de Carvalho	Mago/Comandante/ Comandante Janatã	20.03.2022
Neuza Alves da Silva	Regente da Falange de Nyatras/Comandante de Abatá de Missionárias/Antiga Recepcionista	25.03.2022
Walmir Francisco Holanda da Silva Sobrinho	Regente da Falange de Magos/Instrutor de Desenvolvimento e Iniciação/Comandante/ Comandante Janatã	29.03.2022
Pedro Lucas de Sousa	Mago/Comandante/ Comandante Janatã	30.03.2022
Lucas Cosmo de Meneses	Príncipe Maya/Instrutor de Devas/Recepcionista Aspirante	31.03.2022

Fonte: o autor